

ULTIMO CONSELHO DE MINISTROS DO VI GOVERNO



Melo Antunes: de ministro a presidente da Comissão Constitucional.



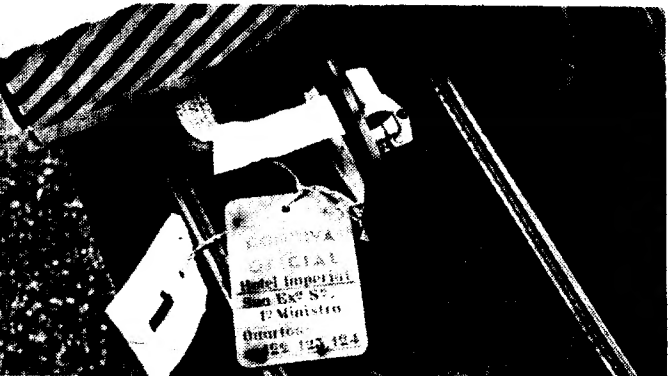
Magalhães Mota: da «dieta» ministerial para o grupo parlamentar do P. P. D.



Almeida Santos: ministro de cinco Governos Provisórios entra no primeiro definitivo?



Veiga Oliveira: com a sua saída o P. C. P. deixa de ter assento no Conselho de Ministros.



Entretanto a bagagem de Pinheiro de Azevedo saiu esta manhã de S. Bento.

CONTROLO OPERÁRIO PARA APROVAR

Após frequentes atrasos e adiamentos, a lei do controlo operário, que o Primeiro-Ministro interino, comandante Almeida Costa, admitiu poder vir a ser alterada mais tarde pela Assembleia da República, será hoje finalmente aprovada no último plenário do Conselho de Ministros do VI Governo Provisório, que, desde as 10 horas, se encontra reunido em S. Bento.

«Tal como a lei sobre o controlo de gestão pelos trabalhadores também o diploma que legisla as eleições para as autarquias locais poderá sofrer posteriores alterações por decisão da Assembleia da República, dado não ter o seu texto um carácter

obrigatoriamente definitivo, obedecendo apenas à necessidade da sua aprovação para cumprimento das eleições na data prevista pela Constituição», referiu Almeida Costa ao comentar críticas ao teor do documento por parte de alguns partidos políticos, nomeadamente o CDS e o PPD.

A entrada para o Conselho, que integra uma agenda de 22 pontos, entre os quais se destacam a lei dos solos e habitações clandestinas a discussão do Plano Integrado de Setúbal e os contratos de desenvolvimento na construção civil, os ministros mostraram-se na generalidade, pouco,

predispostos a fazer balanços finais sobre a acção do VI Governo. Salgado Zenha mostrou-se optimista quanto aos resultados obtidos, ressaltando o problema da recuperação económica em matéria de investimento, frisou «não possuir de momento dados estatísticos que lhe permitam, de imediato fazer um balanço global sobre a matéria». Melo Antunes considerou a governação positiva, afirmando não ser, porém, aquele o local e o momento para abordar o assunto com a clareza e profundidade necessárias. Recusou-se igualmente a fazer quaisquer comentários às afirmações do general Mo-

rais e Silva no seu regresso da Indonésia.

O ministro Almeida Santos, habitual porta-voz do Conselho, considerou inviável a hipótese do problema dos trabalhadores da República voltar a ser objecto de análise nesta última reunião do VI Governo ou de poder subir de novo ao Conselho da Revolução.

Quanto a uma pergunta dos jornalistas sobre a situação do «D.L.» Almeida Santos afirmou estar convicto de que o problema irá ser resolvido, com a satisfação da maioria dos pontos inseridos no documento apresentado pelos trabalhadores da Renascença Gráfica.

INICIATIVA DE KISSINGER

Plano para reinstalação dos brancos da Rodésia

WASHINGTON, 7 — (ANOP) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, moveu ontem um dos seus principais peões, na abertura da sua estratégia africana.

William Schaefele, ajudante do secretário de Estado para os assuntos africanos, abandonou Washington com destino a seis capitais africanas a fim de explicar aos dirigentes negros um ambicioso plano para reinstalação dos colonos brancos da Rodésia.

O plano que seria em parte financiado pelos Estados Unidos, foi discutido segundo círculos bem informados, nas conversações mantidas por Kissinger com o primeiro-ministro da África do Sul, John Vorster, durante o encontro de ambos, o mês passado na Alemanha Federal.

O plano tem como objectivo oferecer a saída da ex-colónia britânica aos colonos brancos que temem perder a vida ou as suas propriedades em proveito dos nacionalistas negros.

O destino dos colonos brancos, seria, numa primeira opção, a África do Sul ou a Europa.

Kissinger na sua recente digressão pelo continente africano, apoiou a ideia de um Governo negro na Rodésia mas absteve-se de propor a mesma solução para a África do Sul.

De acordo com o plano de Kissinger, os colonos brancos teriam um prazo de dois anos para abandonar a ex-colónia britânica, prazo de «transição» necessário para preparar a entrega do Governo aos negros.



A despedida

«Poupei este País a sacrifícios inúteis» — disse ontem em Queluz o Presidente cessante, general Costa Gomes, ao usar da palavra durante o «cocktail» que ofereceu ao corpo diplomático acreditado em Lisboa, onde o Terceiro Mundo tem finalmente as suas vozes.

EANES
PROCLAMADO
PRESIDENTE

(Pág. 2)

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

DESPEDIDA DIPLOMÁTICA

Para se despedir do corpo diplomático acreditado em Lisboa, o Presidente Costa Gomes ofereceu uma recepção nos salões do Palácio de Queluz. Este deverá ter sido o derradeiro acto público do general Francisco da Costa Gomes no exercício do espinhoso mandato que o Conselho da Revolução lhe confiou. E o ilustre militar, como aliás sublinhou em declarações que a imprensa já divulgou, pode vangloriar-se de deixar Belém com a missão cumprida. Com efeito, o general Francisco da Costa Gomes tem boas razões para afirmar: «Foram dois anos muito difíceis e trabalhosos, que obrigaram a uma vigilância e a uma análise constante da situação que mudava todos os dias. Eu apenas tentei conduzir este barco...» E conduziu-o, timoneiro experiente e hábil que é, de modo a levá-lo ao porto, de modo a «chegarmos a esta altura em que estamos prestes a institucionalizar a II República».

Sem Costa Gomes, sem a sua capacidade de diálogo e de manobra, sem a sua lucidez e a sua frieza, não teriam sido possíveis esta sucessão de eleições livres, esta constituição, esta República.

E o general Costa Gomes, consciente da sua contribuição para a estabilização democrática e para a defesa das condições subsistentes de avanço revolucionário, disse: «Quero acentuar que é muito difícil para alguém que não esteja completamente informado sobre a situação política que se viveu nestes dois últimos anos poder apreciar determinadas decisões.» Decisões relativas a problemas fundamentais, a debates dilacerantes, a momentos de aguda crise em que tudo poderia ter sido comprometido, em que tudo poderia ter degenerado em confronto, em violência. Deve-se ao general Francisco da Costa Gomes uma contribuição importante no exercício de poderes quase ilimitados que soube sempre, com lucidez, serenidade e inteligência, utilizar no sentido mais favorável à Democracia. Deve-se-lhe uma lição de cidadania.

A REVOLUÇÃO E A ORDEM

Considerando que, com prudência e determinação, foi possível conduzir o barco frágil em águas procelosas até à institucionalização, através de eleições livres, de uma autoridade civil, o general Francisco da Costa Gomes mostra-se confiante nos destinos do «processo revolucionário em curso». Para ele a Revolução não está encerrada, continua a ser uma via aberta ao trabalho e à imaginação dos portugueses. Não está ganha, é certo. Mas, também, não está perdida. A «ordem democrática», se for a expressão legal da defesa antifascista das conquistas do 25 de Abril, poderá representar, para o «processo revolucionário em curso», um momento de reflexão, um momento de crítica, uma fase de acumulação de forças. A Revolução tem que ser defendida.

O general Francisco da Costa Gomes disse: «A nossa Revolução está ainda em curso e, portanto, todos nós precisamos de ter um cuidado muito especial para a não fazermos perigar e atingir seguramente os objectivos do Programa do M. F. A.» Defender a Revolução segundo a melhor inspiração do «25 de Abril» segundo a definição formalmente adoptada na Constituição da República. Hoje, a defesa da Constituição reveste um aspecto fundamental. Confunde-se com a defesa do «25 de Abril». Confunde-se com a defesa de conquistas políticas, económicas e sociais que são passos decisivos na via socialista. Confunde-se com a defesa da própria ideia de que «a nossa Revolução está ainda em curso», como proclamou o general Francisco da Costa Gomes.

UMA CARREIRA QUE NÃO TERMINOU

Registem-se, como lição, as palavras de Costa Gomes aos jornalistas: «Como já tive oportunidade de dizer várias vezes não sou um político. Fui um político forçado...» Há quem se recorde, contudo, de Francisco da Costa Gomes ter sido um interlocutor político em pleno período salazarista. Os sentimentos democráticos, o espírito de responsabilidade cívica, o interesse pelos problemas nacionais de Francisco da Costa Gomes não nasceram nos dias de festa posteriores ao «25 de Abril». Não foi sob o peso de reivindicações corporativas que ele descobriu a inviabilidade da solução militar das guerras coloniais; não foi em África que ele descobriu Portugal como carne viva do povo, nem foi pela perseguição fascista que descobriu a necessidade de uma institucionalização democrática. Aqueles que o atacam de certo lado da barreira, e que certamente perderam a memória, um Francisco Ramos da Costa, actual embaixador da República Portuguesa na Jugoslávia, teria algo para dizer, para recordar.

Mas não respondamos com a «história» aos amadores das desgostantes e desgastantes «histórias» que têm evocado contra Costa Gomes. Preferimos ouvi-lo, na sua linguagem simples; aparentemente fria, mas reflectida e forte: «Sou sobretudo um militar que dedicou 45 anos da sua vida ao estudo. Fui uma das pessoas que mais oportunidades teve e mais esforços fez para se valorizar no campo técnico. Sou, portanto, na essência, um militar e não um político. Procurei dentro da minha formação matemático-militar fazer o melhor que podia e sabia dentro de uma linha que teve sempre por objectivo poupar este País a sacrifícios inúteis e dolorosos para a maioria do povo português. Julgo que atingi esses objectivos, e por isso retiro-me com uma certa satisfação interior.»

Há nestas palavras sábia, disciplinada orgulho, firme decisão. Este homem sabe que é, pode ser necessário. Não esconde que o admite. Sabe que as suas capacidades e competências são um capital político e técnico-militar. Di-lo sem jactância: «Eu julgo que tenho hoje um capital de experiência e até de conhecimentos que pode ser aproveitado, sobretudo nesta altura em que temos que reorganizar as Forças Armadas Portuguesas.»

E que temos, também, que reconstruir Portugal. Que fazer Portugal em Portugal.

Supremo confirmou Eanes presidente

«Para o cidadão António dos Santos Ramalho Eanes, as nossas sinceras felicitações pela sua eleição para o elevado cargo de primeiro magistrado na Nação. Para o senhor Presidente da República, que o é

rança contra o medo, a prisão e detenções arbitrárias; com liberdades responsáveis de expressão, de comunicação, de reunião e de associação; com direito à vida privada em família e defesa da honra e da

Gama Fernandes, presidente interino da Assembleia da República e o prof. João da Palma Carlos, procurador-geral da República.

De acordo com a Constituição, a posse de Ramalho Ea-

tes:

Inscritos, 6.467.480; votantes: 4.881.125 (75,47 por cento); abstenções: 1.586.355 (24,53 por cento); Eanes: 2.967.137 (60,79 por cento); Otelo: 792.760 (16,24 por cento); Azevedo: 692.147 (14,18 por cento); Pato: 365.586 (7,49 por cento); Brancos, 20.253 (0,41 por cento); Nulos: 43.242 (0,89 por cento).

CNE esclarece

Em relação à data da posse do novo Presidente da República, a Comissão Nacional das Eleições emitiu um comunicado no qual afirma que ao contrário do que foi divulgado por alguns órgãos da Comunicação Social, nunca fez qualquer declaração quanto à data do início do novo mandato presidencial, «por entender que tal excedia a sua competência». A CNE esclarece ainda que nunca existiu qualquer diferendo entre ela e qualquer outra entidade, «ao contrário do que, especulativamente, foi noticiado por alguns jornais».

COMUNICADO DO STAPE

O Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais do Ministério da Administração Interna também emitiu um comunicado sobre a actual fase pós-eleitoral, informando que estão terminadas as operações de apuramento definitivo dos resultados.



Mário Soares, indigitado Primeiro-Ministro do próximo Governo, compareceu à breve cerimónia. Pelo C. D. S. esteve Adelino Amaro da Costa, enquanto o P. P. D. se fazia representar por Amândio de Azevedo.

a partir desta proclamação, sinceros votos pelo bom exemplo do seu mandato».

Faltavam 15 minutos para as 13 horas de ontem quando o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, dr. José Joaquim de Almeida Borges leu estas palavras, trecho da proclamação do general Ramalho Eanes como novo Presidente da República, diante de uma reduzida mas significativa assistência. A proclamação dizia mais: «Que o mandato seja exercido na plena garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos, com liberdade para todos os portugueses, em segu-

reputação social».

No salão de audiências do STJ, assistiram à proclamação, os representantes dos três principais partidos que apoiaram a candidatura de Ramalho Eanes: Mário Soares, pelo PS, Amândio de Azevedo, pelo PPD e Amaro da Costa, pelo CDS. Presente também o eng.º Fernando Blanqui Teixeira do PCP. Compareceram ainda, diversos membros do Governo: Lopes Cardoso, Almeida Costa, Jorge Campinos, Walter Rosa, Salgado Zenha, Vitor Crespo e Pinheiro Farinha. Da mesa, fizeram parte, além destas personalidades, o dr. Vasco da

nes no cargo para o qual foi eleito deverá verificar-se até ao próximo dia 14, oito dias após o apuramento oficial dos resultados eleitorais. Pensa-se que Eanes assumirá o cargo no último dia deste prazo.

RESULTADOS OFICIAIS

De acordo com a acta da Assembleia de Apuramento Geral das Eleições, igualmente lida no acto da proclamação de Ramalho Eanes como Presidente da República, o resultado oficial das eleições do passado dia 27 foram os seguin-

PARA A DIRECÇÃO DO P.S.

Grupo de Defesa do Programa é uma "criação fantasmagórica"

O Partido Socialista, em texto do seu Secretariado Nacional do subscrito por Manuel Alegre, divulgou o seguinte comunicado:

«Publicam alguns vespertinos uma notícia segundo a qual teria sido formada uma tendência no P. S. — o G. D.P.S. (Grupo de Defesa do Programa Socialista).

Não se pode deixar de sublinhar o facto de os referidos jornais darem relevo a uma notícia que se baseia num documento anónimo.

A Direcção do Partido Socialista não tem qualquer conhecimento da existência de tal grupo.

Assim, em tempo de G.D.P.S. tudo indica que o G.D.P.S. de que falam o «Diário de Lisboa» e o «Diário Popular» é mais uma criação fantasmagórica dos que não desistem da manobra de fundar um «Partido Verdadeiramente Socialista».

Acontece que esse partido já existe: é o P.S. O P.S. que venceu novamente as eleições e irá formar Governo para aplicar o seu programa, sem necessidade de grupos de dinami-

zação nem de qualquer policia interna, já que a sua força assenta precisamente nos princípios e métodos democráticos que defende.»

N. R. — O «DL» não está, directa ou indirectamente, interessado em qualquer «manobra» para fundar um P.V.S. Mas tem por missão informar os leitores e, portanto, não podia deixar de divulgar uma comunicação que lhe foi feita por alguém politicamente respon-

sável.

Não conhece as razões que levaram o Secretariado Nacional do P.S. a supor que se está em presença de um «documento anónimo». A dar-se o caso de tal documento existir, e tendo em conta a reserva pessoal que nos foi transmitida, ter-se-á que admitir que aqueles que no P.S. assumem uma posição de tendência receiam eventual procedimento dos órgãos directivos.

Nota do E.M.E. a propósito do julgamento de Vera Lagoa

O Estado-Maior do Exército divulgou, a propósito do julgamento de Vera Lagoa, uma nota do seguinte teor:

«Segundo afirmações atribuídas à jornalista Vera Lagoa e publicadas na imprensa, a propósito do recente julgamento da referida jornalista, teria havido pressões de sectores militares no sentido do coronel

Jaime Neves e do tenente-coronel Casanova Ferreira não irem depor no mesmo julgamento.

Esclarece que nenhum destes oficiais foi requisitado oficialmente para o efeito, sem o que não poderiam comparecer, muito embora, ao serem contactados pela ré, não se tivessem oposto a estar presentes no julgamento.»

Estado de saúde de Pinheiro de Azevedo sem alteração

Mantém-se estacionário o estado de saúde do almirante Pinheiro de Azevedo, internado no Hospital de S. João, no Porto.

Entretanto, deslocou-se esta manhã ao Porto, por via aérea, o secretário de Estado da Informação, tenente-coronel Ferreira da Cunha, com o objectivo de visitar Pinheiro de Azevedo e o brigadeiro Pires Veloso, este último internado no Hospital Militar.

Cerca das 18 horas, Ferreira da Cunha deverá trocar impressões com os jornalistas (durante cerca de 20 minutos) na delegação do M.C.S. no Porto.

Contribuição industrial

A declaração dos contribuintes do grupo A, relativa a Contribuição Industrial, deve ser apresentada até final do corrente mês — segundo esclarece uma nota do Ministério das Finanças.

Conforme niticiámos, o «Diário da República», de 30 de Junho, publicou um decreto que insere várias alterações ao código da Contribuição Industrial e aprova o novo modelo n.º 2 da declaração dos contribuintes do Grupo A.

T R O C O

Os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição e fabricamos por desenho. Facilidades de pagamento.

Armazéns Móveis Jorge Av. Almirante Reis, 35 (aos Anjos). T. 832161

post-scriptum

A Reestruturação do Exército não será para bem do povo?

Num programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas, exibido no dia 30 de Junho último, depois de nos mostrarem os trabalhos de abertura de uma estrada no interior do País, realizados por máquinas e pessoal do Exército, foi dito que não valia a pena deixar nascer muitas esperanças em futuras realizações deste género, porque o Exército teria que ser reestruturado em moldes mais operacionais, o que lhe não daria oportunidade de continuar nestas missões!

Em seguida foi-nos mostrado, com grande minúcia e perfeição técnica como é que os portugueses derrotaram os espanhóis na batalha de Montes Claros, em 1665...

Ora eu gostaria de perguntar ao Exm.º Estado-Maior-General das Forças Armadas, se ainda quer preparar o Exército português para resistir aos espanhóis na guerra da independência, ou se estamos em perigo de ser atacados pelas tropas dos nossos vizinhos do Pacto Ibérico?...

Mas entrando no aspecto sério da questão, pergunto: 1.º Por quem foram pagas essas gigantescas máquinas que estão na posse do Exército e que serviram em África para abrir estradas, no mato, para exterminar os «terroristas» como eram chamados os nossos irmãos africanos?

2.º Porque é que essas máquinas que serviram para abrir caminhos para matar, não podem agora continuar a abrir caminhos para que o povo do país que as pagou possa ter os benefícios que resultam de transportes mais rápidos?

3.º Será que a reestruturação do Exército é para bem do povo ou para mal? Pois qual é a independência que está agora em perigo?

Não é a independência económica? E para se conseguir a independência económica o que é que nos falta? É um Exército capaz de derrotar os espanhóis, que nos não atacam militarmente, ou um país bem dotado de infra-estruturas (entre as quais são fundamentais as estradas) para se poder desenvolver economicamente, pondo a render todas as suas potencialidades tão mal aproveitadas até ao presente?

Maria de Lurdes Mendes Reis — Almada

Ociosidade e delinquência

O arbitrio e a impunidade são atributos característicos do fascismo; quanto a «disciplina fascista» constitui um adorno de garantia para a impunidade de delinquentes (desde o arruaceiro ao ministro corrupto e ao juiz venal, passando pelo carteirista e pelo salteador).

Em democracia não pode haver crimes impunes nem o arbitrio pode dispor de lugar, quando isso só por si já é um crime. No arbitrio, como fraude, está incluído o desrespeito dos direitos de cada um — o que é também crime contra a democracia.

Na defesa desse primado de convivência cívica (que é a democracia) tem de contar-se com a disciplina democrática, que se deve situar na salvaguarda de quem trabalha e produz, de quem acata «as leis legítimas» e cumpre honestamente a sua missão — ao mesmo passo que não pode recusar-se a punição dos que causam prejuízo a outrem ou à sociedade em que se movimentam.

O País, para ressurgir, precisa da actividade de toda a gente de bem — mas precisa, também, e urgentemente, de se libertar do cancro da delinquência. Nunca serão de mais as ajudas que forem prestadas àqueles que, por processos idóneos, diligenciam trabalhar e ganhar o pão.

Mas é preciso refrear, sem demora e sem contemplações, a onda de crime, nos seus diversos matizes (o que inclui a vadiagem, o atentado a direitos elementares de todas as pessoas que merecem uma paz democrática).

Incumbe ao poder público sacudir os parasitas, levando-os à obrigatoriedade de contribuírem, por meios honestos para que lhes calhe, então, o pão merecido.

Nas zonas limítrofes da cidade, onde multidões laboriosas recorrem a moradas que, em muitos casos, mais não são do que «dormitórios», proliferam faunas parasitoides cuja «personalidade» parece estar apenas em poibir o sono repousante da noite, pelo barulho ensurdecedor de motorizadas que não param de viagens inúteis no percurso repetido das mesmas ruas.

Condenável, também é essa «actividade» abusiva durante o dia, perturbando o sossego de que o próprio trabalho carece, para os que não fazem vida de párias.

E os roubos de automóveis? E os assaltos? E os arrombamentos? E a destruição de bens do património público?

Quem mete esses «meninos» na ordem (numa ordem que não se concilia com a libertinagem, com a delinquência, com atentados e ofensas à democracia)?

A quem compete agir, para que sejam cerceados os atropelos de uma gente apostada em vegetar segundo a sua «lei exclusiva» de ociosidade criminosa?

Em povoações de largos milhares de habitantes, onde não existe posto policial, nem sequer guarda-nocturno, essa fauna de vadios hábeis na delinquência, embrenhados na droga — e que até têm «chefes» e espécie de «código», entram de «serviço» logo que os transportes públicos cumpram o último horário.

Não será já, mais do que tempo de as autoridades desmantelarem essas «súcias» de parasitas e, sempre que se verifiquem desmandos, «guardá-los» a recato durante alguns períodos de «férias», justamente para tranqüilidade das populações, a quem cabe o direito de serem defendidas?

Marques Ribeiro — Rio de Moura

Açores

O QUE O SANGUE UNIU E O MAR SEPARA... (2)

Eram nove ilhas despovoadas no mar de solidão e espantoso.

Foram marinheiros portugueses que as descobriram. Senhores e criados da Casa do Grande Infante e, depois de outras casas fidalgas as povoa-rem, antes que por fama das «dadas» acorressem bretões e flamengos, com suas gentes e viessem estabelecer-se naquelas ubérrimas terras.

A Ilha do Corvo — que vive ainda hoje num comunitarismo cristão — foi povoada por servos do Conde de Vila-Franca, que ganharam, ali, sua alforria.

Em breve tudo ficou amalgamado, numa única gente, uma única história, um único culto religioso, com o mesmo responso para os mortos e a mesma litania para saudar a vida na pia baptismal. Um mesmo latejar de liberdade, onde refugiados das lutas religiosas e também alguns judeus, encontraram liberdade e segurança e termo a perseguições.

Esquecido ou ignorado pelo poder central, o povo açoriano teve que contar a reunir suas forças na grande batalha da sobrevivência.

A iniciativa de uma classe possidente se devem a implantação de estruturas industriais.

Culturas do chá e do ananás foram experimentadas e vingaram.

Um movimento constante de ideias e cultura seguiu seu curso e o amor pela leitura ganhava a monotonia do isolamento.

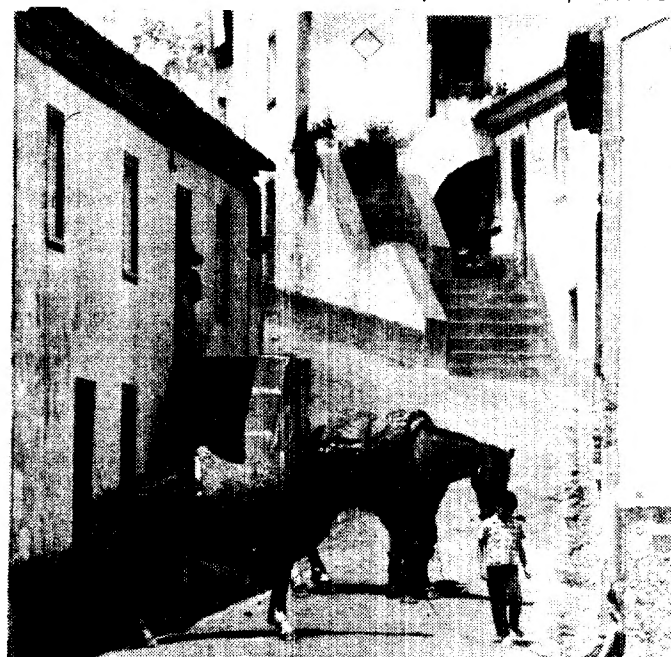
Gaspar Frutuoso teve continuadores.

Na Biblioteca de Ponta Delgada a rica camoniana de José do Canto Codices e edições raras, mostram o apego do povo açoriano e suas elites para cultura.

Toda uma fiada de gente de acção e pensamento marcam posição cimeira na vida intelectual dos Açores: é Antero, Teófilo, Manuel de Arriaga, Hintze Ribeiro, Sena Freitas, Pde. Serrão, José do Canto, José Maria Raposo de Amaral, Humberto de Bettencourt, Supico, Costa Rezende, José Bruno, Dr. Aristides Moreira da Mota, Luis Bettencourt, D. José da Costa Nunes, D. José Vieira Albernosa, D. Humberto de Me-

deiros, Cortes Rodrigues, Luis Ribeiro, Dr. Luis Bernardo Atayde, Manuel Augusto Amaral, Afonso Chaves, José Agostinho, Canto da Maia, Dr. Luis Ribeiro, Vitorino Nemésio, Maria Luíza Atáide Costa Gomes, José António das Neves.

A Religião, a Poesia, a Política, o Jornalismo, o Romance, a Pintura, a Escultura, a Música, está representada amplamente por açorianos, na sucessão de gerações ilustres.



Há recantos nos Açores onde se pensaria que o tempo parou

E tudo defenido por uma economia dirigida por: Melo Abreu, cervejas, Bensaúde, tabacos e navegação, Caetano de Matos, moagens, Cristiano Frazão Pacheco, conservas, ananases e navegação, Jaime Hintze, chá; todos estes e mais alguns, como Nicolau Lima, estruturaram a indústria dos Açores com capitais açorianos.

Este reconhecimento de valor próprio e o esquecimento a que a metrópole, por vezes, nos votou, não pôde firmar amizade, mas não destruiu laços afectivos, que fundas raízes sustentam no mesmo amor a uma pátria comum.

Era injusto pensar que Lisboa mandona, nos votou por

acinte ao esquecimento. Mas a realidade parece outra.

Tentativas de nos fazer ouvir, passadas as inevitáveis afirmações de esperança, voltaram ao mundo donde fagueiramente surgiram e a vida foi rolando... rolando.

A situação dos Açores porém ganhou vulto estratégico e uma projecção económica apreciável.

Dai o entusiasmo carinhoso com que os mais precavidos

car dollar's, mas de auxiliar a iniciativa particular local.

Há que estruturar uma rede eficiente de fios. Há que inaugurar um sistema de transportes válidos, com supremacia dos aéreos, sem monopólios que nos desmoralizem.

Há que «botar» sentido que os mundos continentais têm o direito a bom leite, que o podem beber fresco, sem o recurso de seus pais o comprarem na farmácia rotulado de produtos «Nestlé».

Há que acabar com o monopólio dos que fixam o preço do leite e o pagam tarde e a más horas.

A lavoura é sustentáculo do povo açoriano. Não pode aguentar sozinha o peso do trabalho e os outros arrecadarem os lucros.

Há que reestruturar toda a orgânica dos laticínios. Rever os preços e obrigar os interessados a pagar a pronto.

Há que dar volta ao mar. Colocar com facilidades de pagamento navios fábricas, ao serviço da pesca açoriana.

Há que defender de intromissões as águas que são reservas e riquezas do povo açoriano.

Braços para o trabalho, iniciativa, decisão, temos de sobra.

Há que olhar para os Açores enquanto é tempo. Não deixar alastrar o falso sentimento que portugueses e açorianos são adversários.

Não estender sentimentos de triunfo elitistas e os misturar com anseios de libertação económica.

Há uma população «lusso-americana», que numericamente atinge o dobro da população das Ilhas, implantada na América e estes de uma vez para sempre, pelo amor à sua terra, começam a descer que ela encontre a prosperidade a que tem direito e a atenção dos responsáveis do Poder.

Há, finalmente, o pensar que é fácil teleguiar essa força em desfavor de Portugal.

E quem está interessado no processo?

E quem tem provocado divisionismo explorando influências em espectos regionais?

QUE SIM MAS QUE TAMBÉM...

Os Açores têm de exportar os seus produtos a nível de preço internacional. A sua indústria tem de ter caminho aberto, sem peias alfandegárias, nem farsaicos empecilhos. Neste caso o tabaco e o chá.

Carne e laticínios e os primores da terra têm de ser colocados no continente em igualdade de preço com os produtos da metrópole.

A banca, agora nacionalizada, tem funções a cumprir, deixando a preocupação de repes-

MORNAÇA

...PONTA DELGADA, Julho — Queimo cigarros uns atrás dos outros. Não penso que estou a queimar dinheiro, que tanto me custa a ganhar, e a saúde que, uma vez perdida, penosamente ou nunca mais se recupera.

Tomo café. Chávenas de café que emborco e que nem sei já quantas foram.

Tudo na tentativa de me libertar do pesadelo deste calor carregado de humidade viscosa que, com a roupa peganhenta que se nos cola à pele, nos esmaga, nos estrangula, nos afoga, nos penetra o corpo, nos chega lá dentro, ao mais íntimo de nós mesmos e nos deixa nesta inacção, neste torpor, que nos atira para aqui como a um fardo sem vida.

De quando em quando, o ruído de um automóvel, de um camião, de uma motorizada, na rua.

Olho pesadamente, pela janela aberta, as verduras luxu-

riantes do quintal, as árvores, mais além, nos jardins das casas vizinhas.

Ruídos de automóveis, de camiões, de motorizadas, pairando por momentos no ar e logo se sumindo na primeira curva do caminho enrodilhado em vagas de poeira.

Mais um cigarro queimado que atiro para o cinzeiro já raso. Mais uma chávena de café negro que emborco nesta mornaça de que nada me consegue libertar.

Sei que o mar se estende ao longe, por detrás daquelas árvores — das copas daquelas árvores.

Oíço cânticos de aves. Talvez de um canário. Talvez de um tentilhão. Talvez de um melro.

E a presença do mar neste cheiro a salgado embebido nesta humidade que respiramos pelo nariz, pela boca, pelos poros.

Também sonolentas, as aves. Canários? Tentilhões? Melros?

Baixo os olhos para a brancura siberiana do papel, em que o aparo da caneta se me arrasta pesadamente, como ferro de alvião a rasgar a terra nas mãos cadavéricas e inertes de um velho.

No mar, adivinho navios que não vejo. Navios que vêm dos confins das distâncias, a desprenderem-se do horizonte plúmbeo, a aproximarem-se da terra amortilhada em verdura e nuvens cinzentas.

Entram-me pela porta que se abre notícias do dia que passa. Fumaças do cigarro entalado nos lábios. Gotas de café a escaldarem-me a garganta ressequida.

O cântico dorminhoco das aves recolhidas nas copas densamente arredondadas das árvores tocando as nuvens cinzentas do céu todo cinzento.

Navios que não vejo e que adivinho — no mar. Navios que chegam e que amarram, navios que desatracam e que partem...

Notícias que me trazem: de-

DIAS DE MELO

sabamentos *estranhamente* estrondosos, à uma hora da madrugada, na Rocha da Relva, freguesia próxima, a oeste da cidade; rebentando de uma bomba, pelas oito horas da manhã, nas imediações do aeroporto...

Nuvens cinzentas esmagando as árvores, os jardins, o casario, as ruas da cidade...

Procuro ficar indiferente às notícias. Bomba a mais, bomba a menos... Grande carnaval dos bombistas impunemente à solta, aqui, em Lisboa, na Madeira, no Centro, no Norte do País!

Mas...porquê os desabamentos na Rocha da Relva, com *estrandos* assim tão grandes?!...Porquê aquela bomba no aeroporto?...

Navios que chegam, navios que partem, que vão rompendo as águas do grande Atlântico de proa feita ao grande mundo.

Um avião, muito alto, por cima das nuvens cinzentas que nos esmagam nesta cidade cinzenta...



UMA NOVA BASE — a nova «BASE TEITANTE» (FILTRANTE) de «GUERLAIN»; ligeira, fluida, transparente; a «BASE TEINTANTE» maquilha de maneira natural, dando ao rosto luminosidade e cor saudável. Filtrante, esta base de «GUERLAIN» deixa passar as radiações que douram a pele e é ainda uma protecção invisível contra os efeitos nocivos do sol — uma causa de envelhecimento. (EXISTE EM CINCO CORES)

Nacional

O M.E.S. E AS ELEIÇÕES

“Votação em Oteló é uma votação de classe”

«O povo votou contra o 25 de Novembro» — diz o Comité Central do Movimento de Esquerda Socialista num comunicado recentemente emitido a propósito dos resultados das eleições presidenciais do passado dia 27 de Junho. Esse

é o primeiro e «três ensinamentos fundamentais» que o MES entende que as eleições forneceram. O segundo nas palavras da mesma organização: «O povo repudiou as propostas dos sociais-democratas e reformistas». O terceiro: «O povo

quer a unidade popular». O MES detem-se pormenorizadamente sobre cada um destes «três ensinamentos fundamentais» analisando a expressiva votação obtida pelo major Oteló.

Constatando que «foram às centenas as freguesias de concentração operária, de Norte a Sul, onde Eanes foi derrotado», o MES sublinha «a recusa firme e segura do fascismo» por parte do Povo Português e «a determinação combativa do proletariado, força de vanguarda na luta contra a recuperação capitalista».

O MES destaca «o repúdio do povo trabalhador pela política dos sociais-democratas para se opor ao fascismo e contribuir para a resolução da crise em favor dos interesses dos explorados e oprimidos».

A tónica em Oteló: «O programa da candidatura de Oteló, programa de unidade, organização e luta, foi o único pro-

grama que respondeu, na prática, às aspirações das massas trabalhadoras, o único que soube ligar a resposta à ameaça fascista, à recuperação capitalista, à luta pelo socialismo» — assegura o MES. E falando do que chama «a vitória da candidatura de Oteló», a organização diz que ela consiste em «ter sido capaz de abrir o processo que pode conduzir à unidade política das massas populares».

«A votação em Oteló foi obtida à custa de eleitores que até aqui tinham dado o seu voto ao PS, sobretudo nos distritos de concentração operária do Norte (Aveiro, Porto, Braga), do Sul (Lisboa e Setúbal) e em Faro, e de eleitores do ou ao PCP, sobretudo nos distritos rurais do Sul (Beja, Évora, Santarém) e na Cintura Industrial de Lisboa» — verifica o MES. E diz: «A votação em Oteló é uma votação de classe».

POSIÇÃO DO P.C.P. (R.)

Votos em Oteló foram vitórias das massas

«A candidatura do general Oteló e os resultados obtidos foram uma importante vitória das massas populares», segundo afirma o PCP(R), num comunicado agora tornado público e que resume a análise feita pela Comissão Política do Comité Central daquele partido sobre os resultados das eleições para a Presidência da República e para as Assembleias Regionais dos Açores e Madeira.

Referindo-se aos GDUP's, o comunicado afirma que eles «responderam aos anseios de

unidade das mais amplas massas populares e são hoje as bases de uma ampla frente popular», afirmando depois que foram dados, durante a campanha eleitoral, importantes passos no reforço da aliança dos operários com os camponeses, do Norte com o Sul, «fazendo ruir as atoardas dos reaccionários interessados em cavar um fosso entre a cidade e o campo e o Norte e o Sul».

A Comissão Política do Comité Central do PCP(R) saúda depois «o general Oteló» pelo esforço e abnegação com que se empenhou na campanha, contribuindo para que o amplo movimento popular gerado em torno da sua candidatura ganhasse energia e vivacidade, bem como pela «capacidade política de que deu mostras, compreendendo o significado, a importância e a necessidade do reforço, consolidação e alargamento do movimento popular de massas e a sua projecção no futuro ao propor realização de um grande Congresso de Unidade Popular».

A tarefa de consolidar os GDUP's, de alargá-los e de transformá-los de órgãos de agitação em órgãos de luta contra as medidas antipopulares que foram tomadas pelos governos é considerada essencial pelo PCP(R), que afirma também que aqueles devem participar na luta por um Congresso Sindical, Unitário, Democrático e Revolucionário. c Sobre as outras candidaturas à Presidência da República o comunicado do PCP(R) afirma que a votação em Eanes constituiu um fracasso da manobra da grande burguesia portuguesa e do imperialismo, que pretendiam «obter uma votação massiva que lhe permitisse decretar de imediato o fim da Revolução Portuguesa e a destruição das conquistas alcançadas pelas massas trabalhadoras. A votação em Eanes demonstra que a maioria de seis milhões de eleitores recenseados recusou o candidato do fascismo, o que constitui uma derrota para as forças reaccionárias».

Referindo-se à candidatura de Octávio Pato o PCP(R) considera-a «como uma tentativa desesperada de divisão e sabotagem do amplo movimento de unidade popular que se ia erguendo em torno do lançamento da candidatura do general Oteló».

A terminar o comunicado refere-se às eleições nas Ilhas, congratulando-se com os bons resultados obtidos pela UDP na Madeira, onde conseguiu eleger dois deputados «numa região onde os fascistas separatistas andam de braço dado com as autoridades e com os senhores provocando a repressão generalizada sobre o povo explorado».

SINDICATO DOS CAPITÃES, OFICIAIS PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIODÉCNICOS

DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA

MESA DE VOTO

Funcionará no dia 9 de Julho de 1976 (sexta-feira) uma Mesa de Voto, entre as 09.00 e as 22.30 horas, na sede deste Sindicato, na Praça de D. Luís, 9-1.º Dt.º em Lisboa.

ASSEMBLEIA GERAL

Para cumprimento do disposto na alínea 1) do Art.º 22.º dos Estatutos e alínea 1) do Art.º 4.º do Regulamento Eleitoral é convocada para as 21.00 horas de sexta-feira, 9 de Julho de 1976, uma ASSEMBLEIA GERAL, na sede do Sindicato, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único: Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1976/78.

Lisboa, 8 de Maio de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Júlio Quintela Paixão de Almeida Dias

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ADMISSÃO DE PESSOAL DE ENFERMAGEM

ENFERMEIROS DE 2.ª CLASSE E AUXILIARES DE ENFERMAGEM 2.ª

Para conhecimento dos interessados se publica, que se encontram abertas inscrições, pelo prazo de 8 dias, a contar da data da publicação deste anúncio, para as categorias acima indicadas.

Poderão inscrever-se os indivíduos de ambos os sexos, que tenham a idade mínima de 18 anos e máxima de 40 anos de idade, possuidores, respectivamente, do curso geral de enfermagem e curso de auxiliar de enfermagem.

Os possíveis interessados, deverão dirigir-se ao Campo dos Mártires da Pátria, 91-2.º, Esq.º, Lisboa-2, munidos de 1 folha de papel selado e o respectivo documento das habilitações profissionais.

Com os meus melhores cumprimentos.

Pe'l'A Comissão Instaladora,
(ilegível)

LEIA NA PRÓXIMA
opção

**CHINA
HOJE**

Artur Portela Filho
em

**PEQUIM-CANTÃO
CHANGAI-NANQUIM**

Nacional

REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL

P.C.P. mantém-se "coeso, firme e confiante"

Teve lugar anteontem uma reunião plenária do Comité Central do Partido Comunista Português. O comunicado divulgado sobre a reunião refere que «o Comité Central examinou a campanha e as eleições para a Presidência da República e a situação decorrente dos seus resultados».

Sublinhando as dificuldades do processo da Revolução Portuguesa o Comité Central reafirmou — salienta o comunicado — a confiança na capacidade da classe operária, das massas populares das forças democráticas para assegurarem a defesa dos seus interesses vitais, das liberdades e das outras conquistas da Revolu-

ção, tendo ainda salientado a «decisiva importância da unidade dos trabalhadores e dos democratas e da aliança do povo com as Forças Armadas».

A concluir, e depois de referir que o CC aprovou uma resolução intitulada «O PCP e a situação política após as eleições presidenciais», o comunicado dá conta de que o «Comité Central verificou que, apesar da extrema complexidade da situação, o Partido se manteve e mantém unido, coeso, firme, confiante, em condições de continuar tendo a intervenção que é necessária e indispensável para a consolidação e a construção do novo regime democrático, no caminho do socialismo».

NA ASSEMBLEIA DA REPUBLICA

U.D.P. não tem estatuto de grupo parlamentar

Representada na Assembleia da República apenas por um deputado, a UDP, União Democrática Popular, não poderá constituir grupo parlamentar. Tal estatuto foi-lhe recusado por consenso no âmbito da Comissão encarregada da redacção do Regimento da A.R. e baseia-se no princípio de que, para o estatuto de grupo parlamentar, será necessária uma representação mínima de deputados.

Haverá, pois, apenas quatro grupos parlamentares dentro da Assembleia: PS, PPD, CDS

e PCP. O facto, todavia, não significa que ao deputado da UDP, Acácio Barreiros, não sejam atribuídos todos os direitos que os textos legais consignam.

Entretanto, a Comissão encarregada da redacção do Regimento prossegue os seus trabalhos tendo realizado já cerca de três dezenas de reuniões. O Regimento encontra-se em fase adiantada de elaboração. Pensa-se no entanto que não estará pronto antes da próxima sessão da Assembleia.

Projecto de regimento não está concluído

A versão integral do projecto de regimento da Assembleia da República não deverá ser debatida a partir de amanhã, quando a Assembleia se reunir para esse efeito. Esta é a opinião do Presidente da Comissão encarregada da elaboração do regimento, Sottomayor Cardia, do PS.

Até agora, aquela comissão, formada por diversos deputados dos partidos representados no hemiciclo, já realizou cerca de trinta reuniões a fim de apresentar, amanhã, um projecto «que cubra o maior número da matéria que há-de ser contemplada».

Apesar de, segundo infor-

mação de Sottomayor Cardia, «a discussão do regimento estar a ser feita em reuniões sucessivas de manhã, à tarde e à noite», apresenta-se improvável a apresentação do projecto integral já amanhã. Sendo assim, é possível que os deputados comecem por debater os pontos já estabelecidos do projecto, enquanto a comissão o conclui.

A reunião da Assembleia da República está marcada para as 15 horas de amanhã, devendo no decurso destes trabalhos ocorrer ainda a posse do general Ramalho Eanes, a realizar-se possivelmente no segundo ou terceiro dia da próxima semana.

EMPRESAS NACIONALIZADAS

Estabelecidas as regras do pagamento de indemnizações

Por decreto-lei do Conselho da Revolução foram estabelecidas as regras sobre cálculo e pagamento de indemnizações devidas pela nacionalização de diversos sectores económicos.

O diploma refere que as soluções agora adoptadas «têm a justificação e o rigor técnico dos critérios escolhidos para a avaliação patrimonial das empresas, e traduzem o justo equilíbrio entre os vários interessados — Estado, empresas, e titulares de acções ou partes de capital — de modo a salvaguardar, quer os direitos dos particulares, com especial destaque para os pequenos e

medios investidores, quer as superiores conveniências da economia nacional».

Ao ministro das Finanças competirá promover as diligências indispensáveis à realização dos estudos e demais tarefas inerentes à execução do programa de indemnização, devendo porpor ao Conselho de Ministros a adopção das adequadas providências, designadamente as respeitantes à criação das estruturas institucionais que se mostrem necessárias para o efeito.

O decreto-lei que regula as indemnizações foi publicado no «Diário da República», I Série, nº 157.

COSTA GOMES NO TERMO DUMA MISSÃO HISTÓRICA

"Poupei este país a sacrifícios inúteis"

«Sou político porque fui forçado a sê-lo. Procurei, dentro da minha formação político-militar, fazer o melhor que sabia e podia, numa linha que teve por objectivo poupar o País a sacrifícios inúteis. Julgo que atingi esses objectivos. Por isso retirei-me com certa satisfação interior porque tive a sorte de poder ter a satisfação de chegar ao fim e ver que poupei o País a sacrifícios inúteis que seriam dolorosos para a maioria do povo português» — confessou ontem aos aornalistas o general Costa Gomes no decorrer do «cocktail» oferecido ao corpo diplomático acreditado em Lisboa, para o qual foram também convidados o ministro Melo Antunes e esposa, e o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira e esposa, e que terá constituído o seu último acto público como Presidente da República.

Nenhum general, nenhum Presidente, terá atingido o termo do seu mandato simultaneamente tão prestigiado e tão vilipendiado, mas a estoica indiferença com que encarou os ataques que lhe foram dirigidos é mais uma prova da sua maioridade política.

Neste contacto informal com jornalistas, Costa Gomes não

deixou no entanto de dirigir algumas palavras de crítica serena, mas objectiva a alguns daqueles que o atacaram.

«Retiro-me sem qualquer mágoa no coração e no pensamento, porque estou convencido de que dei o melhor que tinha, e da melhor vontade, ao meu país. No entanto, confrange-me ver que pessoas que tinham obrigação de apreciar de uma forma correcta e pensada a situação que em cada momento se viveu durante estes dois anos tenham apreciado tão levemente determinadas resoluções e tenham expandido conceitos que pecam exactamente por serem profundamente infundados».

O general Costa Gomes referiu-se, uma vez mais, a estes dois anos «muito difíceis e trabalhosos, que obrigaram a uma constante vigilância e a uma análise constante da situação que se vivia e mudava todos os dias».

Analisou a sua actividade afirmando que apenas tentou «conduzir este barco, proceloso, com a máxima das calmas e a melhor segurança para chegarmos a esta altura em que estamos prestes a institucionalizar a II República».

Perspectivando o futuro, o general Costa Gomes advertiu

contra os perigos que nos espreitam e salientou: «Julgo que, ao contrário do que alguns jornalistas e políticos dizem, estamos longe de ter uma situação com a estabilidade que é absolutamente necessária para que uma nação possa singrar sem grandes sobresaltos. A nossa revolução está ainda em curso e, portanto, todos nós precisamos de ter um cuidado muito especial para não a fazermos perigar e atingir seguramente os objectivos do Programa do M. F. A.»

«ESTOU À DISPOSIÇÃO DA NAÇÃO»

Costa Gomes sublinharia ainda a complexidade destes dois anos acentuando que é muito difícil para alguém que não esteja completamente informado sobre a situação política que se viveu nestes dois últimos anos poder apreciar determinadas decisões. «Espanta-me como certos jornalistas ou políticos actuais, podem tão superficialmente apreciar os problemas fundamentais que tivemos de resolver ao longo desse período».

Sobre a sua carreira militar afirmou o general Costa Gomes:

«A minha carreira militar não terminou, no sentido lato do termo, embora eu tenha atingido o limite de idade no dia 20 de Junho, portanto, apenas sob o ponto de vista de actividade na efectividade do serviço é que terminou. Mas, claro que não é impunemente que se está 45 anos a estudar e a trabalhar numa profissão. Eu julgo que tenho hoje um capital de experiência e até de conhecimentos que pode ser aproveitado, sobretudo nesta altura em que temos que reorganizar as Forças Armadas Portuguesas».

Afastando-se por agora com a satisfação do dever cumprido, Costa Gomes coloca-se no entanto ao serviço da Nação para todas as eventualidades.

«Como já disse fui forçado a ser político. Neste momento digo apenas que estou à disposição da Nação para tudo o que precisar de mim, e julgo que não é fácil nesta altura encontrar muitas pessoas que, em determinados sectores do conhecimento, possam ter a mesma experiência e o conjunto de conhecimentos que eu adquiri ao longo destes 45 anos de vida activa militar.»



Costa Gomes com Kalinine e o casal Carlucci.

A PROPÓSITO DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Câmara de Guimarães envia ultimato ao Governo

PORTO, 7 — Inquérito imediato às actividades da Comissão Instaladora da Universidade do Minho que se demitiu e decidiu «colocar os seus lugares à disposição do MEIC» por não concordar com a atribuição dos cursos tecnológicos a Guimarães, e nomeação de uma nova Comissão Instaladora presidida por um alto funcionário do MEIC «isento e disciplinado», da qual façam parte representantes de todas as regiões interessadas na implantação da Universidade, são dois dos pontos capitais aprovados ontem durante uma assembleia pública que decorreu nos Paços do Concelho daquela cidade.

De acordo com uma outra moção, aprovada e aplaudida

pelo grande número de pessoas presentes, se até Outubro os cursos tecnológicos não estiverem atribuídos a Guimarães, a C.A. do Município demite-se, arrastando nessa demissão todas as juntas de freguesia do concelho.

Promovida pela Câmara Municipal e pela «Unidade Vimaranesa» a reunião de ontem foi um protesto contra a decisão da Comissão Instaladora da Universidade do Minho, que os habitantes da cidade e da região, conforme se expressaram no decorrer da mesma reunião, consideram lesiva dos seus interesses. Um dos oradores exigiu do Governo «uma definição clara quanto ao impasse criado de molde a permi-

tir a instalação e arranque dos cursos de Tecnologia em Guimarães o mais cedo possível». A Comissão Instaladora foi ainda acusada de «contínuos atropelos das superiores directrizes do MEIC». Uma outra proposta, igualmente aprovada por aclamação, pedia que fossem considerados imediatamente de utilidade pública os terrenos destinados aos cursos tecnológicos naquela cidade. Foi igualmente pedida a «imediata transferência para Guimarães de todos os materiais e infra-estruturas que se destinem à correcta implantação» dos futuros cursos e bem assim «imediatas instruções para a abertura de matrículas» a fim de que os mesmos possam funcionar já em Outubro.

Poesia africana é vedeta em Lisboa

A Semana Cultural Africana, que está a decorrer no âmbito da Faculdade de Letras, prossegue esta tarde, pelas 17 horas, com um colóquio sobre Literatura Africana de Expressão Portuguesa.

O colóquio realiza-se no Anfiteatro II e será moderado por alunos do Seminário de Literatura Africana de Expressão Portuguesa a quem coube a organização da Semana.

Ontem, na Aula Magna da Reitoria, a Semana Cultural Africana (e não «Americana» como ontem saiu no título da nossa notícia) deve ter conhecido o seu ponto alto numa sessão de canto e poesia em que participaram os actores Pedro Pinheiro e Fernanda Lapa, o poeta Ary dos Santos e os cantores Roberto (angolano), Fausto, Barata Moura, Fernando Tordo, José Jorge Letria e o agrupamento «Outubro».

Após introdução ao tema, feita por Manuel Ferreira, foram lidos e muito aplaudidos poemas representativos dos jovens países de língua portuguesa em África. Entre outros autores, ouviram-se poemas de Agostinho Neto, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo, Samora Machel, Armando Guebuza, Ovídio Martins, Agualdo Lopes, Agnello Regala e Marcelino dos Santos.

A sessão despertou bastante interesse de tal forma que não se pôde realizar na Sala de Conferências, onde o público não cabia, sendo transferida para a aula magna.

No Departamento de Literatura da Faculdade de Letras continua, entretanto, patente ao público a exposição de fotografia, pintura e artesanato com temas africanos.

Nacional

INQUILINATO À ESPERA DE JUSTIÇA

Voltaram as acções de despejo

A semana passada, uma mulher de 90 anos, Marta da Luz Teixeira, foi brutalmente agredida por elementos das forças da ordem no momento em que era expulsa da casa onde vivia, n.º 143, da Rua Gomes Freire, 3.º andar direito. A própria cama onde dormia foi-lhe apreendida. O andar estava desabitado.

de: cobrem de cimento as portas e janelas; instalam automáticos que acendem e apagam luzes para simular ocupação; destroem manilhas de esgotos e instalações de água e electricidade; esventram as casas, tirando-lhes o telhado. Ao mesmo tempo, esses senhores recusam-se a assinar con-

de Carvalho que acaba de enviar ao Presidente da República e do Conselho da Revolução, ao Provedor da Justiça, e a vários Ministérios, um apelo para que seja decretada a suspensão dos despejos e nomeada uma comissão que elabore uma lei do inquilinato. Em Maio deste ano, o dr.

Baptista de Carvalho, que já dinamizara a campanha a favor do divórcio, dirigiu um apelo à população de Lisboa que teve como consequência, dado o apoio do Provedor de Justiça, a publicação do Decreto n.º 420/76, que se propõe garantir o direito à habitação aos que vivem com o arrendatário, cuja morte determinava até então a caducidade do arrendamento. Esta lei veio proteger dezenas de milhares de viúvas pobres, subarrendatárias e hóspedes idosos.

«Contudo», continua o advogado, «este decreto tem lacunas e injustiças, pelo que deve ser ultrapassado. De facto, marca-se um prazo de cinco anos para que as mesmas pessoas que coabitam com o arrendatário possam exercer o direito de preferência. Este prazo é injusto, e injustificável, como se prova facilmente. Assim, quantos filhos são obrigados a afastarem-se temporariamente dos pais perdendo o direito à casa onde haviam fixado o lar?»

IGNORÂNCIA DA LEI

Além deste aspecto, o dr. Baptista de Carvalho salienta que o decreto reconhece o direito de preferência «ao parente mais necessitado, quando seria sua obrigação orientar-se para a protecção dos economicamente mais débeis».

«Como se isto não bastasse», prossegue, «deu-se um prazo de 30 dias, o que terminou no último dia 27, para os visados por acções de despejo que ainda não tenham sido efectuadas, exercerem o direito



Voltaram as acções de despejo. Volta a ser assim

de preferência. Como a maior parte das pessoas não conhece a lei nem lê o «Diário da República», vai acontecer que muitos perderam o direito à casa por não requerem a notificação dos senhores no sentido de exercerem o seu direito de preferência dentro do prazo legal.

Como sempre, a ignorância da lei só prejudicou os economicamente mais débeis. De acordo com um despacho de 14 de Abril deste ano, os visados por acções de despejo por falta de pagamento da renda podiam evitar ficar sem casa desde que procedessem ao pagamento da totalidade das rendas em dívida. Muitos por ignorância acabaram por pagar em triplicado» informou o advogado.

Posteriormente a 15 de Maio, os afectados por acções de despejo tiveram um prazo de oito dias para pagarem aos senhores ou depositarem na

Caixa Geral de Depósitos as rendas em dívida acrescidas de 10 por cento.

«Se houve ocupações incorrectas», lembra o dr. Baptista de Carvalho, há que constituir grupos de trabalho que, formados por homens bons e justos, apreciem sem demora essas ocupações e distingam os oportunistas dos que o não são. É inadmissível que ao abrigo de leis injustas e obsoletas todos os dias se pratiquem despejos de que são vítimas aqueles que a Constituição se propõe defender».

A exemplo do que aconteceu com a publicação do Decreto 420/76, a que nos referimos, a discussão pública do problema habitacional, e alteração e definição da lei neste domínio, só serão possíveis sob pressão das populações. Neste sentido, todas as iniciativas que visam a resolução deste problema são dignas de estímulo e apoio.



A G.N.R. confirma: despejo é despejo. Toca a andar, que as ordens são para se cumprir

do na altura da ocupação e o senhorio não o tinha manifestado como devoluto conforme manda a lei. Apesar das rendas terem sido regularmente depositadas a desocupação acabou por se efectivar.

Nos últimos três meses têm aumentado as acções de despejo em que a força das armas é utilizada para conter a mobilização popular. Os moradores são postos na rua, reduzidos à roupa que têm no corpo e algumas vezes espancados. Entretanto, afluem aos tribunais acções de despejo e de restituição de posse através das quais, por via judicial e administrativa, são expulsas do lar famílias inteiras.

De facto, alguns proprietários recorrem a vários processos para negarem uma casa aos que dela têm necessidade.

tratos de arrendamento, e negociam com casas vazias exigindo «luvas» e pesadas indemnizações por móveis velhos.

Verificam-se todos os dias acções de despejo enquanto a Constituição afirma no artigo 65.º: «Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a provacidade familiar».

À ESPERA DA LEI JUSTA

«Perante esta situação, torna-se imperioso a publicação de uma lei em que constem as circunstâncias nas quais os senhores se podem negar a celebrar contratos de arrendamento», afirma o dr. Baptista

Baptista de Carvalho foi solicitado para defender do despejo uma anciã, viúva de um carteiro dos C. T. T., com uma pensão de 1800\$00, que fora ameaçada de expulsão porque o arrendamento tinha sido celebrado com os sogros.

Nessa ocasião, o advogado



Até ao 25 de Novembro, gente do povo ocupou casas desabitadas. Agora, a ordem exige o regresso ao bairro da lata ou ao quarto alugado

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 2.º Juízo ANUNCIO

Pelo 2.º Juízo e 1.ª secção deste tribunal (Proc. n.º 981/76), correm editos de TRINTA DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu VIRGÍLIO COSTA NASCIMENTO, mecânico de automóveis, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida em Santa Comba - Cela - Angola, para, no prazo de VINTE DIAS, depois de decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo, a acção de divórcio que lhe move sua mulher D. Maria Antonieta de Sousa Cabrita Nascimento, dona de casa, residente na Tapada da Ajuda, Lisboa 2, Observatório Astronómico de Lisboa.

O pedido de divórcio é com o fundamento na alínea f) do artigo 1778.º do Código Civil, ex-vi do art.º 1792 do mesmo Código.

Lisboa, 22 de Junho de 1976

O Juiz Corregedor do 2.º Juízo
a) Armando Lúcio Vidal
O Escrivão de Direito
a) Manuel Maria Martins Ribeiro

A C. P. INFORMA: NOVO SERVIÇO COMBINADO COM LIGAÇÃO À ESTAÇÃO DE OLIVEIRA DO BAIRRO (MERCADORIAS)

A partir do dia 12 de Julho de 1976 entra em funcionamento um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, a cargo de Transportes, Tavares, Lda, servindo Bustos-Central e os domicílios de Oliveira do Bairro, Bustos, Mamarrosa, Palhaça, Troviscal e Amoreira da Gândara.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminhos-de-ferro e Despachos Centrais de serviço combinado passam a efectuar expedições para aquelas localidades e vice-versa.

Ocupação de casas

No Ministério da Administração Interna decorreu uma conferência de Imprensa, promovida pela Comissão de Inventariação, Análise e Estudo das Ocupações, em que foi abordado o tema das ocupações de casas.

Esta comissão criada em Abril passado, por um despacho da chefia do Estado-Maior Geral das Forças Armadas e dos Ministérios da Administração Interna, Justiça, Habitação e Urbanismo, tem por fim estudar os casos de ocupações que se integram num critério de justiça social em contrapon-

to, com as «ocupações praticadas por grupos sem qualquer representatividade».

A referida comissão decidiu proceder a inquéritos que visam esclarecer a situação social e económica dos ocupantes pois, segundo se afirmou na reunião com a Imprensa «há casos de ocupação em que os ocupantes não necessitam de o fazer, por que dispunham de boas condições de habitação, ou então continuaram a manter as casas abandonadas». O dr. José Maria de Almeida, presidente da Comissão, ao fazer um balanço das

actividades até agora desenvolvidas salientou que a Comissão não tinha fins repressivos mas sim técnicos. A sua função é de «separar o trigo do joio», tendo sempre em vista os interesses das classes mais desfavorecidas.

No decorrer da reunião o major Aparício, comandante da P. S. P. explicou qual o papel desempenhado pelas forças que comanda no processo dos despejos. Segundo aquele oficial, as forças militarizadas limitam-se somente a proteger a acção do oficial de diligências».

PORTUGAL PODE VIR A SER UMA CÓPIA DO CHILE?

Socialistas respondem:

"não é de excluir, mas contamos com o apoio dos trabalhadores"

Enquanto os dirigentes do Partido Socialista continuam a estudar a formação do primeiro governo não provisório deste país após o 25 de Abril de 1974, que tudo indica será um governo socialista homogêneo com alguns independentes, os partidos e as forças de direita, apoiados por diversas organizações internacionais, prosseguem uma manobra envolvente, procurando que o P. S. aceite o governo preconizado nomeadamente pelo P. P. D. e C. D. S., um governo P. S.-P. P. D.-C. D. S., ou, em última análise, que o P. S. governe sozinho mas sem pôr em prática alguns dos pontos fundamentais do Programa de Governo com que os socialistas se apresentaram perante o eleitorado nas eleições para a Assembleia da República.

Se esta manobra envolvente das forças da direita em relação aos socialistas falhar, que tipo de intervenção poderão essas forças, internas e externas, tentar em Portugal? O exemplo do Chile está demasiado próximo para que o esqueçamos, e para que esqueçamos até onde essas forças podem chegar para atingir os seus fins.

Os socialistas têm repetidamente afirmado ultimamente que «a Europa está connosco». E tem-no estado efectivamente. Mas que poderá ocorrer de agora em diante? Poderão as democracias ocidentais, onde o capitalismo está mais avançado, ajudar o Partido Socialista a construir em Portugal uma sociedade de transição para o Socialismo?

Sobre esta questão, dois dirigentes do P. S. fizeram-nos declarações da maior importância.

AIRES RODRIGUES

"Contamos com o apoio dos trabalhadores europeus e das suas organizações"

Nós não pomos a questão exactamente nesses termos, vamos lá, simplistas. Por um lado, é evidente que nós distinguimos os diferentes governos que constituem a Europa, e os diferentes países que integram a Europa. Nós não pomos em pé de igualdade a Suécia e outros países nórdicos, com a França actualmente, por exemplo, por os primeiros terem governos de outra natureza.

Por outro lado, é claro que quando nós nos referimos à Europa, e isso aliás foi acentuado na própria cimeira socialista da Póvoa de Varzim, sublinhamos que da Europa integra não só os governos como as organizações da classe trabalhadora desses países, a força dessas organizações, portanto, a classe trabalhadora organizada, além dos partidos políticos, nos quais os socialistas têm na realidade uma força importante. É isto tudo que evidentemente forma uma relação de forças que pode ser favorável a um regime que em Portugal acenta fundamentalmente no Partido Socialista como condutor de um determinado processo.

Além disso, nós entendemos igualmente que a questão fundamental em Portugal é, em relação aos países da Europa, uma questão de estabilidade política. Os países europeus sabem que desenvolvem as suas relações comerciais e as suas próprias relações políticas num quadro determinado. É evidente que dentro desse quadro lhes é muito mais favorável um regime em Portugal

onde haja uma determinada estabilidade política, e por isso têm também interesse em ajudar-nos.

Nós sabemos, pois, perfeitamente, que essa ajuda resulta também das necessidades desses próprios países, e que aos regimes desses países, regimes de certo modo estabilizados, lhes convém a existência aqui de um regime em que a democracia se vai consolidando. E o Partido Socialista desempenha um papel importante em todo este processo. Nós pomos, portanto, a questão não como uma ajuda totalmente desinteressada, mas como uma ajuda que lhes é importante para poderem desenvolver as suas próprias relações comerciais.

Nós pensamos igualmente que, sem relações comerciais com outros países, não podemos avançar; e cremos que é com a Europa, dado todo o desenvolvimento anterior do capitalismo português e da própria situação portuguesa, que é com a Europa que nós temos que tecer esses laços, que manter essas relações.

Ao mesmo tempo nós temos presente que os trabalhadores desses países têm interesses comuns com os trabalhadores portugueses, e, desse ponto de vista, são também um elemento que pode influenciar fortemente os governos dos seus próprios países nas relações que esses países terão que manter com Portugal.

«DL» — Mas a Europa não ficaria mais tranquila com um governo em que o PPD e o

Declarações recolhidas
por J. CANDIDO DE AZEVEDO

CDS estivessem presentes?

Aires Rodrigues — Como já salientei, nós não podemos ver a Europa como um bloco homogêneo. As diferenças existem, são reais entre os diferentes países que constituem a Europa. Por outro lado, é evidente que em determinado país esta ou aquela personalidade pode ter uma ou outra visão da situação portuguesa, mas essa mesma personalidade está limitada na sua actuação pelo próprio papel que as organizações políticas dos trabalhadores, e as organizações sindicais da classe operária desempenham nesse país. Aliás, nós tivemos exemplos, situações em que em determinado momento se encontraram algumas empresas portuguesas, como no caso da Algote, por exemplo, em que os trabalhadores suecos se solidarizaram com os trabalhadores portugueses da Algote, tendo as organizações da classe trabalhadora sueca feito uma certa pressão no sentido de limitarem os meios de actuação dos principais accionistas suecos em relação à situação que aqui existia.

«DL» — O Mundo Ocidental com quem mantemos relações comerciais, políticas e outras não é apenas constituído pela Europa; é-o também pelos Estados Unidos, que nele exercem uma influência preponderante. Como é que você encara a actuação dos EUA face a um governo socialista que aplique efectivamente o programa de governo com que o PS se apresentou perante o eleitorado nas eleições do passado dia 25 de Abril?

Aires Rodrigues — Quanto a mim, os Estados Unidos encaram a situação também em função da relação de forças que existe na Europa. Ora os Estados Unidos percebem hoje que a relação de forças na Europa é extremamente frágil, devido à situação em Portugal e à situação na Espanha, em particular. É evidente que os Estados Unidos, mesmo que os seus líderes políticos não apreciem particularmente o PS, percebem que hoje, em função da situação da relação de forças que existe na Europa, que o PS é, naturalmente, segundo a óptica deles, a melhor solução em relação às convulsões que poderiam surgir no nosso país com outro tipo de governo e que poderiam estender-se à Espanha, criando-se assim uma situação perfeitamente explosiva, e incontroável.

«DL» — Repare, no entanto, que numa situação um pouco semelhante à que existe ou poderá surgir em Portugal, os Estados Unidos intervieram no Chile, para criar outro tipo de relação de forças e de situação.

Aires Rodrigues — A situação no Chile era bastante diferente da situação portuguesa por diversas razões. Por um lado, eu penso que a classe trabalhadora portuguesa não sofreu até agora, no seu conjunto, uma derrota ao longo de todo este período. Pelo contrário: este período permitiu reforçar e consolidar as organi-

zações da classe trabalhadora, as comissões de trabalhadores, os sindicatos. E se é certo que o sectarismo e a divisão que imperou no período do gonzalvismo tornou os partidos da direita mais arrogantes, a classe trabalhadora não sofreu uma derrota, nem as suas organizações foram, vamos lá, abaladas.

Por outro lado, a situação dentro do Exército, no Chile, era também bastante diferente da que existe em Portugal. O exército chileno manteve-se como um bloco, não foi penetrado pela própria revolução social. Ora justamente a Revolução portuguesa começou no próprio Exército, e portanto todas as forças armadas foram

JORGE CAMPINOS

"As forças que derrubaram Allende podem ser tentadas a fazer o mesmo em Portugal"

É bastante difícil responder a esta questão. No entanto, gostaria de salientar o seguinte: as relações entre os Estados do mundo contemporâneo são muito complexas, não são só relações económicas, mas também as relações políticas e, sobretudo, as relações estratégicas.

Para esses países é muito importante que Portugal continue a pertencer a um certo grupo geopolítico, e nomeadamente ao grupo geopolítico da NATO. Consequentemente, esses países não estão necessariamente interessados num ambiente de desequilíbrio interno em Portugal, cuja saída não se perspectiva ainda muito bem. Por isso penso que esses países vão praticar uma política de não intromissão directa nos nossos assuntos internos, e consequentemente não vai haver substancial alteração nas atitudes que eles têm tido em relação a Portugal. Cada país tem o seu tipo de regime, nós defendemos insistentemente esse princípio e não admitiremos, nem de perto nem de longe, uma intromissão qualquer nos nossos assuntos internos. Devo dizer, no que respeita ao Partido Socialista, que os seus contactos com partidos sociais-democratas e socialistas, nunca foram desse tipo; nunca os houve nem haverá porque nós não admitiremos intromissões nos nossos assuntos internos.

«DL» — Diversos dirigentes socialistas, entre os quais o professor Jorge Campinos, têm reafirmado que o P. S. respeitará o programa de governo como o P. S. se apresentou nas eleições perante o eleitorado, e que procurará, portanto, através de importantes reformas, de carácter económico e outras praticar uma política de tran-



Uma imagem dos últimos dias do Governo Allende: manifestação de camionistas e mulheres em Santiago

atravessadas por ela, havendo-se operado determinadas clivagens, que fez com que elas deixassem de ser um pilar

monolítico e homogêneo, ao serviço da classe que sempre esteve, como aconteceu no Chile.



sição para o socialismo. Esta intenção foi já a de outros partidos, noutros momentos e noutros países. O exemplo do Chile e de Salvador Allende é, a este respeito, muito significativo. Não recela que as mesmas forças que intervieram no Chile possam tentar algo de idêntico em Portugal?

Jorge Campinos — Essas mesmas forças podem efectivamente ser tentadas a fazer o mesmo em Portugal. As forças que derrubaram Allende, as forças que ajudaram a reacção interna a derrubar o Allende, podem tentar fazê-lo. Mas as situações são muito diferentes.

Em primeiro lugar, há uma maioria real de esquerda, e há uma vivência de esquerda em Portugal, e é isso que é necessário compreender. Este foi o significado, o conteúdo das eleições para a Assembleia da República. O povo quer uma política progressista em Portugal, não quer regressar ao passado. Este é o primeiro dado que eu realço, um dado fundamental, que não existia no Chile.

Por outro lado, o nosso País tem uma grande concentração da sua vida política nos centros urbanos o que é também um instrumento de defesa.

Em terceiro lugar, as Forças Armadas Portuguesas têm muitos militares que estão agarrados hoje ao ideal democrático e progressista. E, enfim, há uma outra razão que diferencia Portugal do Chile: é que nós não estamos na movimentação geopolítica da América Latina; nós somos um país europeu, temos séculos de história, muitas das vezes de história comum, e portanto existe esta barreira geográfica que é a Europa, e em 1976.

Hoje em dia os Estados Unidos têm problemas internos muito grandes. O que aconteceu, por exemplo, no Panamá, o famoso golpe de Estado fomentado pela Imprensa e pela Banana-Company, não aconteceria hoje em dia tão facilmente. Há correntes de oposição muito grandes, veja-se o que se passou com o escândalo de Watergate, o que se está a passar presentemente nos Estados Unidos com a contestação de certos partidos políticos. Consequentemente, as coisas não seriam simples para os Estados Unidos, para as forças conservadoras e as forças golpistas que existem nos meios capitalistas e financeiros internacionais.

Mas há ainda uma outra diferença muito grande entre Portugal e o Chile: há uma grande, uma incontestável mobilização popular em Portugal. Penso que pode haver tentativa de golpe de Estado, mas a reacção popular seria enorme. Não estou certo que o poder hierárquico militar possa jogar até ao fim em caso de golpe de Estado, clássico. Haveria factores de desintegração do próprio golpe de Estado, seja ele fomentado interna ou internacionalmente, e por isso creio que nós podemos evitar uma eventual marcha chilena. Estou mesmo persuadido que nós podemos realizar aqui em Portugal um novo tipo de sociedade, que respeite dois valores fundamentais: a Liberdade e o Socialismo. E ao mesmo tempo, que seja um factor de equilíbrio mundial.

Desejaria salientar que o problema mundial, o problema internacional é extremamente importante. Quando se é político e é militante responsável, tem que se pensar nessa pers-

Continua na pág. 8

Nacional

A DESPEDIDA

VI Governo aumenta preços do gás e gasóleo

O derradeiro plenário de ministro do VI Governo Provisório, esta manhã em S. Bento, vem conduzir com o aumento de preços, do gás, petróleo e gasóleo.

Em jeito de despedida, o VI fixou, a partir das 9 horas de hoje, novos preços para os combustíveis gasosos e líquidos, com excepção da gasolina. E assim que o gás butano (no estabelecimento do revendedor) passa para 9\$60 quilo e o propano passa a custar 10\$30 quilo. Levado o gás ao local de consumo, os preços sobem para 10\$50 e 11\$40 respectivamente. Entretanto, continuam livres os preços para embalagens iguais ou inferiores a três quilos.

Quanto ao gás canalizado, no local de consumo, assiste-se a uma subida para 11\$40 quilo (vendido a granel ou em garrafas).

No que respeita ao butano e propano a granel, à saída das instalações principais das empresas distribuidoras, e até ao fim deste mês: 5\$70/ quilo e 5\$80/ quilo, respectivamente. Nos meses de Agosto e Setembro, o butano fixar-se-á em 6\$20 e o propano passa para 6\$30. A partir de 1 de Outubro, nova subida do propano, que estacionará, finalmente, nos 6\$60/ quilo.

Sobre o gás vendido pela C. R. G. E. ao público, chamado gás de cidade, também há no-

vidades: 2\$80 por metro cúbico.

Segue-se o petróleo, que passa a custar 4\$00 o litro e depois o gasóleo, que sobe de 4\$00 para 6\$00.

Curiosamente, estes agravamentos, geralmente considerados impopulares, são da responsabilidade do «VI Provisório», contrariando previsões que faziam crer que seria o «Definitivo» a tomar seme-

lhantes medidas de austeridade.

De entre as primeiras reacções aos aumentos, regista-se aquela que condena a realização do Festival da Força Aérea que obrigou, necessariamente, a um elevado consumo de combustível. Comenta-se, a propósito, que o certame poderia muito bem ter sido suprimido, em atenção às circunstâncias que recomendam austeridade.

RAINHA SANTA EM COIMBRA

PROCISSÃO ALTERA TRANSITO

COIMBRA, 7 — Foram estabelecidas algumas alterações no trânsito desta cidade pelo comando distrital da P.S.P. devido à tradicional procissão, de Penitência da Rainha Santa, que vai realizar-se amanhã à noite com a condução do andor do Mosteiro de Santa Clara para a Igreja do Carmo.

Assim, para os automobilistas que tenham de passar por Coimbra com destino à Beira e ao Norte sugere-se que a partir das 20 horas até ao fim da procissão, façam o desvio na Casa da Moeda para o radial

de Ceira, vindo a entrar na estrada da Beira antes da Ponte da Portela. O trânsito que se destina à cidade e ao Norte segue esta estrada, entra depois na Rua dos Combatentes, Arcos de Jardim e Praça da República.

Quanto ao trânsito vindo do Norte com destino à cidade e às Beiras é desviado no entroncamento da Casa do Sal para a Rua da Figueira da Foz. O trânsito vindo do Norte com destino a Lisboa e Sul do País desvia na Adémia para a estrada da Figueira da Foz.

M.E.I.C. mais perto do Tejo

Está para breve a mudança do M.E.I.C. do edifício da 5 de Outubro e de outros por onde o Ministério se dispersa para um edifício situado na Avenida 24 de Julho, propriedade da Companhia Industrial de Portugal e Colónias. Estão previstas em 90 mil contos as adaptações necessárias do edifício, acabamentos, instalação mecânica, etc.

Sendo alugados a maior parte dos actuais edifícios ocupados pelo M.E.I.C., só as verbas gastas nesse aluguer atingem mil contos mensais.

Abandonando o edifício da 5 de Outubro que não oferece segurança, outras vistas se abrem ao M.E.I.C.: mais perto do Tejo, mais longe da Cidade Universitária.

BANDEIRA DA ASSOCIAÇÃO ENTREGUE PELA A.E.P.P.A.

A chegada a Santa Apolónia, prevista para as 14 e 30 de amanhã, do comboio especial vindo de Coimbra para a manifestação no Terreiro do Paço de solidariedade com o estudante Fausto Cruz, um sócio da A.E.P.P.A. director da Associação da Académica de Coimbra em 1962, o dr. José Augusto Rocha, fará a entrega da bandeira da A.A.C. que na manhã de 19 de Junho desse ano foi corajosamente arrancada às garras da P.S.P. e G.N.R. quando estas tomavam de assalto a sede onde os estudantes se «barricavam». Este gesto é explicado em comunicado da A.E.P.P.A. «A luta dos estu-

tes de Coimbra pela libertação de Fausto Cruz e agora pela sua imediata e completa libertação é já hoje um exemplo preciosos da unidade antifascista e retoma vigorosamente as tradições mais nobres da Academia de Coimbra e dos estudantes portugueses em geral na luta pela liberdade, pela democracia».

A bandeira da A.A.C. é um símbolo. A A.E.P.P.A. recorda o 19 de Junho: «A violência da P.I.D.E. fez-se imediatamente sentir: 200 estudantes presos, 44 dos quais enviados para as masmorras subterrâneas de Caxias, mas a bandeira da A.A.C. não caiu nas mãos da polícia e, ao longo dos tempos, tornar-se-ia o símbolo vivo da resistência e unidade antifascista dos estudantes de Coimbra».

Informa ainda a A.E.P.P.A. a sua adesão incondicional à manifestação de amanhã.

UNIVERSIDADE DO MINHO: CONCENTRADA E ABERTA

A Universidade do Minho «deve ser concentrada e não dispersa, pois só assim serão defendidos os interesses do País e dos estudantes» — afirmam em comunicado a União dos Sindicatos de Braga e 15 sindicatos e secções sindicais deste distrito a propósito da controvérsia que se tem desenvolvido à volta da instalação da Universidade do Minho: concentração da Universidade em Braga ou dispersão (a solução bipolar) por Braga e Guimarães.

E o comunicado dos sindicatos esclarece: «O local da instalação da Universidade deve ser escolhido pelos técnicos a quem se exige competência comprovada e que coloquem os interesses gerais do País e dos estudantes acima dos interesses regionais ou partidários».

Em última análise: «A Universidade do Minho deve ser aberta a todos aqueles que re-

velem efectivas qualidades para os estudos devendo o Estado suportar integralmente as despesas de transportes, alimentação, materiais escolares, etc, aos estudantes».

Problema posto, posição definida, o comunicado alerta: «Mas o mais grave para nós trabalhadores, é que, procurando servir os seus interesses, há muita gente a tentar meter o trabalhador na «luta» da Universidade (...) projectada durante o fascismo, quando os «iluminados» tudo faziam sem consultar ninguém».

Entretanto, em documentos que têm sido divulgados pela Imprensa e que se encontram condensados num opúsculo «Universidade do Minho: que Universidade?», a Comissão Instaladora da U. M. põe a questão nos seguintes termos: «Ou ter uma autêntica Universidade, realidade viva e criadora, plasmada pelo encontro interdisciplinar realizado em projectos de acção para objectivos específicos e no simples mas fecundo convívio informal; ou ter estabelecimentos de ensino superior dispersos, isolados entre si do ponto de vista científico-cultural, sem capacidade de resposta e de reconversão às exigências imprevisíveis da região e do País e com falta de recursos dada a impossibilidade de satisfazer as numerosas e indispensáveis duplicações de meios humanos e materiais».

P.S. de Coimbra aplaude construção do açude-ponte

COIMBRA, 7 — O Partido Socialista local divulgou um comunicado dirigido à população e aos agricultores do Vale do Mondego, manifestando o seu regozijo pela obra de construção do açude-ponte, dadas as vantagens que traz para a cidade e a resolução dos problemas dos agricultores da região.

Jorge Campinos ao "DL"

Continuação da pág. 7

pectiva, nessa dimensão. Cada homem da nossa terra, cada mulher, cada criança, tem entre as suas mãos uma potência de 500 toneladas de dinamite. Do ponto de vista de poder de destruição é uma coisa enorme, fantástica, uma coisa indigna do próprio homem. É uma coisa muito séria, e consequentemente mesmo um governo socialista, um governo de socialismo democrático não pode ser um factor de desequilíbrio dessas relações internacionais. E nós teremos mais força internamente defendendo lá fora, por exemplo, que os dois grandes blocos político-militares, o pacto de Var-

sóvia e a NATO devem desaparecer simultaneamente, e que se caminhe para um desarmamento real; e que grande parte das despesas militares sejam utilizadas para o desenvolvimento económico e cultural interno, de cada país e também para uma ajuda a esse grande desafio do nosso século, que é a luta contra o subdesenvolvimento, a luta contra a miséria no Sul do planeta.

Nós estamos a viver uma vida tão vertiginosa, que amanhã poderão desencadear-se grandes conflitos entre o Sul e o Norte do planeta, e as nações industrializadas e as velhas nações da Europa, que têm uma cultura, uma tradição e responsabilidades grandes na vida política internacional, devem trabalhar para impedir esses conflitos e para ajudar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, respeitando certos princípios, que poderiam ser — porque não? — os princípios decretados na conferência de Bandung, em 1955, pelos países do Terceiro Mundo.

É nessa perspectiva que eu coloco as nossas relações com a Europa, com o Mercado Comum, as nossas relações com o Mundo Ocidental, e, nomeadamente, com os países do Leste da Europa.

RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA MEDIDAS DE EMERGÊNCIA ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Solicita-se às Entidades das quais depende o serviço de Iluminação Pública (incluindo não só aglomerados populacionais, como estradas, portos, etc.) que sigam, na medida do possível, as seguintes indicações, com vista a tornarem-se menos gravosas as presentes restrições de energia eléctrica!

- Desligar o maior número possível de focos luminosos de média e grande potência, com salvaguarda, porém, da segurança das pessoas e bens.
- Providenciar por que a iluminação pública não esteja ligada além do período compreendido entre meia hora depois do pôr do Sol e meia hora antes do nascer do Sol.

AO COMÉRCIO

Independente de outras medidas tomadas, face às presentes dificuldades de ordem energética, deverá o Comércio atender escrupulosamente às seguintes indicações, contribuindo, assim, para se tornarem menos gravosas as medidas de restrições e energia eléctrica:

- Desligar os anúncios luminosos.
- Após o fecho dos estabelecimentos, desligar os circuitos de energia eléctrica não essenciais, designadamente montras (com excepção da iluminação de vigilância).
- Reduzir, ao mínimo indispensável, o funcionamento das instalações de ar condicionado.
- Desligar os circuitos de iluminação em andares e edifícios, após o período de funcionamento (salvo nos casos de prolongamento de horários de trabalho, serviços de limpeza, ou equiparáveis).

Pense que, na medida em que cada consumidor se dispuser voluntariamente e poupar energia eléctrica, mais suaves poderão ser os cortes de energia determinados pela grande falta de água deste ano.

"Muralha de Aço" recebe hoje 10 mil florins

A Unidade Colectiva de Produção Agrária «Muralha de Aço» da Vidigueira, receberá hoje 10 mil florins (cerca de cento e dez contos) que lhe serão entregues por Hermine Lapaster, secretário do Comité de Solidariedade Portugal-Holanda, em nome dessa instituição.

O donativo é o resultado da primeira fase duma campanha de solidariedade para com a Reforma Agrária em Portugal, que irá continuar não apenas na Holanda, mas em outros países onde se formaram comités idênticos.



Dona Joana Baptista Firmino Penim

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Manoel Penim, Maria Josefa, Fernanda Firmino Penim de Dias Alves, seu marido e filhos, Fernando José Firmino Penim, sua esposa e filhos, seus irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família mandam celebrar missa pelo eterno descanso do seu ente querido no dia 8 do corrente (Quinta-feira) na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, pelas 19.30 horas, agradecendo desde já a todos aqueles que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CONION

O MELHOR EM CAPTAÇÃO E SOM

O melhor Rádio e Gravador do Mundo

Rua Pascoal de Melo n.º 7, 1.º — Lisboa

Trabalho

CONTRATO COLECTIVO DA HOTELARIA

Solução administrativa se os patrões não comparecerem

Centenas de trabalhadores da hotelaria concentraram-se ontem à tarde frente às instalações do Ministério do Trabalho, na Praça de Londres, manifestando a sua disposição de seguir por diante com a luta que visa a assinatura de novo contrato colectivo de trabalho.

O processo vem a desenvolver-se desde Janeiro passado,

com sistemático boicote, segundo os Sindicatos, das associações patronais, que se têm recusado a comparecer à mesa de negociações. Palavras de ordem mais ouvidas durante a concentração: «Um só país, um só contrato, de Norte a Sul a mesma luta»; «contra a ausência do patrão nova lei da contratação»; «Revisão imediata do contrato».

Terminada a manifestação, era visível um sentimento de vitória. Aliás, em recente nota, o Ministério do Trabalho havia responsabilizado os patrões pelo arrastar da situação. A atitude daquele departamento do Governo ficou ontem um tanto mais clarificada, quando foi comunicado aos trabalhadores que, se as associações patro-

nais não comparecerem, mais uma vez, à reunião marcada para amanhã, se procederá a uma revisão do contrato por via administrativa. Denotar que a «resistência», se ainda existe, parte das entidades patronais privadas, já que os representantes dos estabelecimentos do Estado e das cantinas estão dispostos a negociar.

«Os patrões querem levar-nos para a greve, uma greve que não nos interessa a nós nem aproveita ninguém, a não ser eles, que nos querem empurrar para a paralisação do trabalho. Nós queremos, mais do que uma solução administrativa, que o Ministério do Trabalho obrigue os patrões a vir à mesa das negociações. Ainda quanto à eventualidade da greve, nós temos consciência do provável aproveitamento dessa forma definitiva de luta pelas forças que estão contra os trabalhadores. Por isso estamos a encarar outros processos de actuação, se nada de concreto resultar desta manifestação. Entre eles os descontos progressivos aos clientes». Isto mesmo nos declarou um representante do Sindicato da Hotelaria do Sul, enquanto a concentração decorria, ante um forte aparato policial e — diga-se que a uma certa distância do Ministério, pois que o edifício vidrado da Praça de Londres (ex-Ministério das Corporações) foi rodeado de vedações metálicas.

Foi lida e depois entregue aos responsáveis do M. T. a seguinte moção assinada pela Federação dos Sindicatos da Hotelaria, Restaurantes e Similares do Sul:

«Os trabalhadores dos hotéis, restaurantes, cantinas e similares, considerando que lhes assiste o direito de, através das suas associações sindicais, lutarem por melhores condições de vida e, nomeadamente, fazerem frente ao aumento geral de preços, que patrões e Governo provocam, exigem do Ministério do Trabalho uma posição prática e inequívoca para a resolução do impasse criado pela não comparecimento do patronato às reuniões sucessivamente convocadas, e declararam, tal como imputar às associações patronais faltosas, todas as responsabilidades e efeitos que venham a ser resultado dos processos de luta que nós, trabalhadores, não deixaremos de encetar, caso os patrões não alterem a sua posição.»

Ajudantes de farmácia adiam greve

Os ajudantes de Farmácia decidiram adiar «sine die» a greve marcada para o próximo sábado decidida em assembleia geral do seu sindicato pelos reflexos negativos que teria na assistência médica prestada ao público. A greve poderá no entanto confirmar-se se não chegar a bom termo a nova tentativa de quebrar o impasse criado entre os trabalhadores e a associação patronal, por iniciativa do Ministério do Trabalho. O Conselho de Delegados reúne no próximo sábado para, na posse de novos dados, aconselhar à Direcção do Sindicato, as atitudes a tomar futuramente na luta pelo Contrato Colectivo de Trabalho.

CASO T.M.G.

Um "dossier" importante

O «caso» da Têxtil T. Manuel Gonçalves, que a Imprensa tem relatado, ficará na história do processo revolucionário democrático em Portugal como algo mais do que um exemplo de recuperação capitalista e aberta violação do direito ao trabalho. Justamente porque cumpre não esquecer todas as suas implicações, aí está um dossier recentemente publicado: *O caso dos 17 da Têxtil Manuel Gonçalves/ Um documento para a história da luta dos trabalhadores*.

As peças do processo foram compiladas pelos trabalhadores saneados daquela empresa por obra de gente afectada ao patrão, num ambiente caracterizado pela pressão económica, manipulação das consciências, caciquismo e institucionalização da (des)ordem fascista.

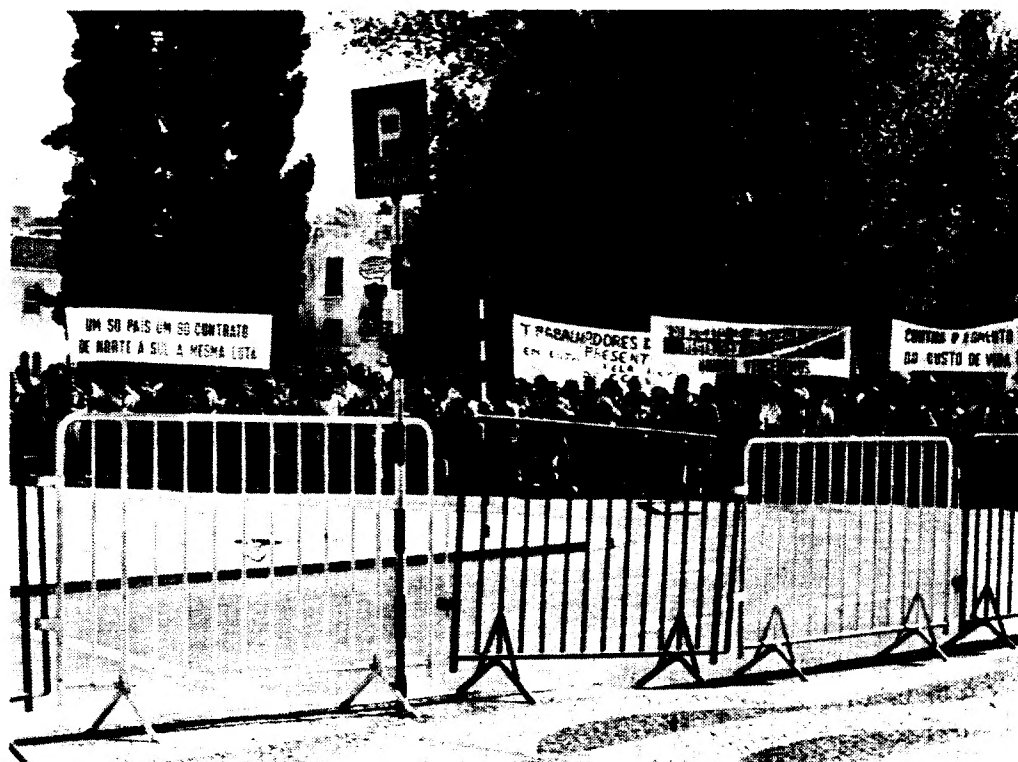
Os «17» explicam razões da edição: trata-se de um caso de «luta pelo direito ao trabalho, reconhecido internacionalmente pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, e no nosso país expressamente consagrado na Constituição de 25 de Abril de 1976». Mas é também algo mais: «desde o início nos apercebemos que a entidade patronal muito mais do que pôr 17 trabalhadores no desemprego, pretendia, ela ou as forças políticas que a orientam, fazer um ataque frontal à organização dos trabalhadores (...); pretendia fazer um teste e lançar um desafio às forças político-militares que

neste momento dirigem o País para ver até que ponto essas forças ainda têm capacidade ou vontade de aplicarem o programa que o M. F. A. anunciou ao povo português em 25 de Abril de 1974».

O desafio mantém-se e transitará para o contencioso do novo Governo. Os saneados continuam por readmitir, numa clara violação das determinações do Ministério do Trabalho — cinco meses decorridos sobre o afastamento. Os salários em atraso estão por receber.

A documentação agora publicada permite traçar o retrato a corpo inteiro das sobrevivências de velhas estruturas do regime de exploração e opressão que teve os seus mandatários mais destacados, em Salazar e Marcelo. Pelas páginas do dossier transitam pacificamente «elpos» e caceteiros, sabotadores económicos, caciques e padres, agitadores e serventários do patrão. E, como pano de fundo, gente que sofre e teme, portugueses trabalhadores de Vila Nova de Famalicão condenados à ignorância, à miséria e à submissão, camponeses feitos operários em busca do magro caldo que o deficiente aproveitamento da terra lhes não deu durante séculos. São estas as verdadeiras vítimas no «caso T. M. G.». Os «17» são um pretexto.

E. L.



Vedações (e muita Polícia) rodeavam o Ministério do Trabalho, por altura da concentração dos trabalhadores da hotelaria.

AGENTES DE VIAGEM

Zenha intransigente, ministros em terra

Os agentes de viagem começam hoje a pôr em prática a medida deliberada em plenário, de impedir a saída para

Ardinas mantêm bancas

Elementos da Polícia Municipal e representantes dos vendedores de jornais chegaram a acordo quanto à suspensão do levantamento das bancas cobertas para venda de jornais, ordenado há dias por aquela Polícia. Só se procederá ao levantamento das referidas bancas quando for decidida a forma como serão substituídas.

O problema está a ser estudado por técnicos da Câmara Municipal, tendo-se efectuado ontem uma reunião nos Paços do Conselho, em que estiveram presentes além dos técnicos, o presidente da C. M. L. e o comandante da Polícia Municipal.

o estrangeiro de membros do Governo e respectivas comitativas. Esta medida no entanto só terá plena eficácia se os agentes de viagem conseguirem obter a adesão à sua luta dos trabalhadores da TAP. Estes, reunidos ontem em plenário, decidiram remeter a decisão para os delegados sindicais, em número de cem, que reuniram por sua vez esta manhã a fim de decidir sobre a questão.

Os trabalhadores das agências de viagem que lutam pela revogação da portaria do Ministério das Finanças concentraram-se ontem, como fora também decidido em plenário, nos Restauradores, seguindo para o Terreiro do Paço, onde se manifestaram junto ao Ministério das Finanças. Uma delegação dos trabalhadores na qual se incluíam elementos da Direcção do Sindicato da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas, foi finalmente recebida pelo ministro Salgado Zenha. Após 55 minutos de espera pelo dr. Zenha, os trabalhadores puderam falar-lhe durante 20 minutos. Conversa tensa, durante a qual o ministro lançou suspeitas sobre um objecto que um dos membros da

delegação teria no bolso, identificando-o como um gravador. «O comportamento do ministro», disse-nos um dos trabalhadores, «foi de permanente sabotagem a qualquer diálogo possível». Salgado Zenha mostrou-se intransigente à revogação da portaria, pela qual os trabalhadores vão prosseguir a luta.

Amanhã, às 19 horas, realiza-se novo plenário, na Cantina dos Pescadores do Cais do Sodré.

20 CONTOS ATÉ NOVEMBRO

Entretanto, o Ministério das Finanças emitiu um comunicado em que afirma que as agências de viagem, nos casos em que, anteriormente à entrada em vigor da portaria dos 7 mil escudos, tenham assumido compromissos contratuais com entidades estrangeiras que envolvam saída de turistas até 31 de Outubro próximo, podem anotar nos passaportes individuais quantias até 20 mil escudos para pessoas de idade igual ou superior a 18 anos, correspondendo a meios de pagamento sobre o exterior.

EMPRESAS EM CRISE

Tempo de laboração pode ser reduzido

— previstas dispensas temporárias

O Governo, pode a partir de agora, determinar a dispensa temporária de trabalhadores e a redução do tempo de laboração nas empresas que laborem «em condições económicas não aceitáveis, que não permitam, de forma duradoura, a utilização completa dos recursos humanos de que dispõem».

À nova forma de intervenção do Estado e regulada pelo Decreto-Lei n.º 530/76, do Ministério do Trabalho, hoje publicado no *Diário da República*, e destina-se «fundamentalmente a assegurar a manutenção dos postos de trabalho, e eventualmente a criação de novos postos, procurando promover uma retomada económica das unidades empresariais» — segundo o texto do articulado.

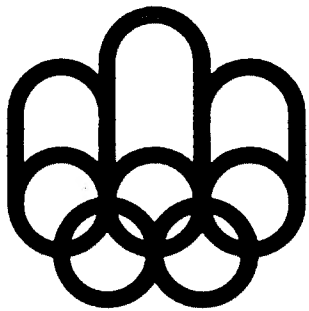
O pedido de intervenção, à sombra do regime criado, poderá ser formulado pelas empresas abrangidas ao Ministério de tutela, dependendo a decisão final de despacho conjunto dos ministros de tutela e do Trabalho. O Governo poderá optar por uma das duas soluções: promover a reconversão da actividade da empresa ou adoptar medidas administrativas de carácter temporário.

No primeiro caso, compete aos órgãos de gestão das empresas elaborar o projecto de reconversão, podendo ser temporariamente dispensado o pessoal que for julgado desnecessário e reduzido o tempo de laboração da empresa, durante o período necessário à execução desse projecto.

No entanto, o Estado pode limitar-se a tomar medidas administrativas temporárias «que permitam a retomada económica das unidades empresariais, precatando os postos de trabalho sem prejuízo da sobrevivência da empresa», quando se não justifique a reconversão. Neste caso, podem ser tomadas, separadamente ou em conjunto, as seguintes medidas: redução de laboração das empresas até um período mínimo de três dias por semana; congelamento transitório da contratação colectiva e outras medidas de saneamento orçamental; transferências de trabalhadores para diferentes postos de trabalho na mesma empresa.

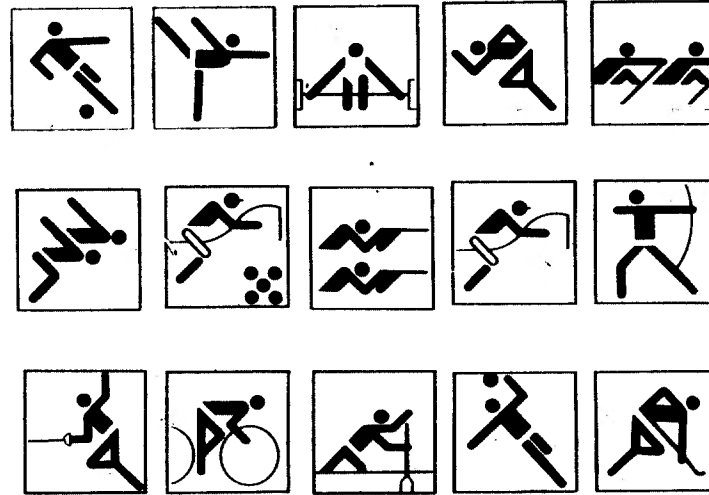
Os trabalhadores que vejam os seus salários reduzidos em virtude da aplicação deste diploma serão atribuído um subsídio correspondente à manutenção do salário mínimo nacional.

NO PORTINHO DA ARRABIDA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE ARRABIDA



Encontro gigantesco: 11 mil atletas, falando 28 línguas, em defesa das cores de 131 países 1300 milhões de dólares despendidos pelo Canadá: 580 milhões apenas para fazer erguer instalações para os atletas e estádios. O Comité Organizador dos Jogos Olímpicos (COJO) a soltar, de um fundo especialmente alimentado por lotarias e sorteios, 435 milhões de dólares para o financiamento de pistas, ginásios e campos de treino. Doze mortes de trabalhadores, quando labutavam nas obras da aldeia olímpica. 8340 pessoas envolvidas na programação dos Jogos. O exército canadiano a mobilizar sete mil soldados, sob o co-

mando de um general (Roland Reid) apenas para tentar assegurar que incidentes como o de Munique não se repitam em Montreal. Todas as forças policiais disponíveis a cercarem, desde ontem, o perímetro olímpico, com o mais rígido sistema de controlo até hoje visto em terras canadianas. Uma despesa suplementar de 30 milhões de dólares exclusivamente para aviões e helicópteros, velozes barcos armados de canhões ou simples «jeeps» conduzindo cães altamente adestrados, estarem a postos, ao mais pequeno sinal, para largarem ao encontro do «primeiro percalço». Quer dizer: uma nação em pé de guerra por causa de uma festa de paz.



Olimpíadas: círculo de guerra à festa

Exacto: tudo isto, porque, a partir de 17 do corrente, o mundo inteiro ficará debruçado sobre os Jogos Olímpicos, com o tema a arredar para todas as páginas interiores, tudo o mais que ocorrer por essas terras fora. Uma nova Babilónia a soltar, instante a instante, figuras para o «podium»: «estrelas» de vida fugaz ou «ídolos» que vão persistir longamente na memória de meio Universo. Histórias ligadas, de braço dado o drama e a alegria, a euforia e as lágrimas. Sonhos desfeitos em areia: trabalho concretizado no momento único da recepção de uma simples e leve medalha de ouro. Pais envolvidos em tremenda esgrima política, cada qual a tentar provar a supremacia dos seus corpos.

Um fabuloso e impressionante exercício da informação: 9500 jornalistas remetidos de

pedaço de chama que vai dar luz durante os Jogos, sobre a turbulência da multidão ou o estatismo mudo de milhares totalmente presos ao segundo de arranque para uma coroa.

Jogos divididos por vários placos: Montreal, Quebec, Kingston, Lavale, Chambinc, Otava, Droumond, Joliette. Dois aeroportos apenas a receberem visitantes da classe vip. Centros para boxe e luta, ginásios para esgrima e halterofilismo piscinas para o polo e saltos. Uma pequena procissão de recintos para aquecimento, com calor artificialmente inoculado através de raios infravermelhos. Um velódromo e rectângulos para basquetebol. Duas piscinas com as dimensões máximas. Quatro campos de futebol ainda por estrear. Um fórum à espera do ruído surdo das luvas dos pugilistas esmurrando caras que nunca viram. Um estádio de inverno, preparado para a eventualidade de chuva torrencial. A canoagem, a equitação, o pentatlo moderno, o tiro com armas de fogo ou apenas com o medieval arco de Robin Hood, tudo com o lugar próprio, delineado a partir de Novembro de 1972, na hora da luz verde pelo Comité Olímpico Internacional.

E, afinal, que é isso dos Jogos Olímpicos?

Milhares de horas de treino, viagens daqui para acolá, montanhas de dinheiro gastas em todos os símbolos, uma azáfama crescente até ao epílogo: uma vida por uma medalha olímpica. E, já foi quase assim: quando um português (Francisco Lázaro de seu nome) dando tudo por tudo, roçando o zénite das possibilidades físicas e anímicas, baqueou em Estocolmo. Sem o ouro, sem a prata, sem o bronze de qualquer medalha: mas, com muitas flores e (talvez) uma ou outra medalha, depositadas sobre uma caixa de madeira, no regresso à Pátria.

ASCENTRALIDADE

A história dos Jogos é velha de muitos séculos, provavelmente nascida nas longas planícies da Grécia, quem sabe se oriunda das terras quentes do Norte de África. De qualquer modo, foi a Grécia que lhe deu corporização permanente, através de festas cíclicas que tiveram uma fase titubeante até ao ano 394, praticamente quando o Cristianismo

começava o grande advento.

Havia, nos pequenos estados em conflito permanente, um período clássico de tréguas: era quando, desacompanhados de tribos ou de aldeias, os mais dotados fisicamente largavam a caminho de Olímpia, em busca dos louros do triunfo, muitas vezes ao encontro da morte, trocada por uma glória que se esfumava.

Os peregrinos vinham de longes terras, da Sicília e da Sirenaica, da Ásia Menor e de colónias distantes. Conta o escritor Pierre Louys: Quando, após quatro anos de silêncio e abandono, a cidade dos jogos e dos templos se aprestava para a festa sagrada, todos os assuntos ficavam, no mundo helénico, em suspenso. Interrompia-se até a guerra: e os centendores juntavam-se, em festa comum, numa comunhão de fé e prazer.

Iniciavam-se esses Jogos ao 11.º dia do mês de Hecatombeon, no Solstício de Verão (data aproximada ao 27 de Julho actual). A cidade de Olímpia era a «central»: o Vale de Alfeu o ponto de treino e concentração. Viviam-se ao relento durante um largo mês: hóspedes de Zeus, passariam a dividir esse tempo por orações e por justas desportivas.

Nasciam, então, grandes vultos: Fídias, o escultor; Heródoto e Píndaro, mais os seus textos. Milhares de amantes viviam o amor sem fronteiras: entremeciam-se as ladainhas e coros com as mais regadas banacanais. Era (sem dúvida) o tributo à Orgia e à Santidade, em estranho e singular paralelo.

PERFIL

Diz-se, em velhos pergaminhos, que os primeiros Jogos Olímpicos delineados e perfeitos foram obra de Hércules, provavelmente em 1253 AC. Houve, depois, muitos interregnos, até que, em 776 antes da nossa era, Iphitos (rei da Elida) suplantou o descalabro das invasões dórias recomendo os Jogos. Foi um período que durou até Teodósio os suprimir (394 da nossa era) por ofensa ao Cristianismo, resquício de paganismo.

Os programas dos Jogos eram diversificados: normalmente, integravam corridas a pé (um estádio: 192,97 metros; a diáula: dois estádios; a dólica: 24 estádios); a «luta per-



Mark Spitz

pendicular» (sem socagem), horizontal (por terra) e a «achrothérma» (a possibilitar o derrube do adversário apenas com o impulso das palmas das mãos); o pugilato (rosto protegido por máscara de bronze e luvas nos punhos); o «pancrácio» (mistura de luta e pugilismo); lançamentos de dardo e disco; pentatlo (salto, dardo, corrida, luta e disco); corridas de cavalos e de carros (quadrigas que percorriam por 12 vezes uma «liça»). Os prémios: coroas com ramos de oliveira e folhas de palma. Depois, agradecia-se a Zeus e largava-se novamente para longe.

Continuaram a cair as folhas do calendário. Muitos anos tombaram: em 1859 e 1870 um sujeito de largas posses (Evangélio Zappas) promoveu, nas praças e ruas atenienses, uma competição de estilo olímpico. Mas, verdadeiramente, teriam de passar quinze séculos sobre o édito de Teodósio para surgir um homem capaz de reerguer as Olimpíadas, em toda a sua valência. O nome: Pierre de Fredy, barão de Coubertin, ricoço parisiense, inteligente e culto, animado da vontade de perpetuar a figura através das idades.

Pegando na sua ideia, deu voltas e mais voltas, aborrendo governos e quebrando fronteiras. Um dia, passados 1502 anos da sua derradeira edição, voltavam a ter vida os Jogos Olímpicos: estava-se a 6 de Abril de 1896.

INÍCIO

Vamos agora na edição 21: a festa já morou em Atenas, Paris, Saint Louis, Londres, Estocolmo, Antuérpia, outra vez

Paris, Amesterdão, Los Angeles, Berlim, novamente Londres, Helsínquia, Melbourne, Roma, Tóquio, México e Munique. Irá agora, erguer a sua feira em Montreal. O Canadá já está de braços abertos.

Lembremos, porém, como as coisas se foram passando, de 1896 a esta parte. O «show» principiou com 400 concorrentes no rectangular Estádio de Atenas, aberto para a estrada e circundado, lá no alto, por uma pequena montanha. Então, corriam-se os 100 metros em 12 segundos: e de outros continentes, apenas viajaram à Europa 15 mocetões. O momento alto chegou na única prova idealizada pelo espírito grego: uma competição denominada de «maratona», que homenageava o ateniense portador da boa nova do êxito, em tempo de guerra a passo. Calhou, também, que outro grego (Luis Spiridon) triunfou nessa reedição da lendária corrida: assim se salvou a honra do convento, abalada por uma torrente de sucessos dos 14 norte-americanos presentes que, só à sua conta, limparam 10 medalhas de ouro, cinco de prata e duas de bronze. Saltava-se em comprimento apenas 6,35 m. Na vara não se transpunha mais que 3,30 m. Na piscina, os 100 metros livres demoravam mais de 82 segundos a percorrer.

LENTIDÃO

Paris, 1900: uma barafunda tremenda ocorreu quando os Jogos tiveram como palco a capital parisiense. É que, incrivelmente, marcadas para Paris, as várias competições desenrolaram-se através de toda a cintura do Sena, com provas em Vincennes e nas Tulherias, conforme o tempo ameaçava chuva ou as pessoas estavam predispostas ao passeio. Ao sabor do acaso, esta segunda Olimpíada da era moderna teve somente a participação de 1505 concorrentes, defendendo as cores de 16 países.

Chegaria, então, a vez do continente americano: 1904, vinte e uma bandeiras inscritas na folha. Festejava-se a entrada de Louisiana para a Confederação. A hora do desfile inaugural, apenas dez nações se exibiram, através de 1609 atletas. Foi quando sucedeu o estranho êxito de Lorz. Correndo a maratona foi o primeiro a regressar ao estádio, mas fê-lo entre alas de admiradores que,



Jess Owens (com o autor desta reportagem) expõe 36 anos depois de vergar

a sua última caminhada para a meta por entre abraços e vivas. Aplaudido em delírio, quase carregado em ombros, assim atingiu o risco branco: seria desclassificado, já depois de estar no «podium», porque tinham surgido testemunhas de uma fraude espantosa: durante 15 quilómetros, fizera a maratona sentadinho no banco traseiro de um automóvel...

Em 1906 os jogos moraram em Atenas: mas, foi uma edição clandestina, pois os 883 participantes, de 22 nações, não viram oficialmente reconhecido o seu esforço, dado que não tinham ainda tombado quatro anos sobre as anteriores Olimpíadas. E atinge-se Londres, 1908, 22 países à compita, 2666 desportistas em luta. Corriam-se os 400 metros em 50 segundos (Halswell, de Inglaterra), saltava-se 1 e 90 de altura (Porter, dos E. U. A.). Os jogos Olímpicos ainda não tinham a sua justa e moderna dimensão.

PORTUGAL

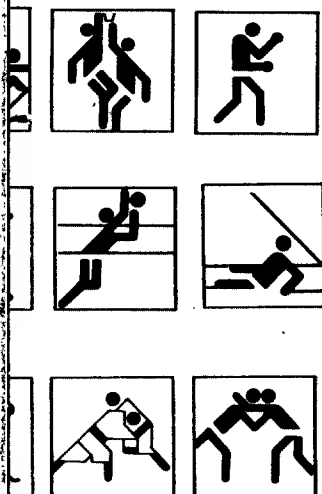
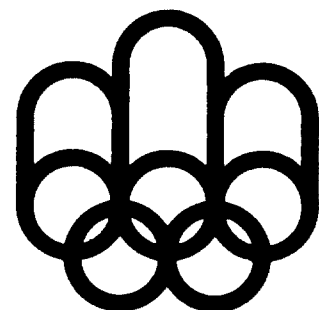
Foi quando surgiu Estocolmo, na rota da festa. Que, para



Paavo Nurmi

todas as paradas, até Montreal, até Kensington, aos palcos dos grandes debates. A TV na força máxima: 107 câmaras a jogar os seus feixes para um satélite. Vinte carros equipados de «régie», 50 estúdios em plena laboração, quatro helicópteros apenas para tomada de vistas, dez «plateaux» cinematográficos exclusivamente preparados para as entrevistas aos ganhadores: ou para o pranto das desditas maiores. Cento e dez gabietes de telex, 480 telefones internacionais, perto de 2000 intérpretes: e toneladas de alimentos, especialmente controlados, a entrarem diariamente pelos portões de ferro e arame farpado que cercam a aldeia olímpica.

Os cinco anéis olímpicos, desenhados de modo original por George Well, a juntarem os cinco continentes: e, da Grécia, quase a caminho, um



foi Jaime Cortesão) que atingiu uma meia final dos 800 metros, António Pereira (derrotado longo no combate de abertura na greco-romana) e Fernando Correia (um sabrista que ficou pelo anonimato).

Francisco Lázaro, que pouco tempo antes tentara bater o «record» mundial da meia hora, fora (cá por casa) o vencedor crónico das corridas da maratona. A 14 de Julho desse 1912 ele era, em Estocolmo, um homem marcado, entre os 68 concorrentes à longa estrada de 42,195 quilómetros, a correr sob sol inclemente e debaixo de temperatura asfíxiante. Aliás, os médicos do Comité Olímpico Internacional, sentindo melhor que adivinhando o tremendo desgaste a que iriam



Shane Gould: a sereia de Munique

de paz

NEVES DE SOUSA



ta série) em Munique: o negro racial dos Jogos de Berlim, só Hitler voltaria à Alemanha

ser sujeitos os fundistas, tudo tentaram para que a prova fosse adiada para dia mais favorável: impossível, pois o programa é inalterável — responderam os responsáveis pela organização.

A partida, 67 homens tinham a cabeça protegida: Lázaro era a (fatal) excepção. Confiante, eufórico, senhor de si, declarou que estava como peixe na água. Seria a sua morte.

Num inferno de desidrências e de quedas, de pedidos de socorros e desmaios, 34 maratonistas ficaram pelo caminho: um deles (o português) perdido para todo o sempre. Todavia, Francisco Lázaro lutou como um gigante: aos 15 quilómetros, era 27.º na estreita fila; cotava-se como 18.º aos 25 ms; percorria o terreno com passada rija e vigorosa, nada fazendo adivinhar o desenlace. Que sucederia quando o nosso campeão já vislumbrava a testa da corrida: estava-se ao km 30, quando começou a cambalear, olhos vitreos, pernas a arrastarem-se, aos tropeções. Subitamente, caiu estatelado no pó da estrada: não voltaria a dar acordo, embora tivesse sido prontamente transportado para um hospital onde teve breve e confrangedora agonia.

Pode ler-se na certidão de óbito de Francisco Lázaro: morte por meningite, possivelmente com derrames meningeos motivados por fulminante insolação. A cabeça, sem protecção, facilitou a morte? Qualquer substância ingerida pelo atleta, com vista à superação momentânea do esforço, estaria na base da tragédia? Um sacrifício para além do limite humano, na tentativa de ultrapassar as carências próprias, motivaria o negro epílogo de uma carreira brilhantíssima?

Um cavalo abatido sem cumprir a corrida: eis como Francisco Lázaro se quedou para a posteridade.

ESGRIMA E HIPISMO

Antuérpia, 1920, voltou a ver portugueses entre os 2741 atletas de 26 países, lá estavam figuras do nosso desporto. Conseguiu-se uma medalha de bronze na prova de espada, ficando Mascarenhas de Menezes no 6.º lugar da tabela individual.

Paris, 1924, atletas lusos em várias disciplinas de diferentes modalidades. O «sprinter»

Gentil dos Santos arrancou terceiros lugares em eliminatórias de 100 e 200 metros, por aí ficando. A representação de tiro chegou a ser aplaudida: mas também não foi além de cotação secundária final. Só em hipismo (obstáculos) a equipa de Portugal marcou posição: medalha de bronze no «Grande Prémio das Nações» a compensar o seu 3.º posto, categoricamente logrado, logo após a Suécia e Suíça.

Amesterdão, 1928, jogos a envolverem 3905 atletas, de 46 nações. A espada portuguesa foi magnífica: a equipa conjunta espada-florete (Henrique Silveira, Jorge Paiva, João Sasseti, Frederico Paredes, Mário Noronha e Paulo Eça Leal) arrancou o 3.º lugar por formações, conquistando nova medalha de bronze, após ter batido a Grécia, a Holanda, os Estados Unidos, a Noruega e a Bélgica, somente se inclinando face à melhor destreza (ou sorte) dos esgrimistas italianos e franceses. Também os futebolistas («a gloriosa equipa de Amesterdão», com os sensacionais Roquete e Jorge Vieira, Carlos Silva e José Manuel Martins, Raul de Figueiredo e Vítor Silva) atingiram os quartos de final, após terem derrubado o Chile (4-2) e a Jugoslávia (2-1). O Egipto eliminou-nos (1-2), mas os três lugares no «podium» seriam para os «capitães» dos «onzes» do Uruguai, da Argentina e da Itália.

Los Angeles, 1932: 2403 atletas, 39 países em busca de medalhas ou tão somente da definição de Coubertin, que sintetizava a festa num encontro de bandeiras comungando do ideal da harmonia e da fraternidade. Os portugueses por lá andaram: entrando mudos e saindo calados, depois de terem desfilado uns praticantes de atletismo, uns bem intencionados atiradores a chumbo e dois concorrentes ao pentatlo moderno, por sinal os únicos que ficaram inscritos na listas de desfechos (22.º e 23.º postos). Mas foi (sem dúvida) um belo e atraente passeio até jun-

to das multimilionárias estadunidenses ávidas de bem conhecerem como amavam os latinos...

Berlim, 1939: o maratonista Manuel Dias (do Benfica) a classificar-se em 17.º, quando durante mais de metade da prova seguia em 2.º. E algumas presenças salientes: o esgrimista Henrique da Silveira em 6.º na competição de espada, o velejador Joaquim Fiúza com um 10.º em «stars». Uma vez mais, bronze ao peito de portugueses: José Beltrão (6.º posto individual), Marquês do Funchal (16.º) e tenente Luis Mena e Silva (21.º) agruparam-se para arrebatar a medalha de terceiros classificados, entre todos os blocos concorrentes à «colectiva» de Hipismo, após cavaleiros da Alemanha e da Holanda.

SURGE A VELA

Londres, 1948, quando o nadador Mário Simas esteve a um breve golpe de alcançar êxito nos 100 metros costas. A sua honestidade e o seu desportivismo impediram o embolsamento de qualquer medalha: a frente dos concorrentes na última viragem, não tocou a piscina e, embora os juizes não tivessem notado a falta, voltou atrás e preferiu ficar na cauda

a chegar na frente defraudando os regulamentos. Todavia, houve algumas outras compensações: por exemplo a medalha de prata para os irmãos Fernando e Duarte Belo (em «andorinhas», uma classe de vela já desaparecida). E (logicamente) o 3.º lugar para a equipa de hipismo, constituída pelo capitão de nome Fernando António Cerqueira da Silva Pais (10.º lugar em «ensino»), e dois colegas do Exército Francisco Valadas, 11.º; Luis Mena e Silva, 13.º. Quanto a Mena e Silva, uma curiosidade: foi o único português que subiu por duas vezes a um «podium» olímpico, repetindo em Londres o «brilharete» de Berlim.

Helsínquia, 1952: 69 países no desfile inaugural, 5867 atletas em paralelo. Levámos à Finlândia um ror de gente, gente a mais, porquanto apenas o hipismo (4.º lugar no «curso completo» de equitação e 8.º posto no «Grande Prémio das Nações») e o 3.º lugar em «stars» (medalha de bronze para Joaquim Fiúza e Francisco Andrade, no «Espadarte») saltaram para as colunas da grande apreciação. A vela, uma vez mais, dava-nos relativa alegria: apenas «stars» da Itália e dos Estados Unidos tinham feito melhor.

Melbourne e Estocolmo,

1956: duas cidades de braço dado para as Olimpíadas. Austrália e Suécia: 67 países 3539 participantes. Portugal foi um zero em tudo, desfilando entre a multidão, perdido, apenas a sobressair levemente no hipismo: Henrique Calado (montando «Martingil») a quedar-se num 8.º lugar que não premiava a sua classe mas ia ao encontro da desfortuna que rodeou a sua intervenção olímpica. Aliás, os cavaleiros nacionais andaram em maré de azar: os três capitães (Alvaro Sabbo, Duarte Silva e Fernando Cavaleiro) tiveram a sorte de costas. Sabbo foi eliminado no «cross» integrado no «Concurso», Duarte foi 29.º e Cavaleiro o 34.º. Pereira de Almeida (igualmente capitão do nosso Exército) montou «Feitico» e foi 2.º em «ensino», na trilogia que contava para o «concurso». Calado e «Martingil» do mesmo modo não atingiram a bitola normal e tiveram de ceder os louros aos cavalos do alemão Winkler e dos manos italianos Inzeo, dos suecos Kastennam e Ct. Cyr, dos germânicos Lutke-Westhaeae e Liesenhoff, do inglês Weldon e do dinamarquês Hartel.

Não há dúvida: Portugal comparecia mas não passava da cepa torta. Uma andorinha, aqui e além, não fazia a Primavera.

Continua

«Nada, na história da antiguidade, me fez sonhar tanto como Olímpia, essa cidade consagrada a um interesse, na forma, estritamente humano e material, mas apurado e engrandecido pelas reservas vitais da noção de pátria que lhe subjazia. Olímpia era a permanente visão da minha adolescência: imaginava-lhe os pórticos, as colunas. Muito antes de pensar em extrair das suas ruínas um princípio renovador, empenhei-me mentalmente em reconstruí-la, em divisá-la nos seus primitivos, intactos contornos. A Alemanha destruiu o que restava de Olímpia: por que não competiria à França o restituí-la ao esplendor? Dai passei, então, ao projecto, menos brilhante mas infinitamente mais prático e fecundo, de restabelecer os Jogos. Tanto mais que soara a hora do internacionalismo desportivo reassumir o seu papel no Mundo.»

PIERRE DE COUBERTIN

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES

E SIMILARES DO SUL

Secção Distrital de Setúbal

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais da Indústria Hoteleira, reunidos em Setúbal a 5 de Julho de 1976 na Sede da Secção Distrital de Setúbal do seu Sindicato, repudiam vivamente o afastamento compulsivo de 3 camaradas grávidas, entre elas uma Delegada Sindical, da Cantina da Fábrica do Entrepósito Industrial de Automóveis, por parte da sua Administração e posterior despedimento pela firma multinacional Gertal das mesmas trabalhadoras.

Repudiam ainda a intervenção da G. N. R. na fábrica para desalojar as trabalhadoras da Gertal em luta contra os despedimentos.

Setúbal, 5 de Julho de 1976

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

ASSEMBLEIA

GERAL DE DELEGADOS

Convocam-se os delegados sindicais de todos os sectores de ensino para uma Assembleia Geral de Delegados a realizar na próxima 3.ª feira, dia 13 de Julho, pelas 21.30 horas, na Sede do Sindicato, Rua das Gaivotas, 6, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informações
2. Continuação da aprovação do Regulamento Eleitoral para os Secretariados Distritais de Sector.

NOTA: Por lapso, nas convocatórias que seguiram para as Escolas, não foi indicado o local, a data e a hora da realização da Assembleia.

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA MOÇÃO DE REPUDIO

Os trabalhadores do Comércio Retalhista do Distrito de Leiria, reunidos em Plenário Distrital realizado em 30/6/76, repudiam veementemente o selvático atentado bombista contra as instalações da INTERSINDICAL NACIONAL em Lisboa, atentado este que se insere na actual campanha antioperária contra a Central Única dos Trabalhadores.

Leiria, 30 de Junho de 1976

Estrangeiro Arbitrariedades da Junta chilena denunciadas por inimigos do Governo de Allende

CHARLES VANHECKE

SANTIAGO DO CHILE
«Chilenos que insultam a sua pátria», segundo o quotidiano La Tercera. Advogados «de atitude vergonhosa», segundo o jornal La Segunda. Gente culpada de «canalhice», de «cobardia moral», segundo o coordenador-geral da sexta assembleia geral da O. E. A., Ricardo Claro.

Desde 9 de Junho que as autoridades chilenas lançam a sua artilharia pesada contra as cinco personalidades que mandaram aos ministros dos Negócios Estrangeiros presentes em Santiago, um documento virulento sobre as violações dos direitos do homem no Chile. O golpe dado à Junta e tanto mais sentido quanto provem de antigos inimigos do Governo Allende. Três deles foram dirigentes do Partido Democrata-Cristão. O principal signatário, Jaime Castillo Velasco, foi ministro da Justiça de Eduardo Frei e presidente do P. D. C.

«Há já três anos que decorre o processo de prisão maciça dos cidadãos», escrevem os cinco indivíduos que protestam

e afirmam ter tirado as suas conclusões da experiência que têm de juristas e de advogados. «São hoje apresentadas como perigosas, pessoas que ontem não o eram: os parentes dos detidos, os descontentes, os militantes que não pertenciam à Unidade Popular, aqueles que exercem uma actividade crítica ou que pertenciam a instituições sociais, às universidades, aos sindicatos, etc. As pessoas entram e saem constantemente da prisão.»

Segundo o documento, as declarações são feitas arbitrariamente, «por tempo indefinido». A prisão no segredo, «ilegal, sem prazo fixado com antecedência», tornou-se um «hábito». O interrogatório «extrajudicial, com base na coerção, é um elemento essencial do sistema». Todos os dispositivos legais são violados. As prisões fazem-se de modo a não deixar vestígios. A polícia secreta tornou-se «todo-poderosa e irresponsável».

Seguem-se algumas indicações sobre essa polícia secreta, a DINA (Direcção Nacional de Informação). O seu pes-

soal de base é militar, mas muitos dos seus elementos foram recrutados «nas camadas mais baixas da sociedade, tanto sob o ponto de vista moral e cultural como pessoal». Trata-se de uma polícia que depende exclusivamente da Junta e «do presidente da República». Interrogada pelo Ministério do Interior ou pelos tribunais, a DINA responde o que lhe apetece: por princípio nega «ter prendido tal pessoa dada por morta, desaparecida, raptada ou violada».

Os autores do documento dão precisões acerca dos locais de detenção clandestinos, citados nos relatórios internacionais «e cuja existência o Governo chileno não negou». Em certos casos a sua existência foi mesmo confirmada pelas autoridades porque elas proibiram o seu acesso à comissão da O. E. A., e depois fecharam-nos. Sempre segundo os signatários do documento, as torturas são praticadas nessas prisões clandestinas, tal como no centro de detenção Cuatro Alamos, um dos três centros que recolhem as

pessoas presas devido ao estado de sítio. «Uma simples visita aos campos de prisioneiros bastaria para se verificar, que em numerosos casos, os detidos trazem no corpo os vestígios dos maus tratos de que foram vítimas».

Para mais, «segundo numerosas testemunhas e toda a espécie de provas judiciais, há um importante número de pessoas que desapareceram depois de terem sido presas por patrulhas militares ou por equipas da DINA». Os signatários revoltam-se também contra a atitude do poder judicial: os «juizes que se declaram incompetentes», o «Supremo que abandonou voluntariamente e contra a sua própria tradição o direito de recorrer contra as abomináveis sentenças dos tribunais militares». «Os próprios jornalistas do regime parecem ter o direito de insultar e caluniar os cidadãos. Nada e ninguém os detém». Os delegados da O. E. A. terão tido ocasião de fazer diariamente esta última constatação, ao ler as «manchettes» dos principais quotidianos.

Le Monde

ARGENTINA

Recrudescimento da guerrilha origina crise na Polícia

BUENOS AIRES (IPS) — Faltando poucos dias para a celebração do aniversário da independência argentina, a capital do país está a viver momentos de particular violência.

Durante a madrugada da passada segunda-feira, um recuento na zona sul de Buenos Aires teve como resultado a morte de um número não identificado de guerrilheiros. Fontes oficiais falavam em quatro abatidos.

Uma informação que não pode ser confirmada dizia ainda que haviam aparecido 20 cadáveres na povoação de El Palomar, situada na periferia de Buenos Aires e conhecida por ser sede de uma base aérea. A confirmar-se este dado, o número de mortos elevar-se-ia a 82 durante o passado fim-de-semana. Uma das vítimas do último (week end) argentino foi fuzilada contra uma das paredes do Obelisco, monumento central de Buenos Aires e de alguma maneira o símbolo da capital da Argentina. O fuzilamento ocorreu às 5 horas da madrugada de domingo na «calle» Corrientes, com características de «justiça exemplar». Testemunhas oculares afirmaram que os autores dos disparos conseguiram fugir sem serem molestados e que a Polícia somente chegou ao local quinze minutos depois dos tiros.

Entretanto soube-se que nas casas de alguns dos cinco religiosos assassinados na Igreja de San Patricio, no bairro residencial de Belgrano, existem textos pintados nas paredes pelos assassinos, nos quais as vítimas são assinaladas como pertencentes dos movimentos de sacerdotes do Terceiro

Mundo.

A violência dos últimos dias submergiu Buenos Aires num ambiente de perplexidade, iniciado na passada sexta-feira quando uma potente bomba destruiu o refeitório de uma dependência da Central de Polícia, fazendo dezoito mortos e sessenta e seis feridos.

No interior do país, segundo informações de fontes oficiais os guerrilheiros sofreram trinta e seis baixas na provincia de Buenos Aires, duas em Córdo-

ba e uma em Rosário. No início desta semana o Exército difundia a notícia de ter abatido mais sete guerrilheiros em Córdoba e em Tucumán. Pelo seu lado a polícia de Bahía Blanca — 700 quilómetros ao Sul de Buenos Aires anunciou a descoberta dos cadáveres de dois jovens que, posteriormente, foram identificados como sendo dirigentes sindicais

A POLÍCIA EM CRISE

O chefe da Polícia Federal, general Arturo Amador Corsetta, suspendeu altos funcionários da instituição e solicitou ao ministro do Interior que con-

gráficos que haviam sido sequestrados de suas casas, na passada quinta-feira, por grupos fortemente armados.

Os funcionários suspensos são os superintendentes da Segurança Federal e da Segurança Metropolitana, comissários gerais Evaristo Enrique Disterio e Ángel César Escarcella, a quem o chefe da Polícia resolveu aplicar o princípio de responsabilidade de comando em relação ao bem sucedido atentado guerrilheiro do último dia 2. O comunicado diz textualmente: «O chefe da Polícia Federal Argentina informa que, perante o ataque à Superintendência da Segurança Federal, que, como é sabido, produziu importantes baixas nas suas forças e tendo medido e avaliado o seu alcance na ordem operacional, resolveu aplicar ao caso o princípio da responsabilidade de comando, em virtude do qual a mais alta hierarquia de uma instituição é responsável, em todo o momento, pelos factos que nela ocorram, qualquer que seja a sua intervenção pessoal nos mesmos».

A situação criada no seio da Polícia Federal, poderosa organização com jurisdição na cidade de Buenos Aires, mas que em caso de emergência actua em todo o país, soma-se um conflito inesperado no Governo. Comenta-se que a estabilidade do próprio chefe de Polícia, titular do cargo há apenas 11 dias, não é segura. A ser substituído o actual chefe seria esta a terceira mudança na cúpula da Polícia argentina desde o dia 24 de Março, quando o general Videla assumiu o poder.

Entretanto, rigorosas medidas de segurança estão montadas na sede da Polícia Federal e os seus acessos são rigorosamente controlados.



Soldados em patrulha no centro de Buenos Aires

O marechal Chu Teh morreu com 90 anos

PEQUIM, 7 — (R.) — Bandeiras acham-se hoje a meia haste quando a China se encontra de luto pelo falecimento de Chu Teh, o maior herói militar da nação e o equivalente mais próximo a chefe do Estado.

Pequenas multidões reuniram-se à volta das bancas de jornais para ler a notícia oficial anunciando ontem a morte do soldado revolucionário, de 90 anos, geralmente considerado como o «pai» do Exército Vermelho.

Jornais publicam fotografias na primeira página de um Chu Teh caracteristicamente severo, tendo por debaixo um título, tardo a negro, em que se lê «glória eterna ao camarada Chu Teh, grande revolucionário proletário do povo chinês».

Chu era presidente do Congresso Nacional Popular, o Parlamento chinês, e membro da influente comissão permanente do Politburo.

Contudo, a História recorda-lo à como o militar que, há 41 anos, comandou o Exército Vermelho na épica Grande Marcha, uma fantástica caminhada de 12 meses em que foram percorridos 9600 quilómetros, sob condições tremendamente difíceis, desde o sueste da China para um refúgio nas montanhas norte do Yennan.

Há apenas um mês, Chu estava suficientemente bom de saúde para assumir deveres extra e começou a receber estadistas visitantes, substituindo o fraco presidente Mao Tsé

Tung, de 82 anos.

Contudo, recebeu em audiência apenas dois chefes de governo, sendo o último o primeiro-ministro da Austrália, Malcolm Fraser, antes de adoeecer.

A notícia do falecimento não especifica a causa do óbito, dizendo simplesmente que morreu às 15 horas e 1 minuto, locais (7 e 1 de Lisboa) de ontem, «após não reagir ao tratamento médico».

A sua morte abriu outro rombo na idosa chefia comunista e ocorreu no meio de preocupação cada vez maior por motivo do estado de saúde do presidente Mao, seu camarada íntimo durante a longa revolução comunista.

Hoje nas ruas de Pequim, banhadas de sol, não havia sinais evidentes de emoção. Em Janeiro quando faleceu o primeiro-ministro Chu En-lai, de-



O marechal Chu Teh, «pai» do Exército Vermelho.

correram mais de 24 anos antes do pesar se transformar numa manifestação maciça de dor pública.

Bandeiras oficiais flutuavam a meia haste e uma comissão do funeral, chefiada pelo próprio Mao, anunciou que o

país ia entrar num luto carregado.

As cerimónias começam amanhã quando o corpo de Chu ficar em câmara ardente.

Espera-se que o corpo seja cremado amanhã à noite

Estrangeiro

ADOLFO SUÁREZ PROMETE Reformas em Espanha serão aceleradas

MADRID, 7 — (R.) — O novo primeiro-ministro de Espanha, Adolfo Suárez, prometeu apressar as reformas democráticas apesar da recusa de proeminentes ministros reformistas em servir no seu governo.

Suárez, num discurso de dez minutos pela televisão, a noite passada, disse que as reformas iniciadas após a morte do general Franco, em Novembro, seriam aceleradas «com o realismo que o nosso momento exige».

Observadores políticos disseram que ele poderia encontrar dificuldades para executar estas mudanças após a recusa de ministros reformistas como o ministro dos Negócios Estrangeiros, José Maria de Areilza, e o ministro do Interior, Manuel Fraga Iribarne, em servir num gabinete chefiado pelo

primeiro-ministro de 43 anos de idade.

Esperava-se que Suárez prosseguisse hoje as tentativas para formar o seu governo, o segundo desde a morte do general Franco. Substituiu Carlos Arias Navarro, que teria sido forçado a demitir-se como primeiro-ministro na quinta-feira passada pelo rei Juan Carlos.

Salientando a noite passada que desejava governar com o consentimento do povo, Suárez disse pertencer a uma geração que nasceu após a guerra civil de 1936-39 e a «Uma maioria de cidadãos que desejam falar num tom moderado de concórdia e conciliação».

Alerta

contra aviões no Uganda

NAIROBI, 7 — (R.) — Rádio Uganda transmitiu hoje um alerta à população e citou um informador militar como afirmando que 30 «aviões inimigos», que se crê serem israelitas ou norte-americanos, foram detectadas a aproximarem-se do país.

Os aviões vinham do Quênia para o Uganda, segundo Rádio Kampala captada em Nairobi. Contudo, a rádio não esclareceu se os aviões se encontravam já no espaço aéreo ugandês.

O informador aconselhou o público do Uganda a não entrar em pânico, mas a manter uma vigilância apertada, procurando qualquer indivíduo «suspeito de ser espião ocidental», e informar imediatamente o governo.

A comunicação da rádio dizia que todas as unidades médicas em todo o Uganda, se achavam de prevenção e aos ugandeses foi pedido para doarem sangue, se fosse necessário.

«O Uganda é capaz de se defender, embora vários países amigos estejam prontos a vir em nosso socorro» teria ainda asseverado o informador militar.

Cimeira: o Comecon enfrenta exigências do consumidor

BERLIM-LESTE, 7 — (R.) — Primeiros-ministros do bloco soviético reúnem-se hoje em sessão em Berlim-Leste, a fim de procurar em novos meios de enfrentar as exigências cada vez maiores do consumidor num clima económico, de dia para dia, mais difícil.

O Comecon, o grupo económico de nove países, cuja cimeira anual deverá durar três dias, enfrenta uma diminuição acentuada de mão-de-obra, capital e recursos de matérias-primas.

Os alvos para melhores níveis de vida foram reduzidos para o resto da década e políticos estão a lançar apelos para novos esforços destinados a aumentar a produtividade.

Os problemas de adaptação ao novo clima tornaram-se patentes de uma forma singela na Polónia, onde o Governo se viu obrigado a cancelar apressadamente um plano essencial de aumentos dos preços dos víveres, em Julho, após protestos da classe trabalhadora.

Espera-se que os discursos de hoje tenham como tema o lado positivo da actuação do Comecon e saliente que o seu desenvolvimento, nos últimos rápidos do que o do Mercado Comum Europeu ocidental.

Contudo, os problemas da inflação e recessão com que se debate o Ocidente estão também a afectar países do Comecon, onerando as contas de importações e eliminando esperanças de um aumento das exportações.

Outros problemas no horizonte do Comecon incluem as dívidas cada vez maiores ao Ocidente, a necessidade de

concordar com meios de especialização a produção industrial nos países membros e incertezas no campo agrícola.

A cimeira do Comecon, em Budapeste, no ano passado, apresentou planos para garantir fornecimentos de energia e de matérias-primas com a exploração de recursos soviéticos com capital e tecnologia da Europa Oriental.

Considera-se como certo que essas questões dominem, mais uma vez, a actual sessão do Comecon. A luz verde poderá também ser acesa para uma rede conjunta de electricidade europeia oriental, que se estenderá até à Jugoslávia.

A Jugoslávia participa em algumas actividades do Comecon como membro associado e está representada em Berlim-Leste por um vice-primeiro-ministro. A República Popular de Angola, que se tornou

recentemente independente, o Vietname, Laos e Coreia do Norte acham-se presentes como observadores.

Não se aguardam na sessão desta semana novas iniciativas em relação ao Mercado Comum Europeu ocidental. O Comecon espera ainda uma resposta da Comunidade Económica Europeia a propostas feitas em Fevereiro para uma minuta de acordo entre os dois blocos.

Outras áreas possíveis de discussão, durante a sessão em Berlim-Leste, são os transportes e os custos do comércio externo.

Certos observadores opinam que novas alterações se poderiam registar no sistema de preços do Comecon, que foi revisto, há 18 meses, para seguir mais de perto as tendências do mercado mundial.

Quatro mulheres fogem da prisão em Berlim

BERLIM OCIDENTAL, 7 — (R.) — Quatro mulheres incluindo uma cuja libertação foi exigida por guerrilheiros pró-palestinos no recente drama no aeroporto de Entebbe, no Uganda — fugiram hoje das suas celas numa cadeia de Berlim Ocidental — declarou a Polícia.

As mulheres foram identificadas como Gabrielle Rollnick, Inge Viett, Juliane Plambeck, e Monika Berberich. As primeiras três teriam estado envolvidas no rapto do dirigente local do Partido Democrata-Cristão (CDU), Peter Lorenz, em Fevereiro do ano passado.

Viett era uma das prisioneiras cuja libertação foi exigida pelos assaltantes de Entebbe — disse a Polícia.

Os assaltantes foram mortos, porém, durante uma bem sucedida operação de comandos israelitas para libertar mais de cem reféns e tripulantes que aqueles mantinham em seu poder depois de forçarem um avião da Air France a aterrar no Uganda.

Berberich havia sido condenada por assalto a um banco.

Todas elas se encontravam detidas na prisão de mulheres de Berlim Ocidental.

COSMONAUTAS EM ÓRBITA

"Salsicha espacial" soviética parece ser o objectivo

MOSCOVO, 7 — (R.) — Dois cosmonautas soviéticos orbitavam hoje à volta da Terra preparando-se para uma esparada ligação com um laboratório espacial não tripulado, no que poderia ser a primeira fase de uma nova experiência com três naves espaciais.

Os dois homens, o coronel Boris Volynov e o tenente-coronel Vitaly Zholobov, partiram ontem da Ásia Central soviética no seu veículo de transporte Soyuz-21, exactamente duas semanas depois de ter sido lançada uma nova estação espacial, a Salyut-5.

A sua órbita colocou-os exactamente na pista da Salyut, e, a avaliar por encontros espaciais anteriores, esperava-se que se aproximassem da estação hoje ou às primeiras horas de amanhã.

A agência noticiosa soviética Tass, mantendo a sua habitual atitude descomprometida, dizia apenas que a Soyuz-21 realizaria «experiências con-

juntas» com a Salyut. Mas observadores confiavam que se não houvesse problemas, seria efectuada uma acoplagem.

Até agora a missão tem seguido estreitamente o padrão dos voos destes últimos anos, em que tripulações de dois homens têm acoplado com estações espaciais e realizado experiências durante várias semanas, regressando seguidamente à Terra. Contudo, desta vez, fontes soviéticas indicaram que, se tudo correr bem, a equipa da Soyuz-21 poderá juntar-se na Salyut outra tripulação após quatro ou cinco semanas.

A revista norte-americana «Aviation Week» anunciou o mês passado que o novo laboratório orbital tinha dois pontos de acoplagem, permitindo aos veículos de transporte aportar em cada uma das extremidades para formar aquilo que fontes locais descreveram como «uma salsicha espacial».

As fontes sugeriram que as

duas naves podiam realizar também transferências de tripulação, repetindo experiências realizadas o ano passado na aventura espacial conjunta Apollo-Soyuz com astronautas norte-americanos.

Crê-se também que os russos desejam secretamente bater o recorde de permanência no espaço — 48 dias — estabelecido pelos três tripulantes da terceira missão norte-americana Skylar em 1974.

Os cosmonautas soviéticos que mais tempo permaneceram no espaço são Pyotr Klimuk e Vitaly Sevastyanov, na missão de 63 dias da Soyuz-18, que acoplou o ano passado com a Salyut-4.

Do último dueto espacial, Volynov, de 41 anos, é um veterano da missão Soyuz-5 em 1969, enquanto Zholobov, de 39 anos, jamais voara no espaço.

Os dois cosmonautas deveriam ser acordados às 6 horas (de Lisboa) de hoje

Caleidoscópio

■ BERLIM OCIDENTAL, 7 (ANOP) — Encerrou-se ontem com a atribuição dos prémios, o Festival de Cinema de Berlim.

O Urso de Ouro, foi atribuído à película norte-americana «Buffalo Bill e os índios», de Robert Altman.

O Urso de Prata foi outorgado ao filme mexicano «Canoa» de Felipe Cazalis.

O Urso de Prata para a melhor direcção coube ao italiano Mário Monicelli, pela sua película «Querido Miguel».

Outro Urso de Prata correspondeu ao húngaro Laszlo Lugosi, pelo seu «Homem sem nome», como o melhor primeiro filme.

O prémio de interpretação masculina correspondeu ao

alemão Gerhard Olschewski, pelo seu desempenho em «Viada Perdida» e o feminino à polaca Jadwiga Baranska pela sua interrupção em «Noites e Dias».

■ PRETÓRIA, 7 (R) — O Governo da África do Sul, cedendo à pressão, concordou ontem em abandonar o uso obrigatório da língua «afrikaans» em escolas para crianças negras.

■ BEIRUTE, 7 (R) — Palestínios e esquerdistas libaneses, combatendo em duas frentes contra tropas sírias e frentistas libaneses — anunciaram a noite passada que estavam sob forte pressão de ambas as partes.

■ CARTUM, 7 (R) — Diplomatas líbios no Sudão estão hoje a fazer as malas, após o presidente Jaafar Nimeiry cortar as relações diplomáticas com Trípoli.

O general Nimeiry concedeu-lhes ontem o prazo de 24 horas para abandonar o país, após acusar a Líbia de arquitectar a intentona de sexta-feira contra ele.

■ PALMA DE MAIORCA, 7 (R) — Um jovem líbio desviou ontem dos aviões de passageiros do seu país mas entregou-se à Polícia sem resistir depois de o avião aterrar em Palma de Maiorca, uma estação de veraneio insular no Mediterrâneo — segundo um informador do aeroporto local.

Geral



António Carmo. Monteiro Gil e Silva Palmeira expõem desenhos, pinturas e gravuras na Grafil, até ao dia 17. Na imagem, um trabalho de António Carmo

Em defesa de Pinto Leite contra a actual S.E.C.

Cinco organismos ligados a actividades artísticas — a Associação Portuguesa de Críticos, a Associação Portuguesa de Teatro de Amadores, o Sindicato dos Músicos, o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos e a Sociedade Portuguesa de Autores — emitiram ontem um comunicado protestando publicamente contra acusações recentemente feitas pela Secretaria de Estado da Cultura contra o eng.º Vasco Pinto Leite, que foi director-geral da Cultura, Informação Popular e Espectáculos.

Segundo a Secretaria de Estado (secretário de Estado, Da-

vid Mourão-Ferreira), Pinto Leite teria «tentado impor a repressão mais tortuosa e a censura mais boçal às actividades culturais».

Diz o texto conjunto de protesto: «Ao contrário do que actualmente está a acontecer na S. E. C., em que os organismos representativos dos diversos sectores da actividade teatral deixaram de ser ouvidos sobre os problemas que directamente lhes dizem respeito e as decisões em matéria de política teatral (se é que existe uma política teatral da S. E. C.!) são tomadas a nível de gabinete — no período em que o eng.º

Vasco Pinto Leite orientou a Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos a participação daqueles organismos garantiu sempre a democraticidade das deliberações tomadas, deliberações em que a preocupação de evitar toda e qualquer forma de censura era uma constante.»

"Rio de Onor" e "As Máscaras"

Hoje e amanhã, às 21.30 horas, no A.R.C.O., Rua de Santiago, 18 (ao miradouro de Santa Luzia) realizar-se-á uma sessão do filme «Rio de Onor» de António Campos.

Nos dias 14 e 15 à mesma hora, será exibido o filme «As Máscaras» de Noémia Delgado.

"Trás-os-Montes" em 4.ª semana

«Trás-os-Montes», o controverso filme de António Reis e Margarida Martins Cordeiro entrou em quarta semana de exibição numa sessão diária (às 19 horas) no «Satélite».

O filme, que foi já oficialmente convidado para os Festivais Internacionais de Toulon, e Locarno, é sem dúvida um caso notável do cinema português, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

FÉRIAS NA PRAIA TORREMOLINOS

1 SEMANA

PARTIDAS:

Julho 4, 11, 18 e 25

Agosto 1, 8, 15, 22 e 29

Setembro 5 e 12

Preço excepcional desde 2.500\$

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telf. 371.334

PORTO Av. do Alamo, 202 • Telf. 1.990

COIMBRA Rua do São 2 • Telf. 1.200

FARO Rua Carlos da Silva 10 • Telf. 1.200

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

FORÇA AÉREA

CORPO DE TROPAS PARA-QUEDISTAS
BASE ESCOLA
DE TROPAS PARA-QUEDISTAS

CONSELHO ADMINISTRATIVO

VENDA DE ARTIGOS
DE FARDAMENTO INCAPAZ

Aceitam-se propostas escritas até às 17 horas do dia 15 de Julho de 1976, para venda de lotes de Fardamento Incapaz armazenados no Depósito de Base Escola de Tropas Para-Quedistas em Tan-
cos.

Os lotes podem ser vistos todos os dias úteis no local de armazenagem, das 9 às 12 horas.

O caderno de encargos que estabelece as condições de venda dos lotes anunciados, encontra-se patente na Tesouraria do Conselho Administrativo da Base Escola de Tropas Para-Quedistas em Tan-
cos, das 14.30 às 17 horas de todos os dias úteis à excepção de sexta e sábado.

O PRESIDENTE

António Martins Cacela
Maj/Sg/Paraq

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Título: «Les Innocents aus mains sales»
Realização: Claude Chabrol (França-Itália-Alemanha: 1974/75)
Argumento: Claude Chabrol, segundo romance de Richard Neely
Fotografia (eastmancolor, panavision): Jean Rabier
Música: Pierre Jansen
Montagem: Jacques Gaillard
Interpretação: Rommy Schneider (Lulie), Rod Steiger (Louis), Paolo Giusti (Jeff), Jean Rochefort (Legal), François Perrot (Thorent), François Maistre (Lamy), Pierre Santini (Villon), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes
Cinema: Roxy
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 119 minutos

Muito cedo Chabrol se afirmou como um realizador solidamente ancorado num estilo pessoal, rodado numa equipa fiel, profissionalizado e eficiente, mas onde os rasgos foram rareando. Dir-se-ia que Chabrol se foi acomodando a uma rotina brilhantista que pouco a pouco foi desiludindo mesmo os seus fiéis admiradores. **Une partie de plaisir** (já exibido entre nós) pareceu ser um novo fôlego, uma rota intimista, mas este **Os inocentes de mãos sujas** vieram retirar as esperanças. **Domage!**

Trata-se, claro, de um Chabrol, de uma história policial

"Os Inocentes de Mãos Sujas" de Claude Chabrol

bem esgalhada (mas não muito...), uma realização segura, um conjunto de actores profissionais, mas tudo se passa ao nível do comércio sólido, do pequeno humor que já foi hitchockiano e agora se reduz ao «já visto», do filme profissionalmente executado, para rápida venda.

Houve tempos em que Chabrol fazia filmes simplesmente para uma noite bem passada (e **Docteur Popaul** ainda o era), onde a um outro nível de leitura se poderiam encontrar boas surpresas. Agora, porém, mesmo esse «para lá da história», que aqui seria um hipotético retrato de mulher, está de tal maneira cosido à superfície do écran, patenteado, que todos os fascínios se foram. E depois a versão, ora apresentada é do-

brada em inglês (porquê, senhor distribuidor?) o que dá ao filme um aspecto incómodo, falseado, é ver por exemplo a «ponta» de Jean Rochefort destruída sem remédio. E depois a publicidade a carregar na Rommy Schneider nua «acariciada pelo sol e pela luxúria» que é, provavelmente uma das frases, mais imbecis que se podiam colar a este filme. É que estes **Os inocentes de mãos sujas** se há coisa que não possuam é exactamente calor, força, sensualidade, vigor, qualquer factor que faça sair a película daquela morna capa rotineira, com os actores a meio termo, e realização a meio gás e a gente, abandonados, numa pálida meia haste. Decididamente o profissionalismo não chega.



Um Chabrol encurralado no comércio brilhantista

Ciclo da Imprensa

Prossegue amanhã, o XIII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa subordinado ao tema «Cinema no Feminino», com a exibição do filme «Amor de Leão» realizado por Agnès Varda, que igualmente assina o argumento e a produção.

A acção passa-se em Hollywood onde três actores. «Viva» «Jim» e «Jerry», a caminho do estrelato e da maturidade, vivem numa casa alugada numa colina da Meca do cinema. Os três têm cabeleiras que parecem juba de leão, falam muito

e, muitas vezes, ao mesmo tempo. Acçhem uma realizadora de Nova Iorque que vem discutir o contrato de um eventual filme rodado em Hollywood. Tudo isto acontece em Junho de 1968, quando Robert Kennedy fez a sua campanha eleitoral, ganhou e foi vítima

dum atentado morrendo no dia seguinte no hospital.

«Amor de Leão» tem como principais intérpretes Jerome Ragni, Shirley Clarke e Carlos Clarens.

O filme é exibido no cinema Império, em três sessões, às 17, 19, e 21.15 horas.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

EXPOSIÇÃO DA JUVENTUDE DA U. R. S. S.

Até ao dia 18 do corrente, realizam-se, em Lisboa, na Sociedade Nacional das Belas-Artes, das 16 às 23.30 h., diversas exposições da Juventude da U. R. S. S.

O calendário das exposições é o seguinte:

Periodo	Temas
7 a 11, incl	Juventude e o Trabalho (*)
12 a 15, »	Ensino, Ciência e Técnica
16 a 18, »	Paz, Amizade e Solidariedade

(*) — Haverá um convívio cultural.

A DIRECÇÃO

Canal da Crítica

COOPERATIVISMO EM CONTRA-RELÓGIO

Era de esperar. Não se pode meter o Rossio na Rua da Betesga. O complexo do *Teleforum*, de que a nossa Televisão sofreu em determinada altura, veio na onda da ilusão de que, se um monólogo chateia muita gente, um pluriólogo chateia muito menos. A verdade é que a questão se coloca noutro campo, a capacidade de comunicação adaptado ao meio de comunicação e o conteúdo da própria comunicação.

De qualquer modo, a experiência televisual pós-25 de Novembro remete-nos novamente para o horror do monólogo, género *servicinho em causa própria*, mesmo quando a cobertura do manto diáfano da governação. Daí, as experiências dos minitelefones de Joaquim Letria, sob o ambíguo pomposo e ilusório título de *confroto*.

Imagine-se: sessenta minutos (e mesmo assim com abuso de tempo!) para distribuir por 12 pessoas, divididos por Porto e Lisboa. Descontando os tempos mortos e as intervenções dos moderadores, e no caso de todos os intervenientes possuírem o mesmo elevado grau de desembaraço e concisão, a cada um viria a caber a insignificante quota de quatro minutos...

Claro que ao nível individual o resultado não podia deixar de se cifrar numa frustração: cada qual com o saco cheio e não poder, sequer abri-lo!

Como espectáculo de Televisão, o resultado não é dos mais brilhantes. Gera-se um ambiente de pressa, de corrida, de mal-estar todos, ralham e ninguém tem razão. Ora isto

não é televisão, não é.

Os telespectadores, pressionados pela corrida, pelo amontoado das informações ou pela deglutição das perifrases, acabam por desligar ou não aproveitar em pleno.

O meio termo, neste caso, estaria correcto. Uma emissão para os de Lisboa outra emissão para os do Porto. Duas emissões para um tema tão importante como o cooperativismo, não me parece demasiado.

Ou então...

VOU CONTAR UM CASO

Peço licença aqui para contar aos meus leitores e aos produtores de televisão um caso acontecido durante a minha estadia na União Soviética.

Chego a casa, acendo o televisor a cores. Apanho pelas trombas com uma data de gente à volta de uma mesa. Foge, Mário, que aí vem mais uma mesa-redonda à moda da tua terra!

Para o meio caminho de apanhar o televisor. Aquilo começa a interessar-me, aquela mistura de rostos que vão desde o infantil até ao mais adulto passando pelo juvenil imberbe. Presentes dois profissionais: um apresentador e uma apresentadora.

Entendo que toda aquela gente rodeia uma mulher de rosto simples e bondoso. Envolve-a num ambiente de carinho e de admiração. Uma actriz célebre, penso com os meus botões cosidos à velocidade de 12 anos de crítica diária de televisão. Ou uma cientista ou uma política. Ou, espera lá, uma grande artista

ligeira ou uma escritora...

— É uma vaqueira — explica-me Sérgio Poliakov, também jornalista, meu anfitrião.

Uma vaqueira. Uma trabalhadora, heroína do trabalho socialista num longuíquo kolchoze, que aperfeiçoara o processo de ordenha e obtivera excepcionais resultados no tratamento do gado. As crianças, os jovens, os adultos (operários, jornalistas, doutores, sei lá) conversam com ela, colocam-lhe as mais diversas questões pessoais e profissionais. A camponesa, nada inibida (inibida porquê, se estava entre a sua gente, na sua própria casa?) respondia com notável desenvoltura.

Foi um espectáculo involuntário Sérgio tinha a garaganta seca de tanto traduzir. Contou-me que emissões como aquela eram frequentes e contavam com enorme simpatia da audiência.

Aquela era a televisão soviética. Aquele era o país soviético.

ONDE NEM TUDO SE PERDEU

Ontem muitas vezes me lembrei dessa emissão. Imaginem, transformados em *pivots*, homens com a experiência riquíssima de um António Abreu, da Cooperativa de Barcouços; de um Eduardo Palaio; de um Rui Nobre (aqui perto do Ribatejo). Imaginem um grupo variado a querer saber coisas dessa mesma experiência — a organização pioneira de uma cooperativa em região de minifúndio (aí onde a Revolução não pode perder sob pena de se perder e já demasiado tempo se perdeu...) a recuperação capitalista (tal como a *Nau Carineta*, Eduardo Palaio tem muito que contar a esse respeito) a importância do trabalho em conjunto das cooperativas (e ou isso se consegue ou estaremos a cavar uma nova ilusão...) etc, etc. Imaginem muita gente a querer saber em lugar da muita gente a querer falar. Imaginem só o espectáculo popular que poderia ser um programa desses.

Não, evidentemente, que a emissão constituiu um fardo totalmente negativo. Dos depoimentos de João Salgado, Alves da Costa, António Santos, Pereira Bastos, Eduardo Palaio, Rocha Rodrigues, José Nogueira, Manuel da Costa,

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DE LISBOA

11.º Juízo

ANÚNCIO

Proc.º n.º 6598

1.ª Secção

Nos termos e para os efeitos legais se anuncia que, pela 1.ª Secção deste Juízo Civil, correm editos com a dilatação fixada em 30 dias, citando o réu José António Jesus Cerqueira, que teve a sua última residência conhecida na Rua de Santa Marta, número 6-3.º, desta cidade de Lisboa, e, actualmente ausente em parte incerta para, no prazo de 10 dias que se começa a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio e depois de decorridos os dias da dilatação fixada, contestar a acção sumária que lhe move a autora Cimpomóvel — Comércio Importador de Automóveis e Acessórios, S. A. R. L., com sede nesta cidade, na Avenida Infante D. Henrique, lote 5, com a combinação de, não contestando, ser condenado no pedido que é da importância de Esc. 29 005\$00, custas e demais acréscimos legais que, a final se liquidarem.

Lisboa, 1 de Julho de 1976

O Juiz de Direito
(Jorge Manuel Mora do Vale)O Escrivão
(José António de Almeida)

Por MARIO CASTRIM

Hoje



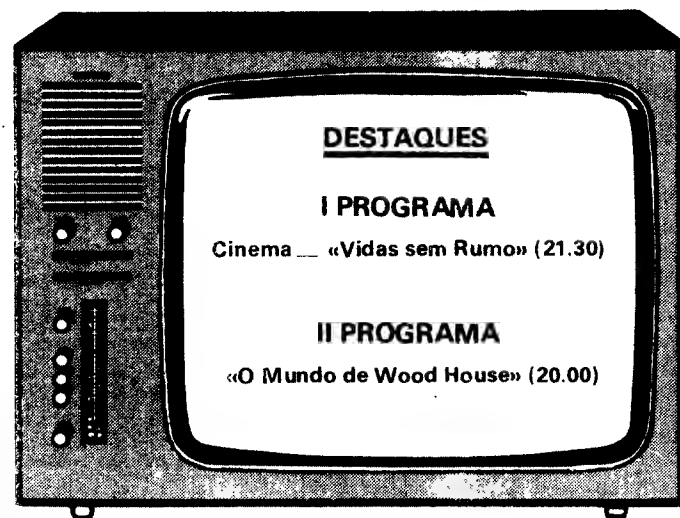
Manuel Guimarães realizador do filme «Vidas sem Rumor».

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e **Formação** — **Modelagem**. Rubrica apresentada pelo Dep. Programas Juvenis e Infantis.
- 19.25 **Cleptomania**. Um programa de Arca. Filme em que se tenta analisar o instinto de sonhar.
- 19.50 **Educação Permanente**.
- 20.05 **Vamos Jogar no Totobola**.
- 20.30 **Telejornal** (1.ª edição).
- 21.05 **Segredos do Mar**. As férias numa ilha deserta. Um documentário realizado por Helder Mendes.
- 21.30 **«Vidas Sem Rumor»**. Filme interpretado por Milú, Artur Semedo, Maria Olguim, Madalena Soto e Eugénio Salvador. Realizador: Manuel Guimarães. Ano de produção: 1956
- 23.10, **Telejornal** (2.ª edição).
- 23.30 **Fecho**.

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e o **«Mundo de Wood House»**. Série filmada.
- 20.30 **Cancioneiro**. Um programa dedicado a Irene Lisboa.
- 20.55 **«Pesquisa»**. Série filmada.
- 21.50 **Telejornal**.
- 22.25 **Sabe onde era o Palácio da Madeira?** Um programa apresentado por Rui Ferrão.
- 23.15 **Fecho**.



Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Abertura e Naika e Barba Papa. Rubrica apresentada pelo Dep. Programas Juvenis e Infantis; 19.25: «Segredos do Mar Vermelho». Série filmada; 19.55: TV Palco; 20.30: Telejornal (1.ª edição); 21.05: A História dos Jogos Olímpicos; 22.05: «Padre Brown». Série baseada nas aventuras do conhecido sacerdote detective de Chesterton. A figura deste é desempenhada pelo ator Kenneth More; 23.05: Telejornal (2.ª edição). Que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta; 23.25: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e série filmada «A Mulher de Branco»; 20.25: Ver. Programa dedicado às Artes Plásticas produzido e realizado por José Eliseu; 20.55: «Caso de Rosenberg» (1.ª parte) — «O Processo». Uma peça de Alain Decaux. Tradução e adaptação de Vítor de Carvalho. Cenógrafo: António Casimiro. Pr. de Autor: Preto Pacheco. Realizador: Oliveira Costa; 22.20: Telejornal; 22.25: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, B

O FILME QUE TENTARAM PROIBIR NA AMÉRICA!

SEX SYMBOL

O SECRETO AMOR DA SUA VIDA

Seduzida pelo director do Estúdio

do escândalo a decadência

DA CELEBRIDADE A TRAGÉDIA

casamento falhado com um campeão do desporto

Qualquer semelhança com personagens reais é pura coincidência

COLUMBIA PICTURES apresenta

“THE SEX SYMBOL”

com CONNIE STEVENS SHELLEY WINTERS

Arg. de ALVAH BESSIE. Baseado no livro de David Lowell Rich. Prod. de DOUGLAS SCRAMER. APRODUCTION OF THE DOUGLAS SCRAMER COMPANY.

HOJE ESTREIA, às 21.30, no **MUNDIAL**

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

ATENÇÃO AO NOVO HORÁRIO

17.00 — 19.15 — 21.30

MARROCOS

Fins de semana em TANGER

Partidas todos os Sábados

Preços desde 2 350\$00

Uma semana em TANGER

Partidas todos os Sábados

Preços desde 3 650\$00

CIDADES IMPERIAIS

Partidas todas as 2.ª-Feiras

Preços desde 8 380\$00

CONSULTE

BUISSON

VIAGENS TURISMO

RUA BRAAMCAMP, 15 - D

Tels. 4 0459 - 4 0468 - 55 0388

Tel. BUISTOUR-Telex 12762

UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

NEALHO

grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

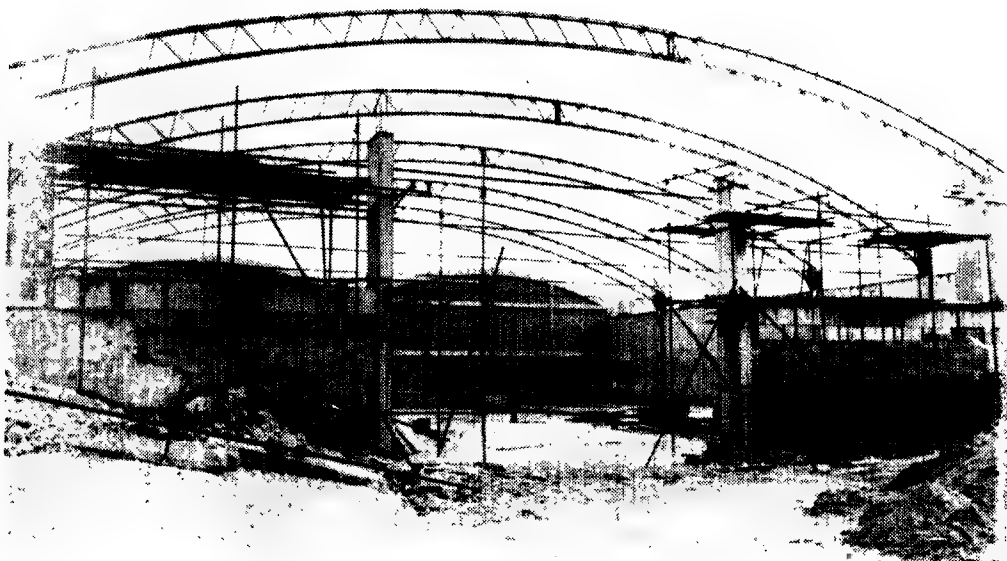
bertolt brecht

Todas as noites às 21 e 15

Sábados e domingos às 15 e 30 e 21 e 15

Descanso à 2.ª feira

Desporto



O Sporting cresce: aqui temos a estrutura do terceiro pavilhão ginodessportivo que os «leões» constroem em Alvalade.

TOUR

Espanha no "podium"

José Luis Viejo, levando a bom termo uma fuga solitária de 160 quilómetros, ganhou com largo avanço a 11.ª etapa da «Volta à França». O jovem espanhol, companheiro de equipa de Luis Ocaña, não era perigoso para os mais credenciados, mas a média que registou (39,233 km/h) prova que realizou uma bela proeza.

Kaertens adiantou-se ao pelotão, a 30 quilómetros de Manosque, cortando a meta em 2.º lugar, a 22 m 50 s do vencedor. Enquanto que os favoritos terminaram juntos, com um atraso de 23 m 07 s em relação a Viejo, José Martins manteve o seu 10.º lugar, com a mesma diferença que o separava de Van Impe, o «camisola amarela». Isto é a 4 m 56 s, chegando, também em 10.º lugar na etapa de ontem.

Depois de diversas tentativas, sem resultado, Viejo tentou a sua sorte no controlo de abastecimento de Savines-Lac (aos 64 km). O pelotão não reagiu: o espanhol estava em 77.º lugar, a 50 minutos de Van Impe e, assim, o avanço foi gradualmente aumentando para se cifrar, na subida de Saint-Jeans (aos 97 km) em 12 m 10 s. Aos 137 km, 21 m 35 s, separavam o fugitivo do pelotão para, em Digne, o avanço ser de 27 m. Viejo sofreu, então, um «furor», mas não perdeu mais do que escassos segundos.

Na 3.ª contagem da montanha, no cume do Poteau-de-Telle (182 km), Viejo conservava a vantagem de 23 m. A 30 quilómetros da meta, Kaertens logrou adiantar-se ao pe-

lotão, então a imprimir um andamento mais veloz. Viejo havia de vencer, ainda a escalada do Mor d'Or, onde, à sua passagem (24 m 25 s depois) Van Impe, Zoetemelk, Poulidor e Pollentien tentaram escapar-se sem resultado. Viejo foi primeiro e Kaertens conseguiu um avanço de 17 segundos sobre o grosso dos restantes ciclistas. O «filme» da etapa foi, portanto, a «fuga» consentida do jovem ciclista espanhol, autor da primeira vitória de um corredor de Espanha no «Tour» deste ano. Hoje, os corredores têm o segundo dia de descanso.

CLASSIFICAÇÕES

Ordem na etapa: 1.º, Jose Luis Viejo (Esp.), 5 h 42 m 34 s

a média de 39,233 km/h; 2.º, Gesben Kaertens (Hol), 35,24; 3.º, Zoetemelk seguido por Van Impe, Poulidor e Thevenet, à cabeça de um pelotão em que estava José Martins todos com mais 23 m 7 s do que Viejo.

Geral, individual: 1.º, Van Impe (Bélg.), 60 h 35 m 34 s; 2.º, Zoetemelk (Hol), a 7 s; 3.º, Poulidor (Fr.), a 1,36; 4.º, Thevenet (Fr.), a 1,48; 5.º, Galdos (Esp.), a 2,04; 6.º, Bertoglio (It.), a 2,5; 7.º, Deslisle (Fr.), a 4,17; 8.º, Pollentier (Bélg.), a 4,22; 9.º, Kuiper (Hol.), a 4,36; 10.º, José Martins a 4,56.

Premio da Montanha (geral): 1.º, Van Impe, 75 pontos; 2.º, Beilinf, 63; 3.º, Zoetemelk, 60; 4.º, Kuiper, 49; 5.º, Galdos 40; 6.º, Martins, 38; 7.º, Poulidor, 36; 8.º, Thevenet, 33.

SORTEIOS EUROPEUS

Caminhada difícil para clubes de cá

Em Zurique (Suíça) efectuaram-se os sorteios para as primeiras eliminatórias dos três torneios europeus de futebol. Para a «Taça U.E.F.A.», cujos jogos das duas «mãos» se realizam em 15 e 29 de Setembro, o Barcelona jogará com o Clube de Futebol «Os Belenenses» e o Futebol Clube do Porto perante o Schalke 04, da República Federal Alemã.

Para a «Taça dos Vencedores de Taças», cujos jogos da primeira eliminatória têm lugar a 15 e 29 de Setembro, o C.S.U. Galati, da Roménia, jogará com o Boavista, do Porto.

O Sport Lisboa e Benfica defrontará o Dynamo de Dresden, da República Democrática Alemã, sendo o jogo da primeira «mão» em casa do adversário. A eliminatória deverá ser disputada em 15 e 29 de Setembro.

Foi o seguinte o resultado completo dos sorteios:

TAÇA U.E.F.A.: Colónia-K. S. Tychy; Schachtior Donezk-Dynamo de Berlim Leste; Naestved-RWD Molenbeek; Kuopion Palloseura-Oester Vaexjoe; Feyenoord de Roterdão-Djurgarden de Estocolmo; Glentoran de Belfast-Basileia; Fram de Reykjavik-Slovan de Bratislava; Queens Park Rangers-Brann Bergen; Celtic de Glasgow-Wisla de Krakow; Derby

County-Finn Harps; Innsbruck-Kristiansand; Eintracht de Braunschweig-Holbaek; Ajax Manchester United; Barcelona-Belenenses; Sochaux-Hibernian; Red Roys Differdange-Lokeren; Manchester City-Juventus; F.C. Porto-Schalke 04; Espanhol de Barcelona-Nice; Grasshoppers-Hibernians de La Valleta; Ujpest de Dorosa-Atletico de Bilbao; Dynamo de Bucareste-AC de Milão; Paralimni de Famagusta-Kaiserslautern; Slavia de Praga-Akademiya de Sofia; Magdeburgo-Cesena; AEK de Atenas-Viet Paratcovant; Fenerbahce de Istambul-Videoton (Hungria); ASA Tirgu-Mures (Roménia) - Partisan de Belgrado ou Zagreb; Honved de Budapeste-Internazionale de Milão; Lokomotiv de Plovdiv; Red Star de Belgrado; Austria de Salsburgo-Adanaspor (Turquia) e Sportul Studentes de Bucareste «Olympiakos do Pireu».

TAÇA DAS TAÇAS: Cardiff-Servette; Keflavik-Hamburg SV; Anderlecht-Roda; MTK de Dubapeste-Sparta; Rapid de Viena-Atlético de Madrid; Lok de Leipzig-Heart de Midlothian; Floriana de Valletta-Slask de Vroclav; Bohemians de Dublin-Esbiera; Southamp-

ton-Marselha; AIK Estocolmo-Galatasaray de Istambul; Levsky/Spartak de Sofia-Lahden Reipas; Lierse-Haiduk de Split ou Dynamo de Zabreb; C.S.U. Galati-Boavista; Carrick Rangers-Aris Bonnevote; Bodo Glimt-Nápoles; e Iraklis de Salonica-Apoel de Nicósia.

TAÇA DOS CAMPEÕES: Liverpool-Crusaders de Belfast; Ferencváros de Budapeste-Jeunesse Esch; Csca Bandeira de Setembro de Sofia-St. Etienne Dundalk-Eindhoven; Austria/Wac de Viena-Borussia de Moenchengladbach; Stal de Mielec-Real Madrid; Dynamo de Dresden-Benfica; Dynamo de Kiev-Haiduk de Split ou Partisan de Belgrado; Bayern de Munique-Koegel; Glasgow Rangers-Zurique; Bruges-Steaua de Bucareste; Oonia de Nicósia-Paok de Salónica; Turin-Malmoe; la Akranes-Trabzonspor; Viking Stavanger-Banik de Ostrava; Sliema Wanderers-Turun Palloseura.

A data de 28 de Agosto foi marcada para o encontro entre o vencedor do Cardiff City-Servette (Taça das Taças) e o vencedor da «Taça da União Soviética».

O Real Madrid é a equipa que conta com o maior número de presenças na «Taça dos Campeões Europeus»: dezoito.

Olimpíadas em impasse: cada cor tem sua verdade

Os atletas da Formosa continuam a pensar em concorrer aos Jogos Olímpicos de Montreal sob o nome de «República da China», a despeito da exigência canadiana para que a designação seja alterada para «Taiwan».

A nossa atitude mantém-se firme e inalterável — disse o presidente do Comité Olímpico Local, Shen Chi-Minh, sublinhando:

Competiremos sob o nosso nome nacional, República da China, que é o nome oficial reconhecido pelo Comité Internacional Olímpico.

Shen reiterou o seu ponto de vista de que a política não devia interferir com o desporto e exprimiu a esperança em que a maioria das federações desportivas internacionais apoie a posição do CIO de manter o espírito olímpico.

A Formosa pertence a 17 das 20 federações desportivas internacionais, enquanto a República Popular da China está filiada apenas em oito.

Shen afirmou também que planeia partir para o Canadá juntamente com os restantes atletas esta semana, mas recusou-se a indicar o dia exacto. A maioria dos representantes da Formosa (33 de um total de 44) já deixou a ilha a caminho do Canadá, estando muitos deles a fazer os últimos treinos na Califórnia.

Nos meios desportivos de Taipé afirma-se que, pelo menos dois dirigentes da equipa olímpica, já se encontram na aldeia olímpica em Montreal.

Entretanto, de Hong-Kong, um telegrama da «France Press» diz:

A Federação dos Desportos

da China (ou Comité Olímpico Chinês) é a única que tem o direito de representar a China junto do Comité Internacional Olímpico, relativamente a todo o seu território (incluindo a província da Formosa) indica uma mensagem deste organismo divulgada pela agência «Nova China» e captada em Hong-Kong.

Nesta mensagem, a China chama mais uma vez a atenção do Comité Internacional Olímpico a fim de que este não permita que os atletas da Formosa participem nos Jogos Olímpicos de Montreal sob o nome e a bandeira da República da China.

O texto desta mensagem foi transmitido ao CIO e ao Governo canadiano.

Por seu turno, o Canadá rejeitou o pedido da China no sentido de proibir os atletas da Formosa de penetrarem em território canadiano e declarou o ministro dos Negócios

Estrangeiros canadiano, Allan Maceachen, falando no Parlamento.

Em resposta a perguntas de deputados da oposição conservadora, Maceachen acrescentou que o Governo canadiano continua a manter a sua posição na questão da participação dos atletas da Formosa nos J. O., afirmando que estes não participaram nem sob a bandeira ou o nome da República da China (Taipé).

O Canadá (recordando o ministro) deseja que o CIO renove a autorização dada à Itália, em 1960, de inscrever os atletas da China Nacionalista sob o nome de «Formosanos». O ministro entrou em contacto com o seu presidente, «Lorde» Kharan, a convite deste.

O Governo canadiano só reconhece o Governo de Pequim, como único representante do povo chinês e não tem nenhuma relação diplomática com o Governo de Taipé.

Dick Quax: outro homem para Carlos Lopes

O atleta neozelandês, Dick Quax estabeleceu em Estocolmo, um novo recorde nacional na prova dos 500 metros e conseguiu a melhor marca do ano, quedando-se a apenas um décimo de segundo do recorde mundial da categoria com o tempo de 13.13,1. A melhor marca mundial dos 500 metros pertence ao belga Emil Puttemans, com 13.13,0, resultado conseguido há quatro anos.

A prova da légua desta reunião internacional foi (aliás) de muita categoria, ficando a comprovação do facto dos nove primeiros classificados terem feito menos de 13 minutos e 40 segundos e de terem sido batidos cinco recordes nacionais. Lembra-se que Carlos Lopes, seleccionado para as Olimpíadas de Montreal, conseguiu este ano 13 minutos e 24 segundos.

Outro neozelandês, John Walker, que há dias bateu o recorde mundial dos 2000 me-

tros, venceu a prova de 1500 metros, com 3.34,2, melhor marca do ano, que ficou apenas a dois segundos do recorde mundial, que pertence ao tanzaniano Filbert Bayi. Os seis primeiros desta prova fizeram tempos inferiores a 3 minutos e 38 segundos.

Presenciaram as provas mais de 15 mil espectadores, verificando-se os seguintes êxitos:

5000 metros, Dick Quax (Nova Zelândia), 13.13,1; 1500 metros, John Walker (Nova Zelândia), 3.34,2; Altura, Runc Weclart (Holanda), 2,18 metros; 1500 m (senhoras), Silvana Anciana (Itália), 4.14,1; Disco (senhoras), Ria Stalman (Holanda), 55,78 metros; Disco, Mac Willi (E. U. A.), 67,78 metros; Salto à vara, Patrick Abada (França), 5,35 metros; Martelo, Sune Blomqvist (Suécia), 68,88 metros; 3000 metros obstáculos, Tapio Kantanen (Finlândia), 8.18; 400 metros barreiras, Kina Bolding (E.U.A.) 49,5 s.

FUTEBOL

Competências esta tarde

Efectuam-se hoje os encontros respeitantes a 3.ª jornada dos torneios de competência entre clubes das I/II e II/III Divisões.

I/II Divisões: U. Tomar-Montijo, no Estádio 25 de Abril (Tomar), às 17 horas, e Salgueiros-Beira-Mar, no Campo dos Sonhos (Ermesinde), às 18. II/III Divisões: Zona Norte: Vila Real-Paredes e Vilanova-Académico de Viseu, nos campos dos primeiros às 17. Zona Sul: Alcochetense-Lusitano de Évora e U. Leiria-Odivelas, em Alcochete e Leiria, também às 17.

Entretanto, está marcada a final do Nacional da III Divisão, entre o U. Coimbra e o Portalegre. A partida efectua-se no Campo 25 de Abril, em Tomar, no próximo sábado, às 18 horas.

ATLÉTICO

O uruguaio Caraballo, presentemente ao serviço do Montijo é o novo técnico do Atlético.

ESPINHO

Dois nomes novos para o «plantel» do Sporting de Espinho: Reis (Lourosa) e Vaqueiro (Leixões).

ESTORIL

O Estoril prossegue a sua campanha de reabastecimento. Depois de ter contratado o covilhanense Oscar, o farense Manuel Fernandes, o benfiquista Zuledo e o alcantarense Fernando Martins, chegou a vez de Nelinho (o homem que «deu» o campeonato ao Benfica, após a «secagem» a Alves, no Bessa) cair nas malhas estendidas pelo clube de João Lachever.

PAÇOS DE FERREIRA

O Paços de Ferreira atira-se, com unhas e dentes, à próxima temporada futebolística: Telé (Espinho), Aníbal e Helder Ernesto (ambos do F. C. do Porto) já firmaram contrato com a colectividade.

1 SEMANA EM LONDRES

FERIAS OU NEGÓCIOS PARTIDAS em avião especial TAP; TODOS OS DOMINGOS

Junho 6, 13, 20, 27
Julho 4, 11, 18, 25
Agosto 1, 8, 15, 22, 29

Preço excepcional desde 3.850\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas de abreu»

abreu fundada em 1840

LISBOA Rua da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Rua da Aviação, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Liberdade, 60 • Telef. 25035/6
FARO Rua da Liberdade, 60 • Telef. 25035/6

AGENTE DE VIAGENS

Nacional

NO EXTERNATO INFANTE SANTO

Crianças fizeram exame com a G.N.R. à porta

Os recentes exames do ensino primário, no Externato Infante Santo, em Sacavém, decorreram de uma maneira um tanto anormal. O clima de tensão que desde o início era a tônica geral do exames culminou com a presença de uma patrulha da G.N.R. junto à porta do externato.

Houve discussões acaloradas. Cenários de pugilato. Crianças que desmaiaram. E protestos...

Tudo isto foi gerado pela atitude do professor José Carlos Nuno, presidente do júri destacado para avaliação de provas naquele estabelecimento de ensino. Segundo os pais das crianças, que repudiam a elevada percentagem de reprovações consideradas injustas, aquele professor teve um comportamento repressivo, «à maneira antiga».

A mesma opinião expressou

a directora do Externato Infante Santo. Também ela contesta o procedimento do professor «que vai contra os métodos do ensino moderno». Sobre a forma como se processaram as provas escritas, a directora relata alguns pormenores.

«O professor logo que chegou à sala, onde iam decorrer as provas, afastou as carteiras o mais longe possível para que as crianças não pudessem contactar. Ora isto é antipedagógico. Criou um clima de repressão de tal ordem que as crianças saíam da sala aterrorizadas. Perante esta actuação comuniquei com o Ensino Básico pedindo que me enviassem um inspector.»

Apareceu o inspector. Crianças, pais e directora constataram que o ambiente se tinha alterado. Tudo correu na melhor das harmonias. No dia seguinte o inspector não esta-

va presente e voltaram a surgir os problemas. O pai de uma criança reprovada que «chegou a vias de facto» com o professor quando este se negou a dar explicações sobre o motivo do «chumbo» disse-nos que já tinha sido enviada uma petição, a requerer novas provas assinadas por vários pais de alunos, ao Ministério da Educação Nacional. Pensam ainda elaborar um relatório dirigido à Direcção-Geral do Ensino Básico.

«Eu assisti ao exame oral de uma criança e vi mais tarde na pauta que o júri a tinha considerado não apta. Não percebo a razão desse critério pois a criança respondeu certo na totalidade das perguntas salvo num pequeno pormenor. Fez uma prova excelente...» — adiantou José Pedro pai de uma criança que, por acaso, foi aprovada.

O Externato Infante Santo, apesar de ser um estabelecimento do ensino particular, tem uma frequência popular. As baixas mensalidades são acessíveis aos filhos dos operários que constituem a esmagadora maioria da população de Sacavém. E não só. «Até os filhos da gente que habita as barracas frequentam o externato» — diz o pai de um aluno. Há no entanto uma justificação lógica para os pais preferirem matricular os seus filhos num estabelecimento particular do que na escola oficial.

Os pais que pertencem geralmente à população fabril, trabalham de manhã à noite. Assim, têm onde deixar as crianças o que já não acontece se elas andarem na escola oficial, onde lhes ministram o ensino durante três horas e depois tem de abandonar a escola.

A propósito ainda do procedimento do presidente do júri e dos professores destacados para os exames no Externato Infante Santo recolhemos os depoimentos de algumas crian-



Praças da Guarda Republicana fotografadas junto ao externato

ças que viveram os acontecimentos.

Maria Margarida Martins, de 9 anos, conta:

«Entregaram-nos os pontos e só passados cinco minutos nos deixaram começar. Depois... estavam sempre a dizer-nos o tempo que faltava para terminar: «tantos minutos». Isso punha-nos nervosos. Foi de tal maneira que um menino quando o professor disse «dois minutos» escreveu dois no problema».

Ana Isabel, de 9 anos, acrescenta:

«Não nos deixavam apanhar a borracha do chão. E isso fazia com que perdessemos tempo. Eu aproveitei a ocasião em que os professores não nos estavam a espiar e apanhei a borracha com os pés...»

Uma outra versão: a de Rui Pedro, um miúdo, que prestou provas com a presença do inspector. Teve sorte.

«Trataram-nos muito bem. Até diziam coisas para nos animar. E insistiam connosco que se tivéssemos alguma dúvida devíamos perguntar...» Enfim! Pelo que nos contaram nos contactos que estabelecemos no externato, com a directora, os pais das crianças, e as próprias crianças, o júri em questão parecia identificado

com os tradicionais professores do antigo regime a quem na gíria linguística se costumava chamar de «feras». O presidente do júri, segundo nos informaram, orgulhava-se ser um «duro». Ao que consta disse claramente que «se estava nas tintas para o português pois o que interessava era a matemática». E quanto

aos métodos modernos... nem pensar. Que é isso de métodos modernos em que as crianças devem trabalhar colectivamente e num ambiente de liberdade? O professor certamente não acredita nesses métodos. Os antigos (em que o professor assume o papel de polícia) é que são bons...

JURDES FÉRIA

CONFIRMADA NOTÍCIA DO "DL"

M.N.E. abriu inquérito ao cônsul da Bélgica no Funchal

O Ministério dos Negócios Estrangeiros abriu um inquérito ao cônsul honorário da Bélgica no Funchal, António Correia da Silva. Motivo: o diplomata tem sido acusado de intenções separatistas. A decisão do M.N.E. foi confirmada à ANOP pelo chefe do gabinete de Imprensa, Alfredo Barroso.

«Certos órgãos de Informação deram conta de que António Correia da Silva teria feito declarações a favor do separatismo e teria tomado atitudes a seu favor. Como tal, o Ministério decidiu averiguar se es-

sas notícias correspondem à verdade» — esclarecimento do informador.

Em contacto com a Embaixada da Bélgica em Lisboa, a ANOP soube do adido de Imprensa que o embaixador foi recebido no MNE e que «as chancelarias portuguesa e belga estão a estudar atentamente o assunto».

António Correia da Silva afirmou-se um separatista ainda muito recentemente. Ainda recentemente, o diplomata revelava professor ideias separatistas — numa carta publicada no jornal «O Retornado».



Pais e encarregados de educação na hora de desabafar

Curso de jornalismo para a Imprensa regional

Vai realizar-se em Setembro, muito provavelmente no Seminário dos Olivais e no período compreendido entre 20 e 30 daquele mês, um curso de jornalismo especialmente dedicado a jornalistas da Imprensa regional. Trata-se de uma iniciativa do Conselho Nacional da Comissão Episcopal dos Meios de Comunicação Social (Patriarcado) e conta com a colaboração de diversos organismos ligados à Igreja Católica em Portugal, como a Universidade Católica e o Centro Católico de Informação. Segundo uma local do jornal católico «Nova Terra» o curso encontra-se já em avançada fase de organização e deverá ter a participação de 50 a 60 responsáveis por alguns dos mais importantes órgãos de Informação dispersos pela província, bem como de profissionais da Rádio Renascença.

Do programa a cumprir fazem parte lições para ensinamentos técnicos e palestras sobre problemas relacionados com a Imprensa e a sua função articulada com os contextos sociais. As lições e as palestras estarão a cargo de espe-

cialistas portugueses e estrangeiros.

«25 DE ABRIL DO POVO»

Começou a publicar-se no último sábado o novo jornal «25 de Abril do Povo». Dirigido por

Manuel Vaze integrando um numeroso elenco de jornalistas entre redactores e colaboradores, o novo jornal começa por ser um semanário, verificadas as dificuldades que envolviam o projecto de o fazer sair diariamente.

Dia da Marinha comemora-se amanhã

Comemora-se amanhã o Dia da Marinha. Para o assinalar, foi elaborado um vasto programa que, incidindo embora sobre Lisboa, se estende a outros pontos do Continente, nomeadamente a Viana do Castelo, Leixões, Setúbal e Faro onde, das 8 às 17 horas, unidades navais estarão abertas ao público.

As cerimónias terão início às 8 horas, com o embandeiramento em arco dos navios da Marinha de Guerra. Às 10.30, em diversas unidades e estabelecimentos da Marinha, serão

condecorados oficiais, sargentos e praças, seguindo-se, pelas 12 horas, uma missa na Igreja de Santa Maria de Belém em acção de graças e por intenção dos militares da Marinha falecidos.

Da parte da tarde, serão abertos ao público o Museu da Marinha e o aquário «Vasco da Gama», com entrada gratuita. À noite, haverá, pelas 21 horas, um concerto pela Banda da Armada, junto ao Museu da Marinha e às 21.30 uma sessão pública no planetário «Calouste Gulbenkian».

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE—CEAL

CAPITAL—70.000.000\$00

Rua de D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A, 5.º, 6.º e 7.º — LISBOA - 1

Tendo-se procedido em 28 de Junho de 1976 ao sorteio de obrigações desta Companhia de 5% 1958, foram extraídos os seguintes números:

30.530	30.910	31.893
30.706	30.931	32.415
30.714	31.006	32.630
30.738	31.045	32.637
30.838	31.160	32.717

30.251	a	30.260
30.391	a	30.400
31.351	a	31.400

Lisboa, 30 de Junho de 1976

A Comissão Administrativa da Comp. Eléctrica do Alentejo e Algarve CEAL

João Lemos Didier
Francisco Pessoa Sousa Dias

Geral

Curso de Férias em Coimbra

No próximo dia 12 inicia-se o LII Curso de Férias da Faculdade de Letras, que tem o patrocínio do Instituto de Alta Cultura e a colaboração da Câmara Municipal e Fundação

Calouste Gulbenkian. Do curso, frequentado apenas por estrangeiros, constarão aulas e conferências sobre língua e cultura portuguesa, passeio de estudo, audições de música e recitais de poesia.

Otelo à disposição da P.J.M.

O major Otelo Saraiva de Carvalho regressou à sua anterior situação militar, ficando portanto sujeito a todas as obrigações e todos os deveres dos militares disse à ANOP um informador do Estado-Maior do Exército a propósito da ausência de Otelo na conferência de Imprensa dada no último domingo por representantes dos GDUP's. Grupos Dinamizadores de Unidade Popular, na sequência de uma primeira reunião levada a efeito pelos "grupos". Um elemento afecto a Otelo dissera à Imprensa que a razão da ausência se prendia com a inter-

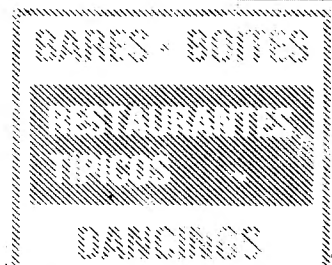
dição de prestar declarações públicas desde que, na sexta-feira anterior, fora chamado ao EME.

A informação do EME foi dada ao mesmo tempo que outra da Polícia Judiciária Militar, que desmentia ter impedido Otelo de contactar com a Imprensa ou fazer declarações públicas, mas acrescentava que, «nos termos da Lei, só depois da proclamação do Presidente da República é que voltam as limitações decorrentes do processo que contra o major Otelo foi instaurado».

Lembra-se que o EME declinou qualquer responsabilidade quanto a decidir da situação de Otelo, tendo remetido o assunto para a P.J.M. Como se sabe, o novo Presidente da República, o general Ramalho Ea-

nes, foi proclamado ontem.

Desde ontem, portanto, que o major Otelo se encontra de novo à disposição da Polícia Judiciária Militar.



NINA - Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Strip-teaseuse. CASINO DO ESTORIL - Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

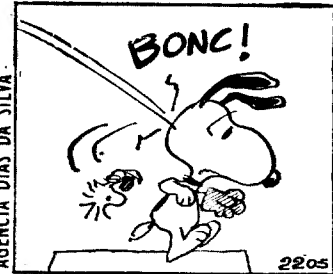
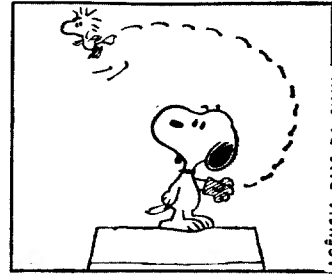
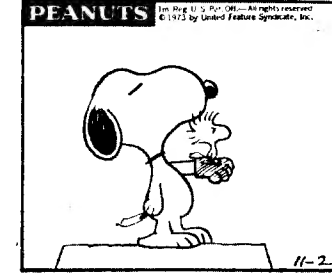
BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %		275\$	
Cons. 3 %		300\$	
Cons. 3 1/2 %		350\$	
Centenários	800\$	350\$	
Tes. 5 %	750\$	800\$	
Tes. 10 %	500\$	750\$	505\$
Extern. 1.ª - s.		500\$	
Extern. 1.ª - c.		450\$	
Extern. 3.ª - s.		450\$	475\$
Extern. 3.ª - c.		475\$	
Caut. 3.ª - s.			140\$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %		700\$	
C.M.L. 53/4 %		740\$	
C.P. 5 1/2 % - 67			
C.P. 5 1/2 % - 68			
C.P. 5 1/2 % - 69		600\$	
Corr. 5 3/4 %		750\$	
Metr. 5 3/4 %		800\$	
Tur. 5 3/4 %		855\$	
C.P. 6 3/4 %		800\$	
ELÉCTRICAS			
G. 5 % - 58			
G. 5 % - 59			
G. 5 % - 62		650\$	700\$
G. 5 % - 63			
G. 5 % - 64			
G. 5 % - 65			
G. 6 % - 67			
G. 6 % - 69	700\$	1	790\$
G. 7 %		720\$	900\$
H.E.A.A. 5 %		690\$	
H.E.C. 5 %		860\$	
H.E.C. 6 %			
H.E.D. 5 %		750\$	550\$
H.E.D. 6 %		700\$	
H.E.N.P. 5 %			
H.E.S.E. 5 %			
H.E.S.E. 6 %	695\$	700\$	700\$
H.E.Z. 5 % - 57			
H.E.Z. 6 %		690\$	
N. Elec. 5 %			
N. Elec. 6 %		700\$	
Termael. 5 %			
U.E.P. 5 % - 60		640\$	
U.E.P. 5 % - 63			
U.E.P. 6 %		750\$	
U.E.P. 7 %	750\$		800\$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % - 56		690\$	
A.P.T. 5 % - 58		690\$	
Lisnave 6 %	740\$	730\$	
Nitratos - 60	600\$	600\$	
Pet. 2.ª e 3.ª			835\$
Sacor 7 %		800\$	
Sacor 5 % - 54			
Sacor 5 % - 60			650\$
Sid. 5 % - 2.ª		630\$	
Sid. 5 % - 3.ª		620\$	
Sid. 5 % - 4.ª		620\$	
Socel 5 %			
R. Fabril - 67		700\$	
R. Fabril - 68		690\$	
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %			
Rev. 5 % - 57			
Rev. 5 % - 59-60			
Moçambique 5 %			
Sonefe 5 %			
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico			
F.I.D.E.S.			

S. R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Almodovar e Castro Verde em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/57789, arquivo 5460, para o estabelecimento em Porteirinhos, A dos Mestres, Sr.ª da Graça dos Padrões e Semblana, freguesias do Rosário, Almodovar, St.ª Bárbara dos Padrões, Sr.ª da Graça dos Padrões e concelhos de Almodovar e Castro Verde, do 1.º troço da linha aérea a 15 kV para Guedelhas com 12 403 m do poste n.º 213 da linha Aljustrel-Almodovar ao poste n.º 84 da linha para Guedelhas. Linha aérea a 15 kV com 48 metros do poste n.º 26 da linha para Guedelhas ao Posto de Transformação de Porteirinhos. Linha aérea a 15 kV com 1252 metros do poste n.º 48 da linha para Guedelhas ao Posto de Transformação de A dos Mestres. Linha aérea a 15 kV com 484 m, do poste n.º 64 da linha para Guedelhas ao Posto de Transformação da Sr.ª da Graça dos Padrões. Linha aérea a 15 kV com 165 metros do poste n.º 83 da linha para Guedelhas ao Posto de Transformação de Semblana. Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Junho de 1976.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado a norte do Tejo e pouco nublado no sul chovia em algumas regiões do norte e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima29º

ÉVORA
PENHAS DA SAÚDE

Mínima6,4º

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO19º
COIMBRA19º
PORTALEGRE20º
LISBOA22º
FARO28º
FUNCHAL24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

12.27 3,7 m 18.22 1,2 m

Dia 8

0.58 3,7 m 6.50 1,1 m

13.29 3,9 m 19.22 1,0 m

Dia 9

1.59 3,8 m 7.54 1,0 m

14.25 4,0 m 20.16 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATE
AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado nas regiões de Norte e Centro, com possibilidades de chuva fraca em especial junto do litoral durante a manhã; céu geralmente pouco nublado nas regiões do Sul; vento de Noroeste.



AMANHÃ

NAScer AS 6.19
OCASO AS 21.04



palavras cruzadas

COM PROVERBIO

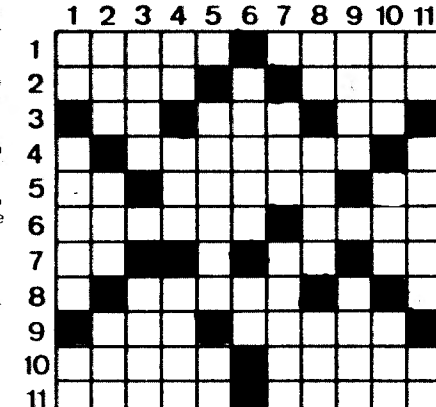
PROBLEMA N.º 11 411

HORIZONTAIS:

- 1 Batráquios anuros semelhantes às rãs. Serra de Portugal.
- 2 Caminharas. Receio.
- 3 Brisa Conjuncção. Medida de liquido igual a dois decilitros.
- 4 Dera massagens a.
- 5 Prefixo de privação. Em ma hora (ant). Basta.
- 6 Circular. Honesto.
- 7 Artigo definido. Utensilio domestico. O mesmo que uma (ant e pop).
- 8 Chama a si.
- 9 Anel. Messe.
- 10 Ataque. Mancha.
- 11 Unes por casamento. Tostas.

VERTICAIS:

- 1 Nota musical. Vila de concelho (Santarém). Actínio (s. q.).
- 2 Arara. Pronome pessoal. Prende.
- 3 Preposição. Argolas.
- 4 Ósmio (s. q.). Oceano. Logro.
- 5 Enjoar. Pertences.
- 6 Apanhar. Artigo definido.
- 7 Figura que simboliza o povo americano. Bebadeira.
- 8 Atomo. Amofina. Duna na Suecia.
- 9 Borrifa. Voz imitativa do ruído que causa que parte especialmente vidros.
- 10 Estimo. Letra grega. Capital da Birmania.
- 11 O sono das crianças. Guardar segredo. Ósmio (s. q.).



Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

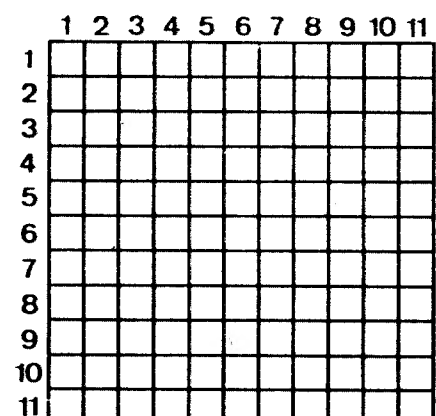
NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7571

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Belmonte. Some.
- 2 Despertaremos.
- 3 Gosta muito de. Hora canónica correspondente as quinze horas.
- 4 Arrasar.
- 5 Em partes iguais. Fileira. Aqui.
- 6 Despachar. Cidade da Polónia (Silésia).
- 7 O lado do vento. Donzela de Orleães. Apelido.
- 8 Esmoncava.
- 9 Guarneço de asas. Base aérea portuguesa.
- 10 Desprenderam as peias.
- 11 Superfícies planas delimitadas. Fio de latão.

VERTICAIS:

- 1 Aqui. Nome de vários rios da Alemanha. Oferece.
- 2 Mau cheiro. Antepassado. Prefixo que designa ar.
- 3 Cidade de Itália. Toste.
- 4 Caminharas. Mulher astuciosa.
- 5 Preposição latina que designa movimento. Curas. Reis.
- 6 Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos continuo. Nome de fruto.
- 7 Viração. Mulher elegante e bonita. Vossa Alteza.
- 8 Castigo. Ir pelo ar com grande velocidade.
- 9 Rio da China. Negra.
- 10 Distrito da antiga Índia Portuguesa. Cabelos brancos. Medida de liquidos da Holanda e Suíça.
- 11 Artigo definido. Trivial. Pronome pessoal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 410

HORIZONTAIS VERTICAIS

- 1 NÃO. Usa. Há.
- 2 Fremente.
- 3 Boca. Moer.
- 4 Ora. Taal.
- 5 Arrombarias.
- 6 Suor. Vu.
- 7 Tri. Amassara.
- 8 Br. Socar.
- 9 Ralais. DI.
- 10 Ri. Rã. Atroa.
- 11 Assistia. Rs.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7570

HORIZONTAIS VERTICAIS

- 1 Crato. Calde.
- 2 Aoto. Teria.
- 3 Seara. Grata.
- 4 Criou. Aoros.
- 5 Aa. Assa.
- 6 Ma. Mi. Fu.
- 7 Frestas.
- 8 Odier. Emite.
- 9 Canecas. Sós.
- 10 Araras. Ema.
- 11 Mas. Raposo.

Proverbio: NÃO HÁ BOA TERRA SEM BOM LAVRADOR.



Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO 0-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (Telef. 776314)
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tamar, 45-49 (Telef. 773043)
BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216)

BAIXA
Estádio, Rossio, 60 (Tel.) 327067-324224

BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (Telef. 703657)

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 680955)

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Telef. 662909)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telef. 791131)

TURNO 0-2

TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Vidália, Rua Morais Soares, 69 (Telef. 841779)

ALVALADE
Maribel, Avenida de Roma, 131-A (Telef. 776235)

AMEIXEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Telef. 790969)

ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Telef. 845513)

ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, (Telef. 49479)

AREIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Praça do Areiro) (Telef. 727300)

AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 (Telef. 43938)

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (Telef. 783179)

CAMINHOS-DE-FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Telef. 666971)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef. 720703-728395)

OLIVAIS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade de Luso, lote 199 (Telef. 313610)

RESTELO

Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encostada Restelo, próximo dos Moinhos) (Telef. 611814)

S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (Telef. 608531)

SETE RIOS
Curia, Avenida Madame Curie, 15-A (Telef. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 116 (Telef. 2113953)

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sa-
boia, 29-B (Telef. 260085) —
Até às 22 horas

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Pa-
trão Lopes, 4 (Telef. 2432039) — Toda a noite

CARCAVELOS
Central — Toda a noite

NOVA OIRAS
Leal — Até às 22 horas

OIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058) — Até às 22 horas

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785) — Toda a noite

AMOREIRAS
Amoreiras, Até às 22 horas

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Fer-
reira J. A., 15 (Telef. 260116) — Toda a noite

CASCAIS
Nova, Est. de Alvide-Fon-
tainhas (Telef. 281044) —
Até às 22 horas; Marginal,
Av. Marginal (Telef. 280078) —
Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A
(Telef. 935518); Camelo, R.
Elias Garcia, lote 28 (Telef.
933303); Helenica, R. Elias
Garcia, 2 (Telef. 933613); S.
Jorge, R. Pedro del Negro,
5-Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 51
(Telef. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missio-
nários, 2 (Telef. 294218)

MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de
Mem Martins, 173-B (Telef.
2914103)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (Telef.
2930391)

COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (Telef. 204250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo
Rei, 31-A (Telef. 2766498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional,
244-A (Telef. 2040141)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Sil-
va, 88 (Telef. 2073212)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Bar-
rocas, 50-A (Telef. 2494183)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republi-
ca, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis,
45 (Telef. 2310008)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis,
21 (Telef. 2233028)

SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage
(Telef. 22484); Nova, R. Ge-
neral Gomes Freire (Telef.
22052)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51
(Telef. 2218580)

PORTO

TURNO 28

ATE AS 22 HORAS

Canavarro, R. da Restau-
ração, 53; Constituição, R.
da Constituição, 93; Ferrei-
ra de Carvalho, R. do Bonjar-
dim, 354; Padrão, R. de Santo
Ildefonso, 342; Ramos,
P. do Exército Libertador,
91; Parente, R. dos Flores,
114; Sanil, R. do Paraíso,
214

TODA A NOITE

Figueiredo Ld.ª, R. de Cedo-
feita, 125; Sousa Soares,
R. de Santa Catarina, 141; Vi-
tória, R. de S. Roque da La-
meira, 756

COIMBRA

MONTES CLAROS — Rua Dr. An-
tónio José Almeida, 69 —
(Telef. 25904); **VIEGAS E**
COELHO — Rua da Sofia, 19
(Telef. 22089).

cinemas

CASTIL
T. 530194 17.00, 19.00 e 21.15
Interditada a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti

Aviso ao público: este filme con-
tém cenas eventualmente cho-
cantes

IMPÉRIO
T. 555134/5 17.00, 19.00 e 21.15

XIII CICLO DE CINEMA DA CASA DA IMPRENSA
Cinema no Feminino

HOJE:
Não acons. men. 18 anos

LOLA MONTES (Versão Integral)
Realização Marcel Ophuis

POLITEAMA
T. 326305 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

POR UMA MÃO CHEIA DE DIAMANTES

VOX
T. 720808 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

Um espectáculo para toda a família

O ASSALTO DOS DOBERMANS

S. LUIS
T. 327172 21.15

Ciclo Marcel Hanoven

«L'Authentique Procès de Carl E. Jung»
«L'Été»

CARLOS MANUEL SINTRA
21.15

Não acons. men. 13 anos

A NOITE DO PECADO

1.º Programa
15.00: Noticiário. Música na tarde;
18.00: Música portuguesa; 19.00: Cultura
e actualidade, por Luis Pereira de
Sousa; 19.30: Música variada; 20.00:
«Jornal da noite»; 20.30: Melodias;
21.00: Contraponto; 00.00: «Último jor-
nal»; 00.30: Jazz; 01.00: (saída e encer-
ramento dos regionais do Porto, Norte
1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Vi-
seu, Ponta Delgada e Horta) «Música
na noite»;

2.º Programa
16.10: Solistas e orquestras: Con-
certo em sol maior, de GLUCK; 16.50:
Música de câmara de Schubert;
Quinteto em lá maior, op. 114 «A Tru-
ta»; 17.30: Pequenas obras de grandes
compositores: Sarabanda em si me-
nor, de Bach; Três Rondos sobre te-
mas populares húngaros, de Bela Bar-
tok; Gopak, pelo violinista Wolfgang
Schneiderhan; Canção Hebraica, de
Mussorgsky; 17.50: Poemas sinfóni-
cos: «Em saga», de Sibelius; Sons
festivos, de Liszt; 18.40: Sonata de De-
bussy para flauta, violeta e harpa;
19.00: Sinfonia n.º 1 em ré maior (O
Titã), de Gustav Mahler; 20.00: A or-
questra sinfónica acolúmbia dirigida a
pelo maestro Bruno Walter na execução
das: Variações sobre um tema de
Haydn, op. 56-A «Coral de Santo An-
tonio», de Brahms; 20.30: Solos de pia-
no: «Allegretto em dó menor, de
Mozart; Fragmentos da suite «Hol-
berg»; Poema nocturno, de Scriabine;
Navarra, de Albéniz; 21.00: Ópera co-
mentada por Maria Helena de Freitas;
23.00: Intercâmbio musical: Inter-
pretes polacos em gravações cedidas
pela Radiodifusão Televisão polaca;
23.22: Solos de piano: Cenas das flores-
tas, de Schumann; 23.42: Sinfonia n.º
4, de Dmitri Shostakovich;
00.32: Canções de Richard Strauss pe-
lo soprano Elisabeth Schwarzkopf;
01.00: Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (294 m)
16.00: Emissão nacional — variante
(continuação); 16.15: Casos ao acaso,
por Orlando Dias Agudo (repetição);
17.10: Vamos ao médico; 17.30: Teatro
em variante; 18.00: Emissão regional
contacto; 21.00: Música, só música;
21.30: «Quando o telefone toca»; 23.05:
A música e as vozes.
3.º Programa-Local (187,5 m)
16.00: Emissão nacional; 18.00:
Emissão local (Emissor de Lisboa);
Entardecer (continuação); 19.30: Ro-
mance duma cidade (repetição);
20.00: «Entardecer» (continuação);
Cartas a ninguém.

4.º Programa
16.00: Música variada; 17.00:
Canções; 18.00: Apenas música; 19.00:
«Em órbita»; 20.00: Orquestras;
21.00: Concerto; 22.00: «Auditório»;
24.00: «Prisma»; 02.00: Fecho.

CALEIDOSCOPIO
T. 795093 18.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

QUO VADIS
com Robert Taylor, Deborah Kerr,
Peter Ustinov, Leo Genn. Um
filme de Melvin LeRoy
Não aconselhável a menores de
13 anos

6.ª Semana

EDEN
T. 320768 Estreia às 21.15

Troia vista na mais absoluta
intimidade

ELENA SIM, MAS... DE TROIA
com Christa Linder, Don Backy,
Peter Landers
Não acons. a men. de 18 anos
Hoje às 13.45, 17.15, 19.15
últimas exhibições do filme

THÉS PISTOLAS CONTRA CÉSAR

ODEON
T. 326283 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

2.ª Semana sensacional
se todas as mulheres fossem como

A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Tinha saído a «sorte grande»
a todos os homens

APOLO 70
T. 763319 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Para todos
5.ª Semana

Festival Apolo 70
Jerry Lewis e «O Herói do Regi-
mento»

AS 24.00 Grupo D (16 anos)

A QUIMERA DO OURO

CASINO ESTORIL
T. 264521 17.00 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

O TELEFONE COR-DE-ROSA

S. JORGE
T. 554153/4 17.30, 19.30 e 21.30

O MONSTRO DO PANTANO
Com Peter Cushing
Não acons. a men. de 18 anos

AVIS
T. 47163 Hoje às 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

TRINITY COW-BOY INSOLENTE
com Terence Hill, Bud Spencer

ESTÚDIO
T. 555134 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

INSÓLITO DESTINO
Um filme de Lina Wertmüller
3.ª Semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

MENINAS BEM
em 2.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 Estreia às 21.15

Não acons. men. 18 anos

SEX SYMBOL
c/ Connie Stevens, Sheeey
Winters

ROMA
T. 727778 17.00, 19.00 e 21.15

Int. men. 18 anos

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
c/ Sylvia Kristel
Este filme contém cenas eventual-
mente chocantes

RESTELO
T. 610375 21 h.

Não acons. men. 18 anos

AS NOITES LOUCAS DO HOTEL LUIZ-DE-MEL

UNIVERSAL
21 h.

(Para todos)

O FUNERAL DO PATRÃO
As 17.00 e 23.00

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
BARRINHOS
— QUEM TEVE MEDO DO
PODER POPULAR
Não acons. men. 13 anos

COIDES
T. 322523 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

SOLDADO AZUL
um acontecimento fora de série
c/ Andace Bergen, Peter Strauss

BERIA
T. 776098 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Para todos

Os grandes sarilhos de um polícia
em Saint-Lopez

O GENDARME EM FÉRIAS
C/ Louis de Funès

LONDRES
T. 801313 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

PATO COM LARANJA
c/ Monica Vitti
Ugo Tognazzi

ROXY
T. 48560 17.15, 19.15 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

TRINITY COW-BOY INSOLENTE
c/ Terence Hill, Bud Spencer

TIVOLI
T. 570595 17.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

Uma história mortal!
Um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU
4.ª Semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
T. 897480 17.15, 19.15 e 21.30

PARA TODOS

AS MOTOS DO INFERNO
c/ Bruce Brown
Steve McQueen, turbilhão da
poeira dos loucos da aventura

PATHE
T. 821933 17.15, 19.15 e 21.30

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
com Sylvia Kristel
Interditado a men. de 18 anos
Este filme contém cenas eventual-
mente chocantes

NITAS
T. 574313 17.15, 19.15 e 21.45

Não acons. men. 13 anos

O Chile de Allende e Pinochet

CHOVE EM SANTIAGO
2.ª Semana

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (13 anos)
«Não toques na mulher
Branca»

EUROPA
21.30 e 24 (18 anos)
«Uma tese escandalosa»

CINEBOLSO
21.30 e 24 (18 anos)
«Relações escaldantes»

SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«John Sem Lei»

JARDIM
21.30 (18 anos)
«O Triturador»

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«A mulher de Gelo»

LUMIAR
21.145 (18 anos)
«Execução»

PALÁCIO FOZ
21.00 (13 anos)
«Metro Polis»

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«L'Authentique Procès de
«L'Été»

SALÃO IDEAL
21.30 (18 anos)
«O Padrinho do Harlem»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS/Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Tommy»

ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (13 anos)
«O Telefone cor de rosa»

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«O Diabo Dentro Dela»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«O Justiceiro Amarelo»

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Malícia»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«O Justiceiro Amarelo»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«O Leão e o vento»

AMADORA
Cinestudio
21.30 (18 anos)
«Confidências de um lavador
de janelas»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Noite do pecado»

OUTRA BANDA

ALAMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Um dia de Sol»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Lucy Luciano»

PORTO/Teatros

GRUPO OS MODESTOS
21.30 (13 anos)
«O Santo Inquérito»

SÁ DA BANDEIRA
«Godspell»

ANTÓNIO PEDRO
22 (13 anos)
«As artimanhas de Scalpino»

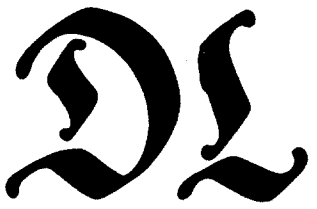
PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«As Noites de Cabiria»

JÚLIO DINIZ
21.15 (18 anos)
«Aventuras eróticas dos 3
Mosqueteiros»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Jogos para Casais Intéris»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Amor entre Menores»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOJA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

HIPÓTESE MUITO VIÁVEL

Salgado Zenha secretário-geral adjunto do P.S.

Francisco Salgado Zenha, ministro das Finanças do VI Governo Provisório, poderá vir a ser escolhido muito brevemente para o lugar de secretário-geral-adjunto do Partido Socialista — admitem fontes próximas das cúpulas desta formação política.

A hipótese confirmar-se-ia logo que Mário Soares passe a ser primeiro-ministro do primeiro Governo definitivo. Por outras palavras: com Soares entregue predominantemente às tarefas governamentais, Zenha substituí-lo-ia nos trabalhos de direcção partidária. De qualquer forma este último, considerado já o n.º 2 do P. S., teria para as novas funções o consenso dos dirigentes e de amplas bases do Partido.

A escolha de Zenha para secretário-geral-adjunto não implica qualquer alteração no tipo hierárquico do P. S. Soares continuaria como secretário-geral e António Macedo como presidente. Apenas um elemento novo poderia ocupar o lugar deixado vago por Zenha nos principais órgãos do Partido. Ainda que secretário-geral-adjunto, Zenha poderia, sem grande prejuízo da própria organização, chefiar o grupo parlamentar do P. S. na Assembleia da República — função de importância maior para a articulação Governo-Assembleia consagrada na Constituição: a eficácia do futuro Ministério depende muito do apoio do Parlamento, onde o P. S. é o Partido com maior representação.

Caso do vidreiro assassinado

Assistência riu com depoimento médico

PORTO, 7 Prosseguiu na tarde de ontem, no Juízo Criminal do Porto, o julgamento do vendedor de automóveis Ludgero Babo de Carvalho, acusado de ter assassinado a tiro o sindicalista vidreiro António Silva, na noite de 25 de Novembro de 1975. Os médicos que fizeram a autópsia afirmaram no tribunal que os tiros não foram com intenção de matar, e esta declaração deu origem a uma forte gargalhada da assistência.

O operário José Fonseca também alvejado a tiro na ocasião, fez um relato pormenorizado dos acontecimentos, salientando que quando saía do Sindicato, naquela noite, após uma reunião, um grupo de indivíduos em número de oito ou nove, vindos da Rua Guedes

de Azevedo, se abateu sobre ele e dos seus dois colegas, com provocações do género «Comunistas fora do Sindicato» e outras. Entretanto terá havido troca de palavras entre o assassinado e um indivíduo de bigode que, empunhando uma pistola, agrediu-o primeiramente com uma coronhada, enquanto que para o declarante se dirigiram outros dois indivíduos, um deles com uma navalha. Envolvido em luta com aqueles dois, ouviu entretanto o disparo de um tiro que atingiu o seu camarada.

Sobre o autor do assassinato, João Fonseca afirmou ter a impressão de ser o réu. Não podia, no entanto, dizê-lo com certeza absoluta: as cenas foram muito rápidas e estava cheio de medo.

Publicados os acordos entre Portugal e Cabo Verde

Em suplemento da I Série do «Diário da República» n.º 155, do dia 5 de Julho, foram publicados os acordos celebrados a 15 de Abril do ano em curso pelos governos de Portugal e da República de Cabo Verde. Passam, assim, à sua plena aplicação acordos relativos à empresa de pesca Congel, a um subsídio não reembolsável, à assistência técnica no domínio da meteorologia, aos transportes aéreos, e à cooperação nos domínios do desenvolvimento marítimo.

Destacam-se entre estes acordos o relativo à Congel e o que dispõe a concessão de um subsídio de 170 mil contos. A Congel era uma sociedade de pescas e congelação que

tinha atingido o estado de falência, sendo Portugal o principal credor, mas havendo ainda credores privados e certos créditos cabo-verdianos. Segundo este acordo vai ser promovida a convocação da Assembleia Geral com o objectivo de dissolver a sociedade, mediante acordo de credores.

O subsídio não reembolsável deverá ser remetido ao Governo de Cabo Verde durante este ano e corresponde à parte dos compromissos de 300 mil contos assumidos por anteriores governos portugueses e ainda não solvidos. A maior parte dos 170 mil contos serão utilizados em compras no mercado português.

CORTES DE ENERGIA

Gasto maior que o ganho — comenta a Intersindical

A medida de restrição que impõe o corte diário de uma hora e meia da energia eléctrica e as consequências que dela advêm está a ser objecto de uma onda de protestos. O patronato já manifestou o seu descontentamento e prepara-se «para fazer pagar aos trabalhadores partidos prejuízos resultantes da decisão», afirma um comunicado da Intersindical, divulgado ontem à noite. Sabe-se que em algumas empresas os patrões começaram já a esboçar indícios de recusa do pagamento do salário correspondente ao tempo da interrupção de energia.

Considera ainda a Intersindical que o VI Governo, ao pôr em prática um conjunto de medidas que não resolvem nada, antes pelo contrário só vêm agravar a situação económica do País e gerar conflitos sociais a nível de empresas, «não ouviu previamente os trabalhadores como obriga a Constituição». Por outro lado «perde-se 20 escudos de produção para poupar um escudo de energia». É um exemplo que mostra a leviandade desta maneira.

Finalmente o texto da Intersindical diz claramente que os trabalhadores se irão opor «a uma política de recuperação capitalista que às medidas recentemente tomadas anuncia».

Por sua vez, o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, e Lanifícios e Vestuários do Sul pergunta num comunicado «a quem beneficiam os cortes diários de electricidade?» Salienta-se as manobras do patronato «que tenta pressionar os desprevenidos trabalhadores para estes assinarem horários de trabalho de forma a que a paralisação não atinja-se às suas empresas».

A POSIÇÃO DOS PARTIDOS

Quatro partidos políticos (PS, PPD, CDS e PC) pronunciaram-se também sobre as medidas de restrição da energia eléctrica. Para o Partido Socialista «embora reconheça que

possa haver certos detalhes técnicos a aperfeiçoar no respeitante à medida» acrescenta que «as perturbações que se têm verificado resultam, por um lado da falta de hábito dos portugueses nestas questões de austeridade e, por outro de certos inconvenientes, os quais todavia podem ser evitados neste ou naquele sector». No entanto o Partido Socialista acha que «as medidas são uma necessidade».

O CDS manifestou uma opinião totalmente oposta classificando as medidas de «sabotagem económica». Afirma mesmo que «condena severamente as medidas tomadas pois elas nada servem a economia do País». Para o Partido Comunista as restrições devem-se ao aumento do custo do petróleo e ainda aos erros do regime fascista que criou uma dependência de Portugal ao estrangeiro quanto à importação da energia. Quanto às medidas propriamente ditas «pecam pela justiça, pecam pela falta de explicação ao público, mostrando um desprezo pela opinião pública».

NOTA OFICIOSA

Falta de energia não afecta salários

O Ministério do Trabalho emitiu uma nota oficiosa relativa aos conflitos laborais que estão a surgir, motivados pelas paralisações de trabalho em razão dos cortes de fornecimento de energia às empresas, como vem acontecendo no decorrer desta semana. Diz o M. T.:

«Tendo vindo a dirigir-se ao Ministério do Trabalho numerosas empresas, organizações de trabalhadores e associações patronais, no sentido de obtenção de esclarecimento das questões que se levantam com a interrupção do fornecimento de energia eléctrica às empresas, deliberada recentemente, e objecto de resolução do Conselho de Ministros, torna-se por este meio pública a orientação deste Ministério quanto àquelas questões.

«Assim:

«1. A resolução do Conselho de Ministros, como facto que impossibilita parcialmente o normal cumprimento das prestações a que estão obrigadas as empresas e trabalhadores, muito embora seja um facto voluntário por ultrapassar a vontade das duas partes dos contratos de trabalho e pelo seu carácter inevitável e imprevisível (para as duas partes citadas) integra-se na noção de caso de força maior. Este caso de força maior, pela sua fonte (autoridade pública) integra o chamado «Facto do Príncipe».

«2. Tal facto, como motivador da diminuição da produção, está previsto no Art.º 79 da L. C. T. (Dec.-Lei n.º 49408 de 24 de Novembro de 1969) originando responsabilidade objectiva

PERIGO PARA DOENTES

Em Vila Franca, no hospital, viveram-se momentos de tensão em virtude do corte de energia eléctrica. Os trabalhadores do hospital tiveram uma reacção imediata enviando telegramas a várias entidades governamentais nomeadamente ao Primeiro-Ministro, ao Ministério dos Assuntos Sociais, secretário de Estado da Saúde e Director-Geral dos Hospitais.

Ainda não se registou nenhum caso de morte devido à falta de electricidade mas há doentes segundo informa o enfermeiro, que precisam de ser aspirados. O hospital tem um banco com muita afluência e se aparecer um caso grave na hora do corte como vai ser? Por outro lado o corte da luz prejudica a unidade de cuidados intensivos para doentes coronários.

Nas condições deste hospital certamente há outros por esse país fora. Se alguns possuem geradores muitos ainda não estarão apetrechados com esses recursos.

CRIME E VITÓRIA

O caso do dirigente sindical vidreiro, António Silva, assassinado friamente a tiro, em Novembro passado, no Porto, quando saía do seu sindicato, está, como se sabe em julgamento.

Entretanto, e para além das contradições reveladas pelo presumível criminoso — que tem revelado uma falta de memória notável...

— veja-se, como num artigo assinado em «O Comércio do Porto», alguém com as iniciais A.B., explica o crime: «o caso passou-se num período particularmente agitado, quando forças patrióticas fiéis ao espírito do 25 de Abril, que tresloucados procuravam alterar, tomavam a sério a defesa da independência deste país e dominavam os rebeldes, militares e civis. Aconteceu exactamente na madrugada de 25 para 26, data que marca, como se sabe, a grande vitória dos militares autenticamente identificados com o interesse do Povo português».

NOTÍCIAS DO QUOTIDIANO

Na secção «Política Nacional», do jornal «O Dia» (página 2, caixa a duas colunas) podia ler-se, esta manhã, a seguinte informação sobre as actividades do general Eanes: «Anteontem, o Chefe do Estado deslocou-se, como é natural, ao estabelecimento «Príncipe Elegante», conhecido cabeleireiro de homens de Lisboa, para o corte periódico de cabelo. Segundo a opinião das pessoas que ali se encontravam, Eanes não deveria prescindir deste hábito, já constitui também um contacto com o povo. Por sua vez, a nova primeira dama andou ontem pela Baixa a fazer compras, sendo vista ao fim da tarde, a pé, entre o Chiado e os Restauradores. Alguns populares dispensaram-lhe carinhosas manifestações».

Marinheiros actualizados reingressam na Armada

Dos vinte e oito marinheiros que recentemente frequentaram um curso de actualização na Armada, catorze decidiram requerer a sua passagem ao oficialato, e outros tantos decidiram «regressar a casa com o posto de sargento-ajudante» mais o direito à pensão de reserva. Todos tiveram aproveitamento positivo. Aqueles que vão prosseguir a sua actualização deverão frequentar dentro em breve um segundo curso na Escola Naval, depois do que serão reintegrados como oficiais da Marinha de Guerra.

Dos vinte e oito marinheiros que participaram no curso do Alentejo, alguns tinham tomado parte activa na «Revolta dos Marinheiros» em 1936.

Dificuldades da Imprensa originam greve em Itália

ROMA, 7 (F.P.) Uma greve nacional de vinte e quatro horas proclamada pelos Sindicatos dos Jornalistas e dos Tipógrafos paralisa hoje a Imprensa italiana. As duas agências Ansa e Italia suspenderam o seu serviço. Os jornais não serão publicados amanhã.

A Federação Nacional da Imprensa Italiana (F. N. S. I.) esclarece que a greve foi proclamada para pedir ao Governo, ao Parlamento e aos responsáveis uma solução global das dificuldades do sector, porque a acção «caso a ca-

so» está a ser ultrapassada pela extensão dos problemas.

A questão da Imprensa sublinha a F. N. S. I., é sem dúvida económica, mas essencialmente política. A F. N. S. I. protesta contra as operações que desde há vários meses visam «a concentração», a fim de resolver o défice dos jornais, devido a uma gestão não racional.

Depois de acentuar que o pluralismo da Imprensa é a condição indispensável de toda a democracia, a Federação dos Jornalistas pede uma reforma do sector que evite a ruína